

AS IRMÃS MELO: ESCRITA FEMININA E PARCERIA LITERÁRIA NO BRASIL MERIDIONAL (*BERILOS*, 1911)

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak



AS IRMÃS MELO:
ESCRITA FEMININA E PARCERIA
LITERÁRIA NO BRASIL MERIDIONAL
(*BERILOS*, 1911)

FICHA TÉCNICA

Título: *As Irmãs Melo: escrita feminina e parceria literária no Brasil Meridional* (Berilos, 1911)

Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak

Coleção: Documentos, 14

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, abril de 2018

ISBN – 978-989-8916-09-9

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto «UID/ELT/00077/2013»

Esta é uma obra em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (CC BY NC 4.0)



Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutor em História pela PUCRS (1998) e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016) e à Universidade do Porto (2017). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e dez livros.

Luciana Coutinho Gepiak é graduada em Letras (FURG), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea (UFPEL) e em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura (FURG), Mestre em Letras (FURG) e Doutoranda em Letras pela mesma Universidade. Atua como Assessora de Literatura na Secretaria Municipal de Cultura. Tem um livro publicado em coautoria na *Coleção Documentos* e dois publicados na *Coleção Rio-Grandense*.

Francisco das Neves Alves

Luciana Coutinho Gepiak

**As Irmãs Melo: escrita feminina e
parceria literária no Brasil
Meridional (*Berilos*, 1911)**



- 14 -

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2018

Índice

As irmãs Melo, a escrita feminina e a obra <i>Berilos</i>	7
Primeiro Livro	13
Segundo Livro	95

AS IRMÃS MELO, A ESCRITA FEMININA E A OBRA *BERILOS*

As irmãs Melo, Julieta e Revocata, foram típicas representantes da escrita feminina brasileira dessa época. Ambas tiveram influência nas lides literárias desde o berço, com vários membros da família atuando em tal sentido. Avós, tios, tias, mãe e irmão foram escritores, promovendo em torno das irmãs um ambiente propício ao caminho das letras que marcaria a existência das duas. A mais velha, Revocata Heloísa de Melo, nasceu em Porto Alegre, a 31 de dezembro de 1853, vindo a residir ainda na juventude na cidade portuária do Rio Grande, local onde desenvolveu toda a sua longa carreira, até a morte, em 23 de fevereiro de 1944. Julieta Nativa de Melo era o nome de batismo da outra irmã – o Monteiro foi acrescido com o casamento –, nascida a 21 de outubro de 1855, naquela urbe marítima, na qual também viveu e escreveu até o falecimento, em 27 de janeiro de 1928. Elas desenvolveram uma parceria única, de modo que suas obras encontram-se plenamente integradas, existindo entre ambas “a mais completa identidade”¹.

A vida intelectual das irmãs, como era comum à época, foi múltipla, movendo-se em direções variadas, como a poesia, o conto, a crônica e a dramaturgia. Em termos de produção bibliográfica, Julieta Monteiro publicou *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Alma e coração* (1897) e *Terra Sábara* (1928 – edição póstuma). Por sua vez, Revocata de

¹ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Corag, 2006. p. 313.

Melo publicou *Folhas errantes* (1882). A parceria das duas era tão constante, que chegaram a publicar conjuntamente *Coração de mãe* (1893), um drama teatral, escrito a quatro mãos e *Berilos* (1911), edição na qual cada uma redigiu uma das duas partes em que se divide a obra, diversificada entre contos e crônicas da lavra das autoras. Ambas também exerceram a docência, atuando como professoras particulares. O ponto alto de suas carreiras, entretanto, foi o jornalismo, no qual militaram, ininterruptamente, desde os anos 1870, até suas respectivas mortes, colaborando com periódicos de gêneros diversificados, notadamente literários, e editando jornais.

Elas tiveram também uma grande preocupação de cunho social, movendo campanhas pela abolição da escravatura e no sentido de mitigar a pobreza e combater as mazelas sociais. Politicamente, sustentaram uma perspectiva mais liberal, tanto que, após a proclamação da República, filiaram-se à oposição federalista, colocando-se na luta e na resistência contra o modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante décadas, com a ditadura castilhistaborgista. Além disso, a batalha mais incessante movida pelas irmãs Melo foi aquela em prol das transformações na condição social feminina. Em seus livros e nas tantas colaborações publicadas em periódicos, foram recorrentes os textos voltados a defender os direitos das mulheres e situações mais igualitárias nas relações de gênero. Nesse sentido, uma de suas grandes bandeiras foi exatamente aquela que promovia a ideia de que a educação feminina era o único caminho para a obtenção de um novo papel social para a mulher.

A ação das irmãs Melo a favor da causa feminina foi tão constante que elas encontraram amplo reconhecimento em meio às defensoras dos direitos das mulheres e do feminismo. Entre elas, esteve a escritora Andradina de Oliveira que apontou Julieta e Revocata como “duas glórias do Rio Grande do Sul mental”². Outra militante da causa feminista, Maria Lacerda Moura, em uma de suas publicações, refere-se às irmãs,

² OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907. p. 27.

ao tratar das “brasileiras célebres”, apresentando-as como “jornalistas profissionais” atuantes no Rio Grande do Sul³. Também ativista do feminismo, a escritora portuguesa Ana de Castro Osório, ao discutir a “luta intelectual” das mulheres, considerava as irmãs Melo, “respeitadas e veneradas, como relíquias sagradas”, destacando-as como “jornalistas combativas” e defensoras “dos mais modernos ideais femininos”, e, portanto, constituindo, “um belo exemplo de inteligência progressiva, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo”⁴. No mesmo quadro, esteve ainda a escritora engajada com o ideal feminista Mariana Coelho, que qualificava Revocata e Julieta como “intelectuais distintas”, as quais colocaram seu “valioso préstimo moral e intelectual” ao serviço das “mais nobres causas”, vindo a ser “conhecidas até além das fronteiras do seu país”, por meio da “elevação de ideias” em direção à meta de promover o “progresso do feminismo”⁵.

Foi junto à imprensa que as irmãs Melo tiveram mais destaque, estimulando as interfaces entre a escrita feminina e o jornalismo literário e cultural. Nas décadas finais do século XIX, a imprensa feminina cresceu quantitativa e qualitativamente no Brasil⁶, quando “várias mulheres fundam jornais”, os quais visavam a “esclarecer as leitoras, dar informações” e mesmo “fazer reivindicações objetivas”⁷. Além dos periódicos femininos propriamente ditos, houve também a inter-relação entre estes e a imprensa literária, uma vez que a “imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura”⁸. Estas “mulheres escritoras” não estavam “isoladas uma das outras, mas, pelo contrário”, formavam “uma

³ MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919. p. 76.

⁴ OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança (a minha propaganda no Brasil)*. Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924. p. 58-59.

⁵ COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933. p. 512-513 e 541.

⁶ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. p. 30-32.

⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 426.

⁸ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p. 22.

espécie de rede feminina” a qual mantinha vínculos com todo o país, e os periódicos foram o “ponto de encontro dessa rede”. A isso se somava o fato de que havia uma “colaboração mútua entre os diversos periódicos”, e este foi “um dos aspectos da solidariedade” que parecia unir tais mulheres⁹.

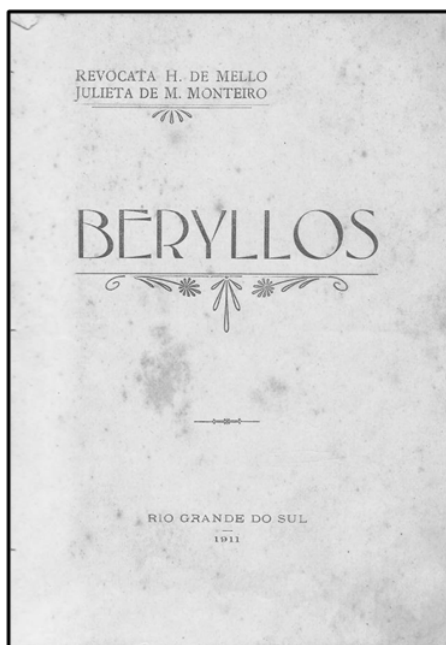
Revocata e Julieta desenvolveram uma longa carreira jornalística, colaborando em diversos periódicos e editando seus próprios jornais. Julieta Monteiro publicou a *Violeta* entre 1878 e 1879 e Revocata de Melo editou o *Corimbo* (1883-1944), apesar do respectivo gerenciamento de cada uma das folhas, Revocata foi a principal colaboradora da *Violeta* e Julieta do *Corimbo*, chegando a ser guindada à condição de correitora, junto da irmã, da longa publicação literária. Mas a parceria entre as duas estendeu-se também ao campo bibliográfico. Além de trabalhos escritos a quatro mãos, com a escritura plenamente compartilhada, elas também dividiram a editoração de livros. Esse foi o caso da obra *Berilos*, publicada em 1911, correspondendo a um dos escritos realizado já em uma fase de maturidade das autoras.

Assim, *Berilos*¹⁰ constitui uma obra escrita em parceria entre as irmãs Melo. O livro tem as dimensões 17,3 cm X 12,2 cm e não há referências à editora, indicando que se trata de uma publicação realizada pelas próprias autoras. O título é uma alusão a um mineral que, se trabalhado, adquire certo valor vinculado à preciosidade das pedras¹¹, ou seja, traz consigo a intenção das autoras em apresentar uma joia literária ao público leitor.

⁹ SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 145-146.

¹⁰ MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s. n.], 1911.

¹¹ Berilo significa “mineral hexagonal, silicato de alumínio e glúcinio, pedra preciosa” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 305).



A colaboração entre as irmãs se restringe à edição do livro, uma vez que em *Berilos* ficam discriminados cada um dos segmentos por elas respectivamente escrito. A obra possui trezentos e sessenta e quatro páginas e é dividida em “Primeiro Livro”, da lavra de Revocata, com duzentas e vinte e seis páginas, e “Segundo Livro”, de autoria de Julieta, que tem cento e trinta e oito páginas. Cada um dos “Livros”, por sua vez é dividido em duas partes, nas quais as autoras distribuem textos diversificados, mormente contos, crônicas e pensamentos.

PRIMEIRO LIVRO

O “Primeiro Livro” de *Berilos*¹ traz na folha de rosto inicial a identificação da autoria – Revocata H. de Melo – e, no verso da mesma, suas obras. São citadas *Folhas errantes* e *Coração de mãe*, mas também, na condição de “a publicar” *Manifestações de palavras* e *Mosaicos*, a primeira voltada à transcrição de discursos e conferências e a segunda a pensamentos. Nas outras folhas de rosto aparece a dedicatória referente aos entes queridos perdidos por Revocata: “À pranteada memória dos meus adorados mortos – culto de eterno amor”, e aos seus sentimentos fraternos: “Aos idolatrados irmãos e amigos de sempre Julieta e Romeu – tributo do coração”.

As duas partes nas quais se divide este primeiro livro têm denominações também ligadas ao título geral da obra, pois a primeira, com catorze textos chama-se “Reflexos”, ao passo que a segunda, “Cintilas”, é composta por vinte textos. Tais nomes trazem em si tanto o reflexo e o tom cintilante das joias, traduzindo a perspectiva da reflexão e do cintilar do pensamento que pode estar presente na obra literária. Neste sentido, a primeira parte é composta por contos e a segunda, por crônicas somadas a breves pensamentos sobre diferentes conteúdos da vida em sociedade, envolvendo meditações pessoais da autora.

Desta maneira, “Reflexos”, a primeira parte, é composta pelos seguintes contos: “A despedida”, “A suicida”, “A confissão”, “A volta do filho”, “O dote”, “A esmola”, “O pêssego”, “O naufrago”, “Uma cena de

¹ MELO, Revocata Heloísa de. Primeiro livro. In: MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 3-226.

campanha”, “A luta pelo amor”, “Narrativa de um cravo branco”, “O paralítico”, “Página de um livro íntimo” e “O retrato”. Já a segunda parte, “Cintilas”, é formada pelas crônicas “Aos corações que amam”, “A amizade”, “O coração da mulher”, “A sala de jantar”, “A oração”, “A avó”, “O egoísta”, “O luxo”, “O outono”, “Os estranhos”, “A lei do trabalho”, “O mar”, “A educação na família”, “A verdadeira virtude”, “Visita ao cemitério”, “Carta a uma amiga”, “O médico”, “Os hóspedes”, “O ciúme” e “A enfermeira”.

Um dos costumes nas obras de Revocata de Melo – as dedicatórias – é mantido em *Berilos*, de modo que cada um, entre quase todos os textos, é ofertado a uma pessoa. Dentre os homenageados há nomes de destaque da literatura e do jornalismo e outros sobre os quais não recaem sequer uma simples informação. Nesta perspectiva, aparecem nas dedicatórias intelectuais brasileiros como Olavo Bilac, Inês Sabino, Andradina de Oliveira, Ibrantina Cardona, Alba Valdez, Carlos Ferreira, Vicente Carvalho, Cândida Fortes Brandão, Júlia Lopes de Almeida, Rosália Sandoval, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Francisca Isidora Gonçalves da Rocha, Alfredo Melo e Presciliana Duarte de Almeida. Além da escritora cubana Eva Canel.

Dentre os homenageados aparecem também parentes da autora, como os irmãos Julieta de Melo Monteiro e Romeu Monteiro; e Manoel dos Passos Figueroa e Júlio Melo, apresentados pela autora como seus primos. São citadas por Revocata, como amigas: Mariquinhas Chula, Amélia Lisboa, Lauducena de Melo Silveira, Marieta R. de Carvalho, Amélia Calcagno Cardia e Janoca Garnier. E, dentre aqueles nomes sobre os quais não há qualquer referência, figuram: Matilde M. de Almeida, Candida A. Pereira, J. Guelfreire, Belém de Sárraga e D. Dolores Ramos Otero.

A parte inicial do “Primeiro Livro” de *Berilos* é composta por contos que trazem temáticas variadas. Nestes escritos, Revocata Heloísa de Melo retoma muitos dos assuntos que desenvolve desde os primórdios de sua carreira e que se tornam recorrentes à sua obra. Ainda que in-

terdependentemente, eles guardam certa relação entre si e os principais temas são a condição feminina, a morte e a guerra.

As ideias de Revocata de Melo acerca do papel social feminino e a relevância da educação na formação da mulher ficam evidenciadas no conto “O dote”. O texto retrata um melancólico e frio entardecer de inverno no qual um casal de velhos, somente ele identificado pelo nome de Eduardo, sem que haja indicação do nome da esposa, dialogam acerca de todos os esforços feitos para conseguir formar um dote para sua filha Helena. O espírito dominante é o de arrependimento pelo mau casamento que acometera Helena (MELO, 1911, p. 31-32). Por meio da conversa do casal se dá a defesa da instrução como condição fundamental para a formação feminina:

Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, retrucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina à mestra, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

Quantas rugas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que a mulher que tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

Tens razão mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que a custo dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena! (...)

E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade da minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fomes, frios, vergonhas, e não nos poder contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil ignorante, cuidava que uma mulher não precisava

aprender, bastava ter dote, para achar marido, e aí estava a sua felicidade! (MELO, 1911, p. 32-24).

A triste história de “O dote” termina em tragédia, quando o texto revela que o destino da infeliz Helena fora o túmulo. Entretanto, fica um rasgo de esperança, pois ela deixara uma filha, agora sob os cuidados dos avós e Eduardo demonstra uma renovação de suas convicções, afirmando que a neta haveria de ir à escola e de “habilitar-se para os imprevistos da sorte”, não sonhando para ela “um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado” que a procurasse “para sua companheira pelo amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida”. A frase que encerra o conto é lapidar e conclusiva em relação ao pensamento em pauta: “Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado” (MELO, 1911, p. 33-35).

As interfaces entre a pobreza e a condição social da mulher estão presentes no texto “A esmola”, que trata de uma “pobre velhinha”, abandonada à própria sorte em uma noite de inverno chuvosa, gélida e ventosa. A personagem tiritita “de frio e de pavor”, enfrentando a “solidão horrível” da pobreza, e pensa sobre a “parca e exígua refeição” com a qual contava para aquele dia. Ela chora diante da “tortura da miséria”, lamentando pelo “destino maldito” que lhe roubara o “filho adorador, operário honrado”, que tudo enfrentava “pela sua blusa de trabalho”. Apesar de toda a penúria, a velhinha não deixa de entregar seu último pedaço de pão à criança que bate à sua porta, pedindo algo para a sua mãe, “infeliz paralítica que passara o dia com fome”. A preocupação central do texto está relacionada com as mazelas sociais que historicamente afligiram o país, notadamente no caso de uma mulher em plena velhice e sozinha. A senhora perdera seu arrimo de família, sem poder contar com nenhum apoio e, ainda assim, dividira seus poucos víveres com alguém em condição de fragilidade social ainda mais intensa. A frase final bem revela o desamparo e a desesperança: “Deus velará por mim!” (MELO, 1911, p. 37-40).

A pobreza e o feminino também são a temática predominante em “O pêssego”, que tem por cenário um conceituado colégio, no qual a

aceitação das alunas se dava a partir de “altas exigências”, de modo que “só as filhas de abastados proprietários” tinham condições de frequentar a “importante casa de instrução”. O texto se concentra na algazarra das meninas enquanto aproveitavam suas fartas merendas. A exceção era Branca, uma “galante”, mas pobre criança, só aceita por ser filha de uma fiel criada da mãe da diretora. Durante o recreio, enquanto as colegas aproveitavam a lauta refeição, a pobre menina se limitava a mastigar “tristemente um seco pedaço de pão”. Ela até “tinha ímpetos de implorar um pouquinho daqueles comeres”, mas a avó ensinara-a a não fazê-lo. Seu único lenitivo era Pepita, colega que compartilhava com ela sua merenda. O cerne da história se dá com o desaparecimento de um enorme pêssego do pomar, prometido ao professor de música. Apesar da existência de evidências de que Pepita era a culpada, Branca assume a culpa pela amiga, vindo a ser reconhecido por parte da professora “aquele sublime ato de abnegação”, apontando Branca, dentre as demais alunas – que a tinham acusado – como “a de mais nobres qualidades” e “a de melhor coração”. O texto deixa uma moral evidenciada, evocando que nem sempre a melhor condição social pode ser sinônimo de honestidade, podendo a integridade estar do lado mais pobre (MELO, 1911, p. 41-45).

O feminino, a natureza e o romance predominam em “Narrativa de um cravo branco”, no qual a própria flor, ganhando vida nas asas literárias, conta sua história. Ela, após colhida, foi entregue pelo jardineiro a “uma senhorita que era o mimo dos pais e que amava o belo como todas as almas repletas de ilusões”. Tal moça resolve presentear o cravo para uma amiga, “que tinha a imaginação cheia de poesia e o coração pleno de ternuras”. Esta, por sua vez, deu a flor para um “moço elegante, bonito, de olhar ardente e sorrisos francos”. Ao final da vida, já quando perdera o perfume e a beleza, o cravo se dizia feliz por ter sido guardado carinhosamente pelo rapaz, pois “servira de talismã de amor, e morrera na propriedade de um dono gentil”, que sabia “falar ao coração da mulher”. Era mais um retrato do amor ro-

mântico, tantas vezes atribuído como destino ideal nos caminhos do feminino (MELO, 1911, p. 63-66).

A figura feminina e o heroísmo ficam articulados no conto intitulado “O retrato”. A protagonista é Rosa, moça “criada na roça, filha de pais rústicos e vivendo unicamente para o labor material”. Tais condições de vida tiram de Rosa todas as possibilidades de estudo ou urbanidade, de modo que ela “nem sabia ler”. Apesar disso, a autora traça um outro olhar sobre Rosa, definindo que, “em compensação” à falta de formação, ela era “de uma natureza totalmente poética”, ou seja, mesmo que despreparada para as luzes do conhecimento, seus “grandes olhos, divinamente pensativos, buscavam de preferência as telas da natureza, tocadas pelos reflexos violáceos da tristeza”. Ainda que “os mais guapos rapazes da vila” pretendessem conquistar o coração de Rosa, ela permanece fechada às investidas, uma vez que preferia se dedicar a um “amor ideal”, que destinava a um retrato colocado à cabeceira de seu leito (MELO, 1911, p. 75-77).

Em seguida, Revocata passa a descrever as circunstâncias pelas quais aquele retrato chegara às mãos de Rosa. O contexto narrado pela autora é identificado plenamente com as revoltas que marcaram as origens da República no Brasil, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. A narrativa remete à presença de um viajante que pernoitara na casa dos pais da protagonista, vindo da guerra e destinando-se à capital, “em honrosa comissão militar”. Em referência à rebelião da Armada, a autora descreve que aquela visita se dera bem na ocasião em que “fracassara na baía do Rio de Janeiro a importante Revolta de 6 de Setembro, que tantos rasgos de heroísmo alcançou da intemerata marinha brasileira”. O viajante saía apressado, esquecendo-se de um retrato, o qual se torna objeto da paixão de Rosa, admirando a imagem do homem, sem saber ler o seu nome estampado abaixo da fotografia. O fim do conto era trágico, com a morte de Rosa aos dezessete anos, “vitimada por cruenta febre”, bem de acordo com os tantos focos epidêmicos que assolavam o Brasil e o Rio Grande do Sul naquela virada do século XIX para o XX. O retrato que marcava a história de amor

acaba por ser encontrado e identificado como de Saldanha da Gama, denominado de “imortal brasileiro”. Dois pensamentos ficam expressos na narrativa, ou seja a impossibilidade da mulher identificar o alvo de seu amor, por não saber ler – relembrando a questão da relevância da educação feminina –, e o enaltecimento da autora para com um dos principais personagens da Revolta da Armada e que viria a ingressar também na Revolução Federalista, lutando contra os governos autoritários de então, buscando elevar o militar Saldanha da Gama à condição de herói nacional (MELO, 1911, p. 77-79).

Quanto às interfaces entre as temáticas abordadas na primeira parte dos escritos de Revocata, ocorre uma aproximação entre a condição feminina e a morte. Neste sentido, “A suicida” traz os dilemas de Regina, personagem única do conto que encara o suicídio como uma alternativa para a sua agonia, vendo tal atitude não como uma covardia e sim como “um meio extremo”, ou seja, o termo de um “viver que atrofia, aniquila o corpo e o espírito”. Regina considera que “saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo”, afirmando que tinha “forçosamente de buscar a morte”. Ao longo do conto, em sua solidão, a protagonista pensa e repensa sua atitude, trazendo diversas reflexões sobre o ato fatal que está por cometer e a culminância da história se dá com Regina sentada ao leito e disparando o revólver contra seu coração. Revocata leva ao leitor um tema complexo como o suicídio, mas também reflete sobre a condição feminina ao revelar, em meio ao texto, o motivo que a levou ao auto-sacrifício. A autora descreve que “Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo”; ela desejava “ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho”. Em outras palavras, a escritora descreve a situação da moça que perdera a virgindade fora do casamento, condição que à época era encarada com pleno preconceito e considerada como inaceitável. Os rígidos padrões de conduta moral e social acabavam por ser uma fator de imolação da figura feminina (MELO, 1911, p. 15-19).

A mulher e a extinção da vida também estão presentes em “A confissão”, texto composto por dois personagens, o marido, na cama, às portas da morte, não identificado por um nome e sua esposa Marina, que lhe dá as últimas assistências. O esposo agonizante conta a ela um segredo de um colega de farda – mais uma vez a autora traz à tona a recorrente vida militar gaúcha, na qual as condições de ser civil e militar confundiam-se nas vivências dos homens – que cortejara uma mulher supostamente casada e que com ele trocara correspondência. Com a morte do amigo, o marido ficara com as cartas e, agora moribundo, preferira mostrá-las à esposa para que ela não pensasse que era ele o traidor. Por mais que a história evidencie que o ato não passou da troca de missivas, a cada momento fica demarcado que a mulher em questão é a própria Marina que “estremece sem querer” ao ouvir o relato e prepara-se para “implorar o perdão” do marido, apercebendo-se então que ele morrera. A autora mais uma vez toca em uma questão candente aos padrões morais de então, ou seja, aborda o princípio da fidelidade feminina, pelo qual a esposa tinha uma obrigação quase que sacrossanta para com seus votos matrimoniais, de modo que até mesmo uma troca de correspondências poderia ser considerada como uma traição (MELO, 1911, p. 21-26).

O final da vida, temática tão recorrente na obra de Revoca, também se faz presente no texto “O naufrago”. A maior parte da vida da autora foi passada na portuária cidade do Rio Grande, conhecida pelo comércio marítimo e pelas atividades ligadas à pesca, mas também pelas amplas dificuldades oferecidas à navegação, ficando aquele trecho da costa gaúcha conhecido inclusive como cemitério de navios. Neste sentido, tal contexto serve também para que a escritora busque inspiração e, mais uma vez, aborde a questão da morte. O conto se passa em “uma noite de julho, nevoenta, gélida e triste”, bem de acordo com as condições do inverno rio-grandino, e retrata a chegada de um naufrago às proximidades da terra. O marinheiro, “bravo filho das ondas”, desdenhara “sempre da tempestade e da traição dos mares”, mas acabara se deparando com o “medonho impossível”. Ele vira

seu navio afundar e escapara em uma “frágil canoinha”, vagando por dias “à mercê das ondas” e, vendo “uma nesga de terra”, empreendeu “luta aterradora” para chegar até ela. Mas o homem do mar não atinge seu objetivo, morrendo antes de chegar à praia, sendo encontrado por “pescadores aterrorizados”, ao encarar “aquele esquife marítimo com um cadáver no fundo”. Neste texto, a autora traz às suas narrativas um episódio que muitas vezes deve ter lido nas páginas dos periódicos locais que tantos sinistros marítimos divulgaram em suas notícias (MELO, 1911, p. 47-49).

O desespero e a proximidade da morte são os temas do conto “O paralítico”, narrativa da vida de Gastão, um artista que aprimorara seus talentos estudando na Itália, mas que, retornando à pátria, viu-se “repentinamente a braços com uma paralisia cruel”, ficando condenado ao leito e à cadeira de rodas. Era uma dura existência, “torturada em plena mocidade”, porém ele ainda conseguia utilizar o pincel e dar vida à sua arte. Mas até aquela mínima condição atenuante, foi perdida quando a paralisia chegou até mesmo aos braços. Só restavam os cuidados da “mãe extremosíssima”, e a tristeza impera até que ele lançasse o “derradeiro adeus” para o pincel e a palheta. A finitude humana, tema tão caro à obra de Revocata, que inclusive perdera um irmão também artista, vinha mais uma vez a marcar sua produção literária (MELO, 1911, p. 67-70).

Amor e morte compreendem o pano de fundo de “Página de um livro íntimo”, o qual se concentra num diálogo entre um homem e uma mulher. Ele conta “a história de seu amor, com tanto sentimento, com tanto ardor, com tanta alma, que a impressionara vivamente”, de modo que ela se sente “docemente atraída por ele”. Entretanto a história que ele descreve é sobre a morte de sua noiva, e sua “amargura e tortura” é comparada a de Prometeu, Romeu, Eurico e Petrarca. Tal sentimento é descrito como uma “epopeia de amor”, na qual ele estava “sempre acompanhado pelo espírito da mulher amada, como se fora o seu anjo da guarda”. O amor além da vida era a moral do conto, julgando que “aquele homem, tão longe da vulgaridade dos homens, merecia bem

ser amado por uma mulher capaz de compreender toda a imensidade de sua alma”. Mas fica demarcada a ressalva, com “a triste certeza de que o coração” daquele homem “estava profundamente adormecido para as paixões terrenas, guiando-o na vida o culto imáculo de uma recordação sagrada”, que marcaria sua existência no passado e no presente (MELO, 1911, p. 71-74).

A questão da morte também adeja em “A luta pelo amor”, texto que conta a história de Antônio, um jovem português que viera para as plagas rio-grandenses para tentar ganhar a vida. Nesse meio tempo, apaixona-se por Francelina, passando a contar com o “paraíso do amor correspondido”. Apesar de feliz com o romance, Antônio estava insatisfeito, pois não conseguia um trabalho que permitisse melhores condições de vida, vendo-se diminuído em “seu singelíssimo trajar”, diante “dos rapazes que procuravam disputar o amor de Francelina, envergando belos fatos domingueiros”. Apesar das dores do amor, Antônio decide buscar melhor colocação em outro lugar, tendo de despedir-se de sua amada. Após várias tentativas, o “jovem herói” consegue os progressos desejados, mas, ao procurar Francelina, descobre sua trágica morte, restando-lhe apenas conviver com a saudade e as lembranças da moça que não chegara a desposar (MELO, 1911, p. 55-62).

A guerra com a qual a autora convive tão proximamente foi outro tema inserido na parte inicial de *Berilos*. Nesta linha, “A despedida” descreve um quadro de guerra. A história trata de Gilberto, um militar condenado ao fuzilamento, que tem a última chance de visitar sua filha, antes da morte anunciada. Há fortes indícios de tratar-se da guerra federalista, encerrada alguns anos antes e que foi evidenciada pela violência. Gilberto poderia ser um prisioneiro, um traidor ou um desertor, cujo destino estava marcado. Disfarçado, ele consegue chegar até a vila em que morava e encontra sua Mimi dormindo, vindo a abraçar-lhe e aproveitando os últimos instantes em sua presença, tomando o cuidado para não lhe acordar, evitando revelar seu triste destino, que se confirmaria, caindo fuzilado na manhã seguinte. Revocata revela nesse conto a realidade tão presente nas vivências sulinas,

marcadas por guerras que ceivavam maridos e pais de família e, como ela mesma destaca, Mimi estaria abandonada aos infortúnios da orfandade: “E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue quem sabe a ingrato destino” (MELO, 1911, p. 9-14).

As sequelas dos conflitos bélicos estão mais uma vez presentes nos escritos de Revocata no conto “A volta do filho”, que retrata o retorno de um “garboso militar que fazia o encanto das moças da vila e a inveja dos rapazes de todos aqueles arredores”, mas que, “vítima da guerra” voltara como “um infeliz inválido”, com os braços “arreatados por uma bombarda inimiga”. A autora descreve que o rapaz atuara sob a força “sublime de heroísmo e amor pátrio”, indicando que ele lutara num dos tantos enfrentamentos bélicos que o Brasil realizou contra os vizinhos platinos e nos quais a participação dos soldados gaúchos foi fundamental. O jovem mutilado é recebido por sua mãe, uma “pobre velhinha” que havia “suportado por longos meses as agruras da saudade e as tempestades desabridas da pobreza”. O destino da personagem, chamado Álvaro, junto de sua mãe é caracterizado como tétrico, tendo em vista o inverno “hórrido e impiedoso” que se aproximava, de modo que “a miséria os esperava com as fauces escancaradas, medonhas”. Por meio de seu conto, Revocata de Melo evidencia mais uma vez os horrores da guerra, que tanto ceifara muitos de seus conterrâneos, deixando abandonadas à própria sorte inúmeras famílias (MELO, 1911, p. 27-29).

As agruras da guerra voltam a ser retratadas por Revocata Heloísa de Melo no conto “Uma cena de campanha”, na qual é descrita a morte por fuzilamento de “um pobre rapaz de vinte anos, infeliz soldado a quem coubera a sorte de ser passado pelas armas”, por ter cometido a terceira deserção. A autora descreve a “campa onde dormia o sono eterno uma desventurada criança”, sem deixar de apontar a causa que o levava a cometer aquele crime militar. Ele abandonara o posto por três vezes, movido “pelo grande amor de filho”, para ir visitar “a mãe pobre e enferma”, deixando de lado até “a rigorosa disciplina militar, o amor da pátria e a voz ríspida do capitão”. A nobreza do moço

fica retratada em seu último ato, ao pedir a um sargento que leve as moedas de seu último soldo para sua “velha mãe”. O recorrente tema dos enfrentamentos bélicos tão comuns à formação gaúcha voltava à pauta nos escritos de Revocata, sem deixar de demarcar a injustiça da guerra que ceifava os filhos às suas famílias (MELO, 1911, p. 51-53).

“Cintilas”, a segunda parte do “Primeiro Livro” de *Berilos*, apresenta uma série de crônicas envolvendo reflexões pessoais da autora e abordando matérias diversificadas, muitas delas envolvendo questões comportamentais como amor, condição feminina, família, religião, tristeza, trabalho, instrução, ambiente natural, assistência social, morte e vida profissional. Alguns deles são assuntos recorrentes na obra de Revocata e estão associados a outros não tão comuns, de modo que sua variabilidade indica a sua apresentação linear e não temática. A maior parte destes textos que compõem a segunda parte é entremeada por breves sentenças, expressando pensamentos da escritora acerca de diversos tópicos relacionados à vida em sociedade.

O texto que abre a parte intitulada “Cintilas”, denominado “Aos corações que amam”, versa sobre um sentimento que, segundo a autora, não poderia ter fim – o amor, mostrando um caráter dicotômico para o mesmo, ou seja, “ele vive e viverá sempre” para “o martírio e a felicidade da criatura humana”. Pelo lado negativo, a escritora identifica causas em geral de fundo amoroso nas estatísticas criminais, na presença em hospícios, e nos atos suicidas. Mas, em outra perspectiva, afirma que “quem ama tem sempre a alma aberta para o belo”, principalmente quando o alvo da observação é a natureza; bem como declara que “quem ama compreende e admira todas as manifestações da arte”, como a música, a poesia e a pintura. Diante disso, Revocata conclui que “embora seja o amor um sofrimento, quem ama vive, sonha, pensa, deleita-se nos braços de uma quimera”, de modo que finaliza o texto, declarando que “o coração precisa amar” (MELO, 1911, p. 85-90).

Ainda em suas reflexões, Revocata escreve “A amizade”, opinando com certo descrédito que “os fatos que atestem a real existência desse

sentimento, que tanto nobilita a criatura, são raros, muito raros”. Na definição de amizade, a autora reflete que “a amizade em sua fina cristalização é o refletor de uma dedicação sem limites” e “encerra uma poesia íntima”, a qual “melhor resiste à ação dos anos”. Revelando uma visão mais ampla de sociedade, a escritora afirma que “a amizade, tal como deve ligar as existências que se aproximam por intraduzível força de circunstâncias”, deve desconhecer “sexos, idades e classes”, falando “mais alto que todas as nossas conveniências e interesses”. Finalmente, conclui que “o sublime sacerdócio da amizade é mostrar-se um espírito fora da órbita do egoísmo”, tendo “a alma moldada para as ações grandes e nobres” (MELO, 1911, p. 93-97).

Uma idealização do feminino aparece em “O coração da mulher”, crônica na qual a autora, defende que, apesar das exceções, “as mulheres, em sua maioria possuem um coração todo afeto, todo ternura, todo magnanimidade”. Segundo Revocata, “o coração da mulher é um ninho de afetos, um sacrário onde guardam-se tesouros de virtude, que o homem nem sempre sabe avaliar”. A propósito, a escritora exclama que “os homens falam muito das mulheres, porque não sabem compreendê-las”, de maneira que eles deveriam “render todos os cultos, todas as vassalagens de afeto” aos corações femininos. Considera também que “os homens têm ainda muito que estudar o coração feminino”, de modo que seria feliz o homem que soubesse “a fundo conhecer o coração da mulher, porque gozará de uma ventura rara, cercado de uma tranquilidade invejável”. Acerca do tema, Revocata de Melo conclui que “o valor do coração da mulher” poderia ser comprovado pelos “maiores exemplos de sacrifícios e de abnegações” que “têm sido dados pela mulher, desde os tempos primitivos” (MELO, 1911, p. 101-105).

A convivência em família é outro tema contido na obra da escritora rio-grandense, a partir do texto “A sala de jantar”. Neste sentido, Revocata afirma que “francamente falando, o nosso paraíso é o nosso lar”, ainda mais quando ali existissem “a boa educação e o verdadeiro afeto”, unindo os familiares num “mesmo elo de cordialidade e respeito”. No âmbito da casa, a autora identifica a sala de jantar como

“o ponto principal das reuniões de família”, no qual todos conversavam sobre as circunstâncias e relembravam as memórias do passado. Para ela, tal aposento representa “o santuário da família e a assembleia dos íntimos”, reunindo os parentes e as “amizades do coração”. Finalmente acerca do assunto, Revocata apresenta detalhes de como poderia ser organizada a sala de jantar para aprimorá-la como o lugar onde acontecia a “sublime poesia da família” (MELO, 1911, p. 109-113).

Em outra crônica, intitulada “A oração”, Revocata de Melo revela algumas de suas convicções religiosas. Segundo ela, “a oração é um bálsamo para a alma dos crentes”, ou seja, a partir da oração, “as nossas ideias, os nossos pensamentos, os nossos projetos” moldam-se até só mostrar “o bem, a virtude e a resignação”. A autora explica que ao orar o indivíduo encontra lenitivo até mesmo para os crimes e as iminências da morte. Para ela, “a oração é tudo quanto há de meigo, doce e suavizador” e estabelecendo uma perspectiva idealizada acerca de fundamentos religiosos, a escritora sustenta: “Felizes dos povos em cujo seio a religião existe, cercada das verdades da palavra de Cristo, porque é de tão abençoada fonte que se levanta a fé” (MELO, 1911, p. 117-120).

O tema em torno do universo familiar volta à abordagem da autora com “A avó”, texto que define a figura que lhe dá título como a “criatura que representa na família a paz, o carinho e a ventura”. De acordo com Revocata, a avó atua junto aos netos de modo a “formar-lhes o coração para as edificantes peregrinações do bem e da virtude”. Tal membro da família é também definido como “o refúgio dos netos”, “a paciência evangélica do lar” e “a conselheira austera e complacente no seio da família”. Para a escritora, “a avó simboliza a religião e a moral, porque o seu vulto respeitável” apontava, “sempre com a palavra doce e cheia de convicção, os benefícios desses dogmas sagrados” (MELO, 1911, p. 123-125).

Outro assunto sobre o qual Revocata de Melo reflete está encerrado na crônica “O egoísta”, na qual opina que “do egoísmo origina-se muitas vezes a ruína da sociedade e do lar”. Segundo ela, “o egoísta

não pode ser útil à família, não pode laborar na grande obra da perfeição humana”, nem “pode cumprir os deveres de bom cidadão”, pois, em seu coração “só tem guarida a inveja e as ambições torpes”. Na sua concepção, o egoísta vive apenas para si e as suas aspirações são “gozar e buscar para si toda a ventura que na acanhada órbita de seu enfezado raciocinar, compreende existir”, levando em frente sua “indiferença pelo próximo e extremo interesse pela sua pessoa” (MELO, 1911, p. 129-132).

Revocata traz nova reflexão demarcada no texto “O luxo”, no qual ela indica que este é um dos maiores males da humanidade. Segundo a autora, “a sociedade tem os seus inimigos encarniçados, algozes que trabalham infatigáveis para a sua ruína”, constituindo uma “trindade diabólica e fatal”, formada por “calúnia, intriga e luxo” e o pior deles era exatamente “a perniciosa paixão do luxo”. A escritora aponta misérias, ruínas, escândalos, vexações e explorações, provocados pelo luxo e enxerga apenas um ser capaz de combater este mal – “a Mulher Mãe”. De acordo com este pensamento, era “preciso educar a criança sem princípios de grandeza e vaidade”, não apontando para elas potenciais superioridades em relação aos outros. Ainda a respeito do tema, pregava que “as boas e zelosas mães estejam em guarda à virtude de seus filhos, afastando-os de tão tortuosos caminhos”, uma vez que “a vaidade é terrível conselheira e jamais deixa de inspirar a fatal paixão do luxo” (MELO, 1911, p. 135-139).

Em uma crônica carregada de lirismo denominada “O outono”, a escritora gaúcha revela sua predileção por tal estação do ano. Ela saudava que “estamos em plena poesia do outono, há pelos céus umas nuances suavíssimas, uma transparência ideal”, na qual seria possível adivinhar “toda a grandeza desse mistério que o olhar não vara, porém que a alma que sonha, enlaça num êxtase indizível”. A autora descreve a estação em pauta, comparando-a às demais, e reiterava a afirmativa das belezas outonais, associando-as às melancolias da vida, exclamando o quanto “é belo o outono com as suas calmas e os seus núncios de tristeza” (MELO, 1911, p. 143-145).

Em “Os estranhos”, Revocata relata uma vivência pessoal pela qual, diante de “uma opinião sustentada em nossa presença, deixamos cair da pena as seguintes obscuras considerações”. A autora, relembrando seu passado de dores e perdas, nega-se a chamar de estranhos àqueles que, mesmo sem laços de sangue, “aparecem em nossa existência, tomando parte em nossas páginas de dor, com extremos e dedicação, como se constituíssem número na família”. Ela confirmava sua convicção de que tais pessoas “que partilham espontaneamente das nossas mágoas e sofrimentos” e os “que deixam o bem estar de seu lar, para estarem ao nosso lado nos transe da doença” não eram estranhos. De acordo com a autora, tais “criaturas” superavam questões de parentesco, já que sabiam “desempenhar junto de nós o nobilitante papel de amigo” (MELO, 1911, p. 149-152).

Ao revelar um pensamento avançado para os padrões da época, quando, em termos governamentais, a questão social era tratada como caso de polícia, Revocata de Melo propôs a valorização da classe trabalhadora por meio do texto “A lei do trabalho”. Para tanto, a escritora lança mão de várias propostas sobre o tema defendidas por escritores como o filósofo e literato iluminista francês Denis Diderot e o poeta francês Victor Hugo. Ela destaca a nobreza e a honradez do trabalho, detalhando que o alvo de sua atenção eram os trabalhadores de “mãos calosas e endurecidas”, ou seja, aponta para a valorização do trabalho como um todo, mas dá maior ênfase ao papel “do artista e do operário”, ou seja, aqueles que “fazem as indústrias, desenvolvem as artes, sustentam as fábricas e oficinas, abrem as entranhas da terra e tiram de lá a riqueza do homem e a vida das nações” (MELO, 1911, p. 155-157).

Ainda na mesma crônica, Revocata reitera suas preocupações de cunho social, defendendo que “as sociedades modernas, à luz do novo século, não podem deixar de bem dizer essas vigorosas fileiras”, as quais “fazem do trabalho honrado a mais ardente aspiração da vida”, nobilitando-se “pelo labor” e unificando “a toda humanidade num mesmo pensamento, em uma tarefa de luta progressiva”. Para

a autora um dos passos essenciais em direção a corrigir as mazelas vinculadas à questão social “é que a instrução popular seja alargada”, pois, “um povo ignorante não poderá, embora positivamente laborioso, atingir esse grau de luz e progresso, reclamado pela sociedade moderna”. De acordo com tal ideia, ela concluía que nada via “de mais edificante que a batalha da vida sustentada pelas cerradas fileiras dos homens de mãos calosas”, os quais “já têm por evangelho o dever e a honra, mas que precisam trazer também por divisa a luz do espírito” (MELO, 1911, p. 157-161).

O convívio dos habitantes da cidade do Rio Grande com as águas oceânicas, por tratar-se de um porto marítimo, constitui uma constância e nas reflexões de Revocata, tal proximidade também se faz notar, como foi o caso do texto “O mar”. Citando o escritor português Antônio da Silva Ribeiro Alves Mendes, a autora realiza um manifesto pelo alvo de sua paixão, declarando que na natureza não havia algo “mais belo, mais empolgante e mais imponente” que o mar. Utilizando-se de diversos adjetivos, a escritora enaltece as belezas do mar, dedicando-lhe “um hinário de sensações, um poema de sentimentos e uma epopeia colossal” (MELO, 1911, p. 165-169).

As relações familiares e as práticas do aprendizado, temas tão caros à autora se manifestam em “A educação da família”. Para promover tal ação, Revocata ressalta a importância do amor, da virtude, do exemplo, do trabalho e da religião. Um dos pontos mais enfatizados pela escritora quanto a este aspecto é o papel feminino, esclarecendo que “a educação na família cabe muito principalmente à mulher, que, no seio do lar, deve representar o carinho, o sacrifício, a paz, a economia e a religião”. Ainda que manifeste o reconhecimento pelo papel paterno, destaca que “a mãe é a primeira educadora, o primeiro guia, a responsável segura pelo bom ou mau desenvolvimento” daquelas “almas e vidas que, desde os primeiros vagidos, estão sob a sua guarda, que deve ser desvelada até o sacrifício” (MELO, 1911, p. 173-177).

As constantes ações de assistência social promovidas pelas irmãs Melo se fazem presentes na crônica “A verdadeira virtude”, na qual

Revocata revela que o auxílio ao outro só seria virtuoso se não visasse à satisfação pessoal e buscasse apenas a gratidão alheia. Com um olhar crítico, a autora diz que agir “com a ideia de ver o nosso nome levado de boca em boca, entre os aplausos sinceros e o elogio bajulatório dos pobres de espírito” viria a constituir “uma das fraquezas do gênero humano”, sendo esta a razão de ser a virtude “tão rara e tão mal compreendida”. Ela explica também que aqueles que praticam a virtude “passam muitas vezes pela vida inteiramente obscuros e ignorados”. Acerca do tema, a escritora conclui que a verdadeira virtude está também associada ao sacrifício do personalismo (MELO, 1911, p. 179-182).

Um olhar crítico sobre hábitos da sociedade aparecia em “Visita ao cemitério em dia de Finados”. Na opinião da escritora, a saudade dos entes queridos e a visitação ao “asilo dos mortos” não deveria prender-se exclusivamente à data convencionada do dia 2 de Novembro. Segundo ela, a “homenagem sagrada de amor e de respeito” àqueles “que importam uma parte de nossa alma, que valem muitas vezes as mais belas e saudosas páginas do nosso passado” deveria ser “feita muitas e muitas vezes, em outros dias do ano”. A autora opina que nos demais dias, “em que o cemitério está deserto”, seriam os ideais para “a dor, a saudade atroz que não tem a mitigá-la um vislumbre de esperança”, procurando-se “a solidão consorciada com a poesia solene e impressionável do silêncio”. Sobre a presença massiva de visitantes ao cemitério por ocasião de Finados, Revocata não deixa de apontar uma certa hipocrisia de parte de certas pessoas que ali compareciam para cumprir apenas uma tradição, sem maiores manifestações de respeito, havendo em seus comportamentos até “mutações fáceis da lágrima para o riso”, diante do que ela concluía: “positivamente, não compreendo a dor assim” (MELO, 1911, p. 185-189).

Em “Carta a uma amiga”, Revocata responde a uma pergunta feita em conversa anterior com uma amiga, a respeito daquilo que ela mais distinguia em um homem – “o talento, a ilustração ou a delicadeza”. Na forma de uma missiva, a escritora expressa “o que penso sobre o

importante tema” e, para tanto, preliminarmente, destaca que as mulheres possuem “uma forma de sentir bem diversa daquela que predomina no homem”, tendo em vista que elas tinham por características “a fragilidade do organismo”, o retraimento a que eram “votadas desde a meninice” e o “escrúpulo da educação”, que as tornavam “imensamente delicadas de corpo e alma”. Neste sentido, a autora afirmava que “a mulher nasceu antes para ser adorada, que conquistada”, de modo que seria forçoso “compreender que a piedade, a tristeza, o sentimentalismo predominam e influenciam sobre a mulher de forma indiscutível e assaz manifesta” (MELO, 1911, p. 193-195).

Voltando ao tema central de “Carta a uma amiga”, a escritora enfatiza as virtudes tanto dos homens delicados, talentosos e ilustrados, mas conclui que “é positivamente compreensível que o homem delicado, na verdadeira acepção da palavra, é o que melhor pode traduzir as exigências do coração feminino”. Para ela, o homem com tal característica era “aquele que não zomba da sensibilidade” feminina, “que estuda o caráter da mulher, os seus gostos, a sua natureza”, sabendo “compreender o amor com todos os seus sacrifícios e heroísmos”. Revocata aponta que tal homem seria aquele que sabe respeitar as crenças femininas, realiza atos cavalheirescos, com “requintes de gentileza” e cerca as mulheres “de um sem número de atenções”. Finalmente, arremata a carta dizendo que o homem “que aliar a delicadeza de maneiras à adorável delicadeza de sentimentos”, não deixaria “de saber traduzir a grandeza de afeto que a nossa alma sabe guardar e dedicar” (MELO, 1911, p. 195-198).

Na expressão de vários de seus pensamentos acerca da sociedade que lhe cercava, Revocata de Melo realiza também algumas homenagens a certas categorias profissionais, como o faz na crônica “O médico”. De acordo com ela, “o médico é por excelência um missionário do bem”, um “apóstolo querido da ciência” e “o homem que faz jus a toda a veneração da sociedade”. Revelando seus ideais igualitaristas, a autora defende que o bom médico “é aquele que não encontra distinções em sua passagem pelos hospitais, pelas enxergas, pelos tugúrios,

pelos palácios, pelas câmaras dos nobres e dos milionários”. Além das questões ligadas à saúde do corpo, a escritora considera que “o médico tem o grande dever de saber uma linguagem toda de coragem”, fortalecendo seus pacientes não só física, mas também mentalmente, atendendo-os independentemente de qualquer circunstância. Segundo ela, “o médico esquece a família, a pátria, o seu bem estar, os seus mais caros desejos”, com o objetivo de “acudir ao homem que pede-lhe a sua ciência e a sua doce dedicação”, de modo que, “nestas condições”, aquele profissional constitui “um anjo do bem, um pai da humanidade” (MELO, 1911, p. 201-203).

Regras de convivência social em meio à vida familiar são debatidas pela autora em “Os hóspedes”. Em primeiro lugar, ela explica que a chegada de um hóspede pode ser definida como uma calamidade que surpreende a “bem-aventurança e serena paz do lar doméstico”, quando “os hábitos, os gostos e as comodidades são sempre alterados”, pois, na casa, “passa tudo a sofrer mudança”. A escritora lamenta que nem sempre se pode contar com “o bom senso do hóspede”, o qual deve “compreender que é seu dever sujeitar-se ao regime e costumes daqueles sob cujo teto está abrigado”. Ainda assim, ressalta todos os esforços que devem ser empreendidos pela “boa dona de casa”, em nome das “leis da hospitalidade”, mesmo que “a presença de um hóspede” seja comparável “a uma luta pesada do corpo e do espírito, no tranquilo seio do lar”. Apesar do olhar crítico, Revocata abre uma exceção, referindo-se aos hóspedes com quem poderia “ter uma convivência eterna”, por valerem “uma epopeia” e deixarem “uma saudade imorredoura” (MELO, 1911, p. 207-210).

No que tange a detalhes das vivências humanas no campo sentimental, a autora elabora “O ciúme”, afirmando que, “de todos os sentimentos humanos que ferem o coração humano, nenhum tem de certo uma história mais cheia de sangue, de desesperos e crimes” do que aquele que servia de título ao seu texto. De acordo com ela, o ciúme era um “sentimento arrebatado e cruel”, por se lançar “infrene, derrubando tudo como um gênio de destruição” e para corroborar

suas ideias lançava mão das impressões de autores franceses como o filósofo Paul Janet e o moralista Jean de La-Bruyère, destacando na “História um sem número de personagens infelicitados por este terrível tentador”. Tentando encontrar algumas de suas motivações, a autora compreende que tal sentimento era inerente ao ser humano, “não havendo quem tenha deixado de derramar a sua lágrima de ciúme, num desespero mudo” (MELO, 1911, p. 213-216).

Outra profissão lembrada por Revocata fica expressa em “A enfermeira”, homenagem a tal categoria profissional, afirmando que a mesma “é uma consolação em meio dos martírios da moléstia”, por ser “capaz de despedaçar essa nuvem de dúvidas e incertezas, que parece pairar sempre em torno do leito dos pobres enfermos”. Demarcando a possibilidade de uma ação profissional para o gênero feminino, segundo a escritora, “o encargo de cuidar de doentes devia ser sempre confiado à mulher”, uma vez que tal tarefa “está mais em harmonia com a sua natureza moldada a um sentimentalismo pouco vulgar no homem”, bem como “é esta uma missão de caridade”, a qual “veio direta de Deus ao coração da mulher”. A autora ressalta várias atitudes elogiáveis na prática da enfermagem e finaliza o texto com a saudação: “Bem hajas tu, boa enfermeira, resignada e amorosa” (MELO, 1911, p. 219-222).

Finalmente, no que tange às sentenças apresentadas por Revocata Heloísa de Melo, que se alternam com os textos em “Cintilas”, a segunda parte do “Primeiro Livro” de *Berilos* elas se aproximam do formato dos axiomas ou máximas que, em poucas palavras, expressam uma forma de pensar. Nelas, a escritora reflete a respeito das mais variadas temáticas.

Uma destas frases traz uma correlação entre a passagem do tempo e as tristezas da vida, explicando que o transcorrer temporal não consegue apagar as mazelas e sofrimentos, mas, ao menos, colabora com a resignação, lenitivos para aqueles males. Nesta linha, a autora afirma que “o tempo não consegue apagar nomes nem fisionomias, que docemente se gravam em nosso coração”, mas, apesar disto, ele “tem um

grande poder”, uma vez que “estanca as lágrimas e derrama o suave bálsamo da resignação sobre as mais fundas feridas da alma” (MELO, 1911, p. 91).

Também a respeito do tempo, refletindo sobre o devir cronológico e o saudosismo, ela destaca que “invocar o passado é estar em agridoce contato com a saudade”. Ainda quanto a mesma temática, a escritora destaca que “o tempo é igual para todos os homens, estes é que o ocupam de forma inteiramente diversa”, desta maneira, não seria de admirar “que os frutos colhidos apresentem tão extraordinárias antíteses” (MELO, 1911, p. 147, 191).

Tendo passado por tantas dores e sofrimentos, advindos das tristezas inerentes à vida, mas também pelas constantes perdas familiares e dificuldades enfrentadas por causa dos conflitos bélicos e as possíveis perseguições oriundas do autoritarismo, Revocata de Melo parece ter conseguido assimilá-las e conviver com muitas delas, tanto que pregava um pensamento cheio de resignação, ao afirmar “a dor constitui um dos elos da cadeia da vida” (MELO, 1911, p. 99).

As breves reflexões de Revocata passam também por outro tema bastante caro à sua obra, voltado às inter-relações entre homens e mulheres. Nelas, a escritora revela os tantos encontros e desencontros que descreve ao longo de seus escritos, afirmando que “uma das felicidades da mulher é ver brilhar nos olhos do homem a quem deu o coração, uma lágrima de sentimentos pelos seus infortúnios”. Refletindo sobre a perspectiva de que o amor não tem idade, ela destaca: “em amor todos tem puerilidades, até os velhos” (MELO, 1911, p. 107, 217).

A forte presença da religiosidade é outro condicionante marcante em certos escritos de Revocata de Melo. Vários de seus textos têm alguma invocação à religião, especificamente, à cristandade, de modo que busca valorizar os fundamentos de devoção em detrimento de qualquer perspectiva não-religiosa. Tendo em vista tais ideias, a autora considera que “o ateísmo, roubando-nos essa doce crença nos serve de consolo nas desesperações da vida, materializa o espírito e torna a alma vazia de luz” (MELO, 1911, p. 115).

Educadora durante toda a sua vida, a escritora defende ardorosamente a educação como questão fundamental para o progresso das sociedades e estratégia para possibilitar uma ascensão social. Neste sentido, Revocata traz uma ideia associativa entre o ensino e o igualitarismo, pregando que a instrução deveria ser estendida a todos, independentemente de condições sociais. Este pensamento igualitarista, notadamente no que tange ao aprendizado fica expresso na sentença pela qual “a educação livre, sem distinção de classes, fora de todos esses preconceitos prejudiciais às nações cultas, atesta firmemente o adiantamento moral e social dos povos”. Na mesma linha, e lembrando sua recorrente luta pelo ensino feminino, ela defende que, “do aperfeiçoamento da educação da mulher, depende a moralidade dos povos (MELO, 1911, p. 121, 171).

Na época da edição de *Berilos*, Revocata de Melo já está tarimbada nas questões de convívio social, e pronta a identificar tantas das mazelas que afligem tal convivência. É o caso de uma pesada crítica que faz à hipocrisia, tão presente na vida em sociedade. Nesta linha, afirma que “mais vale a convivência do indivíduo que patenteia-nos abertamente seu ignóbil caráter, que a do hipócrita iludindo-nos na nossa boa fé”. Segundo a autora, “do primeiro, o golpe não nos pode ferir à traição, do segundo, porém, todo o mal chega-nos de surpresa”. Ainda sobre os males sociais ela tece censuras aos invejosos e caluniadores, sentenciado que “inveja e calúnia são venenos fatais, mas sempre vencidos pela ciência da verdade”. Também no que tange aos convívios em sociedade, Revocata declara: “há rancores que são uma virtude, nobilitam o homem em vez de degradá-lo” (MELO, 1911, p. 127, 163, 211).

Boa parte da vida de Revocata Heloísa de Melo é voltada para variadas práticas de assistência social. Deste modo, utiliza largamente sua ação como escritora pública e seu prestígio como intelectual para promover ações de cunho social. Tais experiências de vida da escritora também estão presentes em uma de suas sentenças, segundo a qual “pela primeira das ciências, isto é, a ciência da moral, deve o homem

guiar-se para cumprir o evangélico dever de ser bom e útil ao próximo”. Em sentido próximo, ela afirma que “uma alma boa, generosa, nobre, é um valioso tesouro no mundo” (MELO, 1911, p. 133, 223).

O ambiente natural que tanto serviu de pano de fundo ou mesmo de personagem em muitos dos textos em prosa e em versos ao longo da obra da escritora rio-grandense, muitas vezes ambientados em cenários bucólicos não deixou de se fazer presente na expressão de pensamentos da autora. Desta maneira, ela destaca que “a natureza fala-nos ao coração com mais eloquência que todas as manifestações da arte” (MELO, 1911, p. 141).

Com uma vida inteira destinada ao labor, através das atividades como educadora e jornalista, Revocata valoriza o trabalho, mesmo reconhecendo os limites impostos pelas desigualdades sociais. De acordo com tal ideia, ela afirma que “o trabalho não transpõe o vestibulo das desgraças e privações da miséria, desassombrado percorre imensas áreas, sempre em confraternização com o dever, a justiça e a honestidade” (MELO, 1911, p. 153).

Um dos temas mais recorrentes em suas obras e uma constante em suas vivências pessoais e familiares, a finitude advinda da morte foi algo que esteve sempre presente ao longo da vida da escritora. A respeito do encerramento da existência, ela enfatiza que, “ante a grande solenidade da morte, apagam-se todos os ódios, esquecem-se todas as ofensas, desaparecem todas as máculas” (MELO, 1911, p. 183).

Convivendo com guerras, desastres naturais e hecatombes sociais que assolaram o mundo, tais como os tantos conflitos bélicos nos quais os brasileiros estiveram envolvidos, as tantas intempéries climáticas que afligiam o país, o Rio Grande do Sul e, notadamente a cidade do Rio Grande, com os constantes obstáculos ao movimento de navios e a fome e miséria advindas da seca no nordeste, contra a qual inclusive a escritora se mobiliza empreendendo campanhas, deram a Revocata um amplo convívio com quadros catastróficos. Quanto a tudo isto, ela conseguia ver, pelo menos, um fator positivo, ao destacar que “as grandes catástrofes são um vínculo potente a confraternizar os

homens, onde desaparecem ódios e distinções, raças e preconceitos” (MELO, 1911, p. 199).

O último dos pensamentos expressos por Revocata Heloísa de Melo no livro *Berilos* está ligado à questão da soberania dos povos. A respeito do tema, traz a reflexão sobre um contexto histórico que vinha marcando a sua existência por diversos anos, ou seja, o autoritarismo castilhistas que domina o Rio Grande do Sul por décadas. A escritora, à sua maneira, combate tal ditadura, de modo que não deixa de questionar sobre tal ausência de liberdades individuais, ao constatar que muito se apregoa “a soberania do povo, porém, antes que ele mostre o seu poderio, suporta as maiores humilhações, parecendo em vez de senhor, escravo”, ou seja, “é uma soberania sem pompas, e sem títulos” (MELO, 1911, p. 205).

Os textos presentes no “Primeiro Livro” de *Berilos* já refletem uma Revocata mais madura. Ainda aparecem certos conteúdos marcados por indícios do romantismo, mas o conjunto da obra demonstra reflexões aprofundadas em relação à época de *Folhas errantes*. Desta maneira, o amor, a morte e a guerra, por exemplo, permanecem como temáticas recorrentes, porém agora com um olhar voltado a um pensamento mais crítico. Assim, suas “narrativas de caráter reflexivo configuram-se como preleções e representam, de forma didática, clara e objetiva, tomadas de posição” da autora “em relação a temas contemporâneos, particularmente os que dizem respeito à condição da mulher”². A maturidade de Revocata Heloísa de Melo demarcada em *Berilos* demonstra uma autora confiante em expressar mais abertamente algumas de suas convicções.

#####

² SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 897.

PRIMEIRO LIVRO

À pranteada memória dos meus adorados mortos

Culto de eterno amor

Revocata

PRIMEIRA PARTE – REFLEXOS

Reflete ao mesmo tempo duas cores:

Ora a turquesa dos azuis fulgores,

Ora a esmeralda de enganosa chama.

Se às vezes mostra os suaves esplendores

Do céu, que Apolo eternamente inflama,

Outras parece o verde panorama

Dos verdes campos de um país de amores.

Luiz Guimarães Filho

A despedida

A Olavo Bilac

Gilberto devia ser passado pelas armas na manhã seguinte. O batalhão a que pertencia o infortunado militar fazia parte de uma força que se ia reunir ao grosso do exército, para tomar de assalto o inimigo.

Depois de três dias e três noites de acelerada marcha, acamparam por vinte e quatro horas, aguardando as ordens do general, perto da vila onde Gilberto tinha uma filha, que era toda a sua alegria e o seu maior enlevo.

Iludindo a vigilância das guardas, um companheiro de Gilberto, cujo coração não fora moldado para as duras disciplinas militares, proporcionou-lhe ocasião de disfarçar-se, e chegar até a vila, a fim de despedir-se da filha, voltando ao romper da madrugada, porque às seis horas, devia estar em frente das armas para ser fuzilado.

Noite de verão, diáfana e linda, essa que Gilberto, só, apreensivo, tomado de uma dessas impressões poderosas, que o homem mais calmo e da mais estoica coragem, não sabe, não pode repelir, caminhava em direção àquela casinha solitária em meio de um parque de álamos, porém que encerrava para o seu coração de pai amantíssimo, um tesouro de encantos e carinhos.

Tantas vezes seguira aqueles caminhos numa comoção de felicidade, tantas vezes vira Mimi correr a receber seus amorosos beijos, formando com os delicados e macios bracinhos, um estreito círculo em volta de seu pescoço, que hoje, fazia aquele trajeto sob a mais dolorosa apreensão, parecendo antes uma criança visionária, fraca e pusilânime, que um homem habituado às bruscas passagens da guerra e escolhido entre seus camaradas para as mais arriscadas e pesadas lutas.

O luar estendia-se em listrões de prata aqui e ali, dando àquelas solitárias estradas, uma poesia soturna e fantástica.

Do alto da ponte carcomida quase em ruínas, via-se o vítreo das águas, em completa quietude, retratando toda a imponência da vastidão do azul, Gilberto seguia quase que automaticamente, dir-se-ia mesmo que ia apavorado.

Parou por fim ao chegar às primeiras sombras, que as unidas frondes de grandes álamos projetavam uma meia quadra em redor de solitária vivenda, alvejando ao luar.

Havia ali um cicio de aragem, semelhante prolongado assovio, a mover de brando a folhagem do arvoredo. Gilberto estremeceu.

Depois tirou resolutamente o capote que pesava-lhe sobre os ombros, descalçou-se, e chegou sutil até a pequena morada. Escutou. Um silêncio profundo. Ágil, escalou o muro, e achou-se junto de uma vidraça que deixava ver iluminada pela luz baça, de fraca lamparina, estreita alcova, onde ele penetrava centenares de vezes. Um modesto leito de ferro, sob alvo cortinado de cassa, descerrado, guardava a criatura adorada por quem aquele coração batia desordenado e delirante. O moço militar, conhecendo perfeitamente os hábitos da casa, levantou de mansinho a vidraça e transpôs o peitoril da janela, acercando-se do indicado leito. Uma menina de nove a dez anos dormia placidamente. Vestia um roupão branco, que contrastava com os longos e negros cabelos esparsos sobre o travesseiro.

Um braço alvo, cingido por delicado bracelete de ouro, pendia fora do leito. Gilberto ficou por momentos ajoelhado, olhando a encantadora criança, uma expressão de dor, num lance de desespero, em que o pranto anuviava-lhe os olhos, de momento a momento.

Beijou-a repetidas vezes, porém, cautelosamente, temendo imenso acordá-la.

Talvez meia hora comprimiu entre as suas, a mimosa mão da criança.

Súbito, no terreiro próximo, ouviu-se como um grito de alarme, o cantar dos galos.

Ele ergueu-se, colocou uma carta e um retrato junto ao travesseiro e vacilou, olhando o amado corpo de Mimi. – Nunca mais!

E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue a quem sabe ingrato destino!

Quis despertá-la, a ouvir-lhe a doce voz, sentir ainda uma vez os seus afagos.

Mas, como partiria depois?

Não, não. Três vezes foi até a vidraça, três vezes voltou.

Os galos cantaram de novo...

Gilberto correu para a janela, saltou, transpôs o muro como louco, e deitou a correr caminho em fora, descalço, pálido, ofegante. Quando surgiram as primeiras tintas no levante, e no acampamento, os clarins anunciaram a alvorada, Gilberto fazia os últimos aprestos para a viagem da morte. Às seis horas, com todos os rigores da disciplina, à voz do fogo do comandante, Gilberto caía fuzilado.

Ao longe, os galos cantavam batendo as asas compassadamente.

A suicida

À Eva Canel

Regina pensava muitas vezes, não, o suicídio não é uma covardia. O coração que sustenta a luta de um sentimento amordaçado, que conta por séculos as horas de suas lancinantes dores morais, tem forçosamente de levantar-se altivo, para buscar num meio extremo, o termo desse viver que atrofia, que aniquila o corpo e o espírito.

E saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo. – Eu tenho forçosamente de buscar a morte.

Chegou à janela. Era noite, no espaço não havia um murmúrio, um agitar de folhas no arvoredor vizinho, tudo silente, quedo, tranquilo!

Que contraste com a revolta da minha alma, pensou ela.

Olhou o mar que se estendia lá em baixo numa imensidade vítrea, sereno, imóvel, sob a prateada tela de um luar cristalino e diáfano, a mostrar em doce arremedo o azul de um céu imáculo e a macilenta face da lua em plena fase de crescente.

Tudo era belo pela natureza em fora.

Regina ficou por momentos como que suspensa entre o pensamento imperioso que apontava-lhe a morte com todo o feliz esquecimento das causas terrenas, e a ideia de que a felicidade chega às vezes de chofre sem se fazer anunciar pelos ruídos festivos. Apareceu-lhe então a visão da saudade. . .

Súbito, porém, despertou dessa atonia intraduzível: tinha o rosto e as mãos frias e o olhar indeciso no ar. . .

– E dizerem que o suicídio nasce de uma alienação! Mentira, ele provém de um desespero, mas não altera os ditames da razão.

Em um rápido porém lúcido acordar de ideias, recapitulou todo o seu passado desde irriante estação infantil, até o presente com os seus nevoeiros de pesado sofrer e as suas cenas de efeito em cambiantes de ventura suprema.

– É preciso morrer, murmurou Regina, num assomo de inevitável propósito!

Sentou-se à escrivaninha e tomou da pena.

– E que vou eu lhe dizer-lhe? Falar-lhe deste amor, deste amor que me tortura e mata? Deixar-lhe uma despedida em meia dúzia de linhas, em fraseado a porejar sentimentalismo, com toda essa ternura, que é o característico da mulher, e que os homens não compreendem?

– Tudo isso classificam eles de banal, quando não apelam para o ridículo. . . Levantou-se.

– Mostremos ao mundo que a mulher também tem a sua têmpera de aço, disse, atirando a pena sobre o papel.

Caminhou insensivelmente em direção ao psique, e levantou os olhos para o espelho. Parou.

– Nós, as mulheres, havemos de ter sempre uma pontinha de vaidade, não esquecendo fazer a toalete mesmo para morrer.

Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo. Queria ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho.

Penteou-se cuidadosamente, com o esmero com que costumava fazê-lo pensando em agradar aquele por quem sacrificava a vida, os sonhos, as aspirações, os seus afetos caros, tudo enfim que a prendia ao mundo.

Depois, fez com ânimo e calma toda a toalete, escolhendo o vestido preto para mortalha, por ser o seu traje predileto.

Não esqueceu de prender ao peito um ramalhete das suas flores queridas e perfumar o rosto e o cabelo com o extrato a que estava identificada, e que era reconhecido em tudo que lhe pertencia, desde o mais simples vestido caseiro, até as páginas dos livros mais lidos em descanso sobre a fofa almofada de seu leito de pau-cetim.

Pronta para a eterna viagem, Regina tirou do estojo sobre o mármore do psique um pequeno revólver, olhou em volta de si como que a buscar inconsciente o fio que a prendia a terra, e rápida sentou-se bruscamente sobre o leito, e disparou o revólver apontando ao coração.

A confissão

À Ignez Sabino

– Senta-te aqui sobre o leito, disse o moribundo em voz baixa e fatigada.
– Dá-me a tua mão, Marina.
– Tu ouvirás a minha derradeira confissão, quero falar-te como se o fizera a Deus.

A moça olhou-o tristemente e duas lágrimas desceram-lhe vagamente pelas faces belas e pálidas. Então, acomodou-lhe a elegante ainda que desfigurada cabeça sobre as almofadas, endireitou-lhe as cobertas, afastou um pouco a luz que caía de chapa sobre o rosto do jovem enfermo, depois de o haver beijado na fronte, e sentou-se no leito pegando-lhe a mão fria e emagrecida.

O doente perguntou-lhe por um aceno se a porta da alcova estava fechada e começou assim:

– Escuta-me, querida Marina, escuta-me. Dentro em pouco, deixarei de existir, deixarei de olhar este paraíso do lar onde os teus carinhos, a tua dedicação, os teus encantos, fizeram-me o mais feliz dos homens! . .

Marina com a cabeça pendida para o peito, soluçava abafadamente.

Ele continuou depois de uma pequena pausa em que levou a mão da esposa aos lábios ardentes pela febre.

– Na minha secretaria, cuja chave está aqui, em baixo da almofada, existe no último escaninho, à direita, um masso de cartas atadas por uma fita encarnada, as quais queimarás logo após a minha morte.

– Não, tu não morrerás agora, soluçava Marina, abraçando-o com desespero!

– Querida, acalma-te e ouve-me: essas cartas estão em meu poder há quatro anos, não foram, porém escritas a mim, juro-te pela minha honra, confiou-me, Fernando, o meu melhor amigo e companheiro de armas, de que tantas vezes falei-te.

Ao ouvir este nome a moça estremeceu sem querer. Quando ele expirou no hospital de sangue, só eu velava a sua cabeceira. Mandou-me que as tirasse de sua carteira e entregando-me, pediu que depois de sua morte escrevesse a pessoa cujo nome assinava as mesmas, com a indicação apontava à margem de uma dessas missivas, perguntando-lhe como devia enviar-lhe uma encomenda que o amigo Fernando da Cunha confiara-me na hora da morte, para lhe ser remetida com inteira segurança.

Enquanto o cadavérico enfermo falava, não sem imenso custo, a sua assistente tornava-se lívida e como que presa de um tremor nervoso.

O pobre Fernando contou-me ligeiramente que a honra de uma mulher estaria comprometida se essas cartas se extrviassem, e pediu-me que as lesse antes de remeter, a fim de compreender esse capítulo de amor da sua vida de moço, e ver que essa mulher que amara perdidamente não era uma pecadora.

Aqui o doente parou. Conchegou as cobertas para o peito como se sentisse frio, perguntou que horas marcava o relógio a sua cabeceira e tomando de novo as mãos da sua ouvinte murmurou:

– Pela leitura dessas cartas, onde via-se claramente haver uma letra disfarçada, cheguei à conclusão de que a mulher amada por Fernando, não era livre, faltava a deveres sagrados com aquela correspondência que, verdade é, encerrava um romance ligeiro e singular. Haviam-se conhecido num baile, numa estação de banhos, onde ela estava por doente, estando o marido em viagem.

Fernando passara ali com um destacamento e vendo-a, ficou loucamente apaixonado. Partindo, porém em breve tempo, exigiu dela resposta às suas cartas, sob pena de voltar e persegui-la com seus galanteios, publicamente, se o não fizesse. A amava imenso e não podia viver sem notícias suas.

A moça sustentou assim uma correspondência de meses, onde falava-lhe do marido sempre com o maior respeito e confessando que o amava muito.

Ainda assim, creio dolorosíssima a situação do esposo se um dia se deparasse com essas cartas!...

Agora que fiz um esforço inaudito para contar-te a história dessa correspondência, que poderias achar entre meus papéis e supor que alguma vez traíra os meus protestos de constante amor por ti, poderás destruí-la, visto que até hoje não foi reclamada.

Como no cabeço das mesmas, não existe nome algum, peço-te querida, que nem um momento duvides desta narração!

Ah, faltam-me as forças!...

As cartas estão assinadas Maria de L. Deve ser nome suposto... Marina como tocada por uma mola, deu um grito e ajoelhando para implorar o seu perdão, viu que a cabeça do esposo resvalara de uma almofada para a outra, e a mão que apertava a sua estremecera convulsivamente. Estava morto.

A volta do filho

À Andradina de Oliveira

Ele chegara enfim, depois de haver a pobre velhinha suportado por longos meses as agruras da saudade e as tempestades desabridas da pobreza.

De novo abraçava o filho adorado, de novo via-o junto de si.

Que felicidade!...

Mas, onde fora aquele rapaz guapo, sacudido, aquele garboso militar que fazia o encanto das moças da vila e a inveja dos rapazes de todos aqueles arredores?!

Ah! Estava ali uma pobre vítima da guerra, um infeliz inválido, cujos braços haviam sido arrebatados por uma bombarda inimiga, no momento em que ele, sublime de heroísmo e amor pátrio, plantava a bandeira nacional na fortaleza conquistada sob seus esforços e à custa das vidas de tantos bravos companheiros.

E a pobre velhinha soluçava vendo seu único filho, a sua esperança, a sua proteção, a sua glória enfim, sem poder jamais estreitá-la em seus vigorosos e fortes braços.

Em um momento só, sentia que a sorte apagara todo o brilhante painel que ideara para o futuro de seu amado Alvaro. Tudo, tudo estava acabado! O inverno avizinhava-se hórrido, com as suas nevoentas manhãs e as suas noites trevosas e gélidas; que fariam eles ali, naquela vivenda ignorada, uma pobre velha alquebrada pelos anos e pelos embates da sorte e um triste inválido, cuja mocidade não podia enflorar-se, não podia coroar-se de risos. Certamente a miséria os esperava com as fauces escancaradas, medonhas!

Assim pensou a desgraçada mãe, como que atônita diante do filho, depois do primeiro grito de dor e de alegria.

Alvaro adivinhando-lhe o pensamento, depois de lhe haver beijado repetidas vezes as mãos e a fronte, exclamou, alteando a escultural cabeça e pondo os olhos no firmamento: – Coragem, coragem, Deus ampara os infelizes e sabe premiar os bons filhos.

– Derramei o meu sangue pela mãe-pátria, sacrifiquei futuro e mocidade ao seu primeiro grito, mereço a sua coragem e as bênçãos do céu.

O dote

À Ibrantina Cardona

Caía a tarde sob uma neblina hiberna, sombria e tristonha como são geralmente as tardes de agosto.

Olhando a natureza melancólica, as árvores despidas da opulência da folhagem, os horizontes carregados de nimbos, um casal de velhos, junto a

uma tosca janela, velados por uma pequena vidraça, conversavam num tom desanimado e amigável.

Dizia ele: – Mulher, quantas e quantas vezes tenho amaldiçoado a minha ignorância e a minha teimosia em não querer ouvir-te, quando de sol a sol, vergado ao trabalho, como se fora uma besta de carga, arfava de cansaço, sem conhecer dias de folga, com a ideia única de possuir um dote para nossa querida Helena!...

– Eduardo, o arrependimento é quase sempre tardio.

– Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, re-trucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina a mestre, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

– Quantas rusgas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que quem tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

– Tens razão, mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que, a custa dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena!

A mulher que tinha a cabeça pendida nas mãos, limpou os olhos com a ponta do avental, murmurando com a palavra entrecortada de lágrimas:

– Ah! querida filha, que tanto sofreste, tanto foste suplicada por um marido algoz, que sem amor, esse sentimento sublime que ameniza as torturas da sorte, sem conhecimento do que seja o delicado e grande coração da mulher, deu-te a mão de esposo, unicamente para dispor do teu dote!

O velho abanou a cabeça: – É verdade, há um ano que a nossa desgraçada filha dorme nessa paz do túmulo, talvez a única que lhe foi dada depois que deixou o lar paterno!

– E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade de minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo, que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fome, frios, vergonhas, e não nos poder

contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil, ignorante, cuidava que uma mulher não precisava aprender, bastava ter dote, para achar marido, e ali estava a sua felicidade!

– Ah! bruto que fui eu!

– Dinheiro que só servia para o martírio da infeliz menina, que tanto nos adorava!

A velha assentara-se chorando sempre.

Correra então para ela uma encantadora menina de quatro anos, bela, mimosa, palradora como todas as crianças e estendera-se os alvos bracinhos. A avó, num desses arroubos de ternura, incomparável, que bem espelham o amor que abraça um ser que vive e um ser que é de além túmulo, apertou-a ao peito, beijando-a docemente.

Eduardo passando as frias mãos nos louros cabelos da netinha: – Minha querida, hás de ir à escola, hás de habilitar-te para os imprevistos da sorte; não sonho para ti um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado que te procure para sua companheira pelo amor, pelo amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida.

– Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado.

A esmola

À Matilde M. de Almeida

Noite de inverno. A chuva a cair impertinente e morosa acompanhada pela surdina de um vento úmido, gelado, que passa a sibilar através das frinchas das portas.

A pobre velhinha, só, acorada aos pés de velha marquesa, à fraca luz de uma vela de sebo, costura e pensa.

– Que solidão horrível é a pobreza! Estou aqui a tiritar de frio e de pavor.

– É tão parca, tão exígua, a refeição com que conto para hoje! Que vale a vida nesta tortura de miséria?! E uma lágrima resvalou-lhe pela face cadavérica...

– Oh! Saber que amanhã ou depois morrerei no abandono, não terei um carinho, um conforto, um bem estar na hora extrema, é doloroso, meu Deus! Tão só no mundo, sem um braço protetor onde firmar-me...

– Por que abandona a Providência a alguns de seus filhos?! Como principiarei o dia de amanhã, se não há um vintém em casa, se a enfermidade fez-me sua indefesa vítima, se apenas um pão constitui a ceia de hoje e o almoço de amanhã?!

– Destino maldito que roubaste-me o filho adorado, o operário honrado que não tinha fadigas, que afrontava chuvas e tempestades, escudado, apenas, pela sua blusa de trabalho. Então eu não conhecia a fome, parecia que a natureza sorria-me, os dias eram tranquilos e as noites em paraíso na serena paz de um lar cheio de abundância e de desvelos. . .

Batem à porta.

– Vamos, coragem, parece que batem à porta, que pronunciam o meu nome com voz sumida.

Uma rajada de vento penetrando na pequena saleta, apagou a vela e uma voz de criança, súplice e humilde, pediu pelo amor de Deus, um pedacinho de pão para a mãe, infeliz paralítica, que passara o dia com fome! A curvada velhinha, limpando as lágrimas que lhe assomavam aos olhos amortecidos, beijou a pequenina, conhecida como o anjo da guarda da mísera doente, e deu-lhe o pão, que a sua fraqueza, a sua idade avançada, exigiam, para mitigar um pouco as necessidades daquele dia, passado apenas com algumas colheres de magra sopa.

Buscou então o leite, e a tiritar de frio, lembrou suspirando aqueles que adormecem sob boas cobertas, tendo antes saboreado a quente e farta ceia.

– Oh! A fome atormenta, soluçou baixinho; mas a pobre paralítica é mais infeliz que eu, porque não tem pão para dar à filhinha, faminta e esfarrapada.

– Deus velará por mim!

O pêssego

À Alba Valdez

No belo e extenso pomar de recreio do colégio de Santa Maria, as meninas num agrupamento gentil, riam, conversavam e merendavam fidalgamente, boas frutas, excelente queijo, apetitosas fatias de salame, pombos e perdizes assados, etc, etc.

Convém notar, que, atendendo ao luxo, às altas exigências porque eram aceitas as alunas naquela importante casa da instrução, só as filhas de abastados proprietários podiam frequentá-la.

Via-se, porém, em meio desse turbilhão de mocinhas e meninas, que naquele instante dava ao encantador pomar o mais atraente aspecto, num vozear impossível, entre argentinas risadas e volteios constantes, em que as fitas e as formosas cabeleiras andavam em perfeita revolta, a pequenina Branca, uma galante criança de seis anos, pobrementemente trajada, muito tímida e humilde, que a diretora admitira entre as suas alunas, por um dever de gratidão para com a velha avó de Branca, criada grave de sua boa mãe, já falecida.

Todos os dias à ansiada hora do recreio, Branca assistia com olhar coiboso e quase que súplice, à farta refeição de suas ditosas condiscípulas, assentada no primeiro degrau da escada de pedra a mastigar tristemente um seco pedaço de pão.

Quantas vezes a coitadinha tinha ímpetos de implorar um pouquinho daqueles comeres que deviam ser tão bons! Mas a avó a castigaria severamente se soubesse que ela pedira um cantinho de pão que fosse! Que luta daquele coração cheio de receios, com a gulodice própria da sua idade.

Havia no entanto uma condiscípula, a travessa Pepita, que apesar de Branca estar isolada das companheiras, a procurava sempre, dando-lhe alguma coisa da sua boa merenda.

A pobrezinha era retraída por natureza, não sabia ter expansões para com Pepita, mas no imo de seu coração, havia uma quase que idolatria pela generosa menina; o seu olhar expressivo e terno seguia cheio de doce gratidão o inquieto vulto de Pepita, quer nas horas de aula, quer no pomar em meio dos brinquedos.

Ora, naquele dia, houvera uma exclamação ao entrar no pomar, o bando da meninada. O primeiro pessegueiro, que erguia-se copada junto à grade do jardim, apresentava a todas as vistas, um enorme pêssago molar, esplêndido, carnudo, levemente rosado, enfim, um fruto a desafiar a guloseima das meninas.

Assim é que, miraram-no entusiasticamente, mas afastaram-se por fim, deixando-o ficar em seu ninho de folhagem, porque a diretora bem sabia que ele lá estava, e até o destinara ao professor de música.

Mas, à tarde, quando já as meninas ocupavam as suas classes e a diretora mandou colher o cobiçado pêssego, em vão procuraram-no, já lá não estava.

A professora indignada, indagou em geral, repreendeu, ameaçou com pesado castigo, e todas a uma voz, davam como criminosa a pequenina Branca. Tinham-na visto balouçar o galho do pessegueiro, até cair o fruto que devorara em um momento.

Interrogada, nada respondia, chorava amargamente.

Afinal a criada que passava na ocasião e parara para observar aquele grande movimento, fez saber à diretora, que vira pela vidraça da cozinha, a menina Pepita tirar o pêssego e comer sofregamente junto à grade do jardim, tendo até guardado o caroço no bolso do avental.

Chamada a menina, e examinado o avental, ficou averiguado o furto, sendo-lhe apontado o quarto escuro, para ali estar a pão e água. Branca ao ouvir isto, precipitou-se aos pés da diretora murmurando: – Fui eu, professora, fui eu quem roubou o pêssego. No entanto, a pobrezinha bem vira do seu cantinho Pepita tirar a fruta. A professora então compreendeu aquele sublime ato de abnegação, abraçou-a, fazendo saber a todas as alunas, que a acusada inocentemente por elas era a de mais nobres qualidades, a de melhor coração.

O náufrago

A Carlos Ferreira

Estendia-se a mortalha do dia com o avizinhar de uma noite de julho, nevoenta, gélida e triste.

Uma frágil canoinha fora atirada àquela ilha, pela última nortada, que se desencadeara há dois dias; trouxera em seu seio, semelhando antes um esquife, um corpo de homem quase moribundo.

Cansado, extenuado, farto inteiramente de forças, a desfalecer de fome e de sede, ele, o marinheiro tostado pelos mais ardentes sóis, o bravo filho das ondas a desdenhar sempre da tempestade e da traição dos mares, também um dia se deparara com o medonho impossível!

Agora, esfarrapado, faminto, os cabelos em desordem, o olhar desvairado, vira, enfim um pedaço de terra o desgraçado náufrago!

Sempre na mente a noite fatídica da tormenta, o temporal desfeito, o naufrágio desolador!

Soava-lhe a voz do capitão, a derradeira prece da marinagem, o estalar do convés, o despedaçar das vergas e dos mastaréus, e o *Cisne*, o galhardo brigue onde passara a sua mocidade de aventuras, a desaparecer, a sumir-se nas cavernas do oceano!...

Depois, o horror da solidão e do mistério, só, inteiramente só, em meio das fúrias dos elementos!

A frágil canoinha atirada de vaga em vaga, ora quase submergindo-se, aparecendo de novo, e ele esgotando apavorado, os poucos víveres que pudera reunir naquele momento da desgraça!

Assim vagara doze dias, à mercê das ondas!

Mas enfim, vira uma nesga de terra; queria pisá-la, queria ver um ente humano, mas... nada, nada podia fazer!

Que luta aterradora!

Num esforço inaudito, como um delírio, mordida as mãos, buscando transpor a borda da pequena embarcação, esforçava-se por gritar, queria chamar, e tudo faltava-lhe numa agonia lancinante.

A praia era deserta e a noite chegara pesada e fria.

A ilha estava em sossego, vendo-se apenas de distância em distância, bruxulear uma ou outra luz mortíça...

Quando, porém, rompeu a madrugada, os primeiros pescadores que ali passaram, aterrorizados, encararam aquele esquife marítimo com um cadáver no fundo. O pobre náufrago sucumbira com terra à vista, nas torturas da fome, nos desesperos da dor!

Uma cena de campanha

A Vicente de Carvalho

No acampamento reinava um silêncio de morte.

Aqui e ali alvejavam as barracas, essas improvisadas tendas guerreiras que atestam a existência do soldado em suas proximidades.

Uma ou outra fogueira, ou antes, alguns montões de brasas à boca dos matos vizinhos davam ideia de que a grata refeição do churrasco tivera há pouco lugar ali.

Ao longe, muito longe, reboava surda e compassada a medonha artilharia.

E o sol caminhava ardente e soberano, deixando matagais e serras, em meio desse silêncio profundo, nem mesmo cortado por abafado trino de ave selvática, ou pela queda de uma folha seca sobre a grama inculta. Perto, junto a quebrada de uma coxilha, via-se erguida uma pequena bandeira vermelha, como que servindo de atalaia àquele soturno despovoado.

A soldadesca abandonara o acampamento havia poucas horas, marchando para fazer uma sortida ao inimigo, e entrincheirada nos matos, aguardava impaciente o momento do assalto.

À pequena distância de um arroio margeado de floridos águas-pés, o solo mostrava-se alteado e como que tendo a terra revolvida; ali fora pela manhã enterrado um pobre rapaz de vinte anos, infeliz soldado a quem coubera a sorte de ser passado pelas armas, por crime de terceira deserção.

Uma cruz feita às pressas, por piedosas mãos, onde havia preso por entrançado cipó um ramos de flores silvestres, assinalava aquela campa onde dormia o sono eterno uma desventurada criança, que não levava como unção suprema sobre a pálida fronte, o sagrado beijo da mãe. Três vezes abandonara o posto, levado pelo grande amor de filho, para ir a um povoado vizinho ver a mãe pobre e enferma, esquecendo assim a rigorosa disciplina militar, o amor da pátria e a voz ríspida do capitão. No momento de lhe ser posta à venda sobre os olhos, entregou ao sargento próximo que tinha como amigo, as poucas moedas que lhe restavam do último soldo recebido, indicando-lhe a morada da velha mãe e pedindo para dar-lhe o seu último adeus.

Depois limpou uma lágrima que lhe corria trêmula pelo rosto imberbe, e, dando um passo à frente, levantou a cabeça bradando com toda a coragem: Camaradas, façam fogo!

A luta pelo amor

À Julieta

Antônio viera do velho Portugal, como um de tantos meninos que de lá aportam às prometedoras plagas do Brasil, na ideia de aventurar a sorte.

Ora aqui, ora ali, fora passando a existência sempre na luta pela vida.

Quando, porém, contava 17 a 18 anos, esse período em que de ordinário o mundo é para o homem uma miragem, em que tudo se lhe mostra fora da órbita escura e pesada das decepções, Antônio achou-se a braços com a mais ingrata e acerba das lutas que assoberbam a humanidade, a luta pelo amor, e isto na idade em que o coração cede facilmente às impressões desse sentir impetuoso; quando é indiscutível a asserção de Pascal: “O coração tem suas razões que a razão não compreende.”

Tendo nosso jovem herói buscado as grandes vastidões das campinas rio-grandenses, para lançar-se ao trabalho, para dar curso às suas aptidões de homem que ambiciona um futuro, que aspira o viver independente adquirido com o labor honrado que enobrece os homens, encontrou também dentre as mil belezas dos pampas, a flor singela e tímida, que abriu-lhe o coração puro de sensações estranhas.

Amou então com as loucuras da primeira mocidade, com todos os extremos de um peito ardente, resumindo em Francelina esse turbilhão de esperanças e ilusões que tumultua na cabeça do homem criança, quando escravo de uma paixão forte.

Foi correspondido; ela cercou-lhe dos carinhos, dos cuidados, das doçuras que só o coração da mulher é capaz de prodigalizar com extremos, embora compostos de pequenos nada, para aqueles que não tiveram ainda na vida esses instantes, essas horas, esses dias, em que a voz da mulher amada, o seu olhar terno e perscrutador importam um consolo incomparável nas grandes dores do homem.

Assim corria a existência de Antônio, que a par do paraíso do amor correspondido, via tempestuosos os horizontes em seu caminho, quanto ao exíguo produto que conseguia de seu acurado trabalho.

As faltas, as necessidades, que em sua idade realmente sofria com uma certa coragem, que o peso dos anos não traz, ainda assim cortavam-lhe muitas vezes o riso nos lábios e faziam-no cruzar os braços em meio das lides diurnas, para pensar no futuro, que importava a sua suprema felicidade ao lado de Francelina.

Quantas vezes, via-se privado de comparecer aos bailes, às festas tão frequentes, naquele bom retiro da campanha rio-grandense, curtindo no silêncio da sua acanhada alcova, amargos pesares ao conhecer a inferioridade de seu singelíssimo traje, ao lado dos rapazes que procuravam disputar o amor de

Francelina, envergando belos fatos domingueiros. Pobre Antônio, como sofria então o seu amor próprio, como sentia-se revoltado com a sorte!

Assim ia ele; ora, vogando em mar de rosas, – na frase vulgar dos namorados – ora maldizendo o destino que não o deixava aparecer como seus companheiros, bem trajado, aspiração esta proverbial a todos que estão na quadra dos amores.

Que importava que a querida de seu coração asseverasse-lhe tantas e tantas vezes, que os seus merecimentos não estavam na roupa, que os outros rapazes não possuíam para ela as qualidades que tanto o recomendavam, não tinham os seus atrativos físicos, o seu todo simpático, e aquele sorrir expressivo e bom. A altivez própria do homem brioso e honesto torturava-o intimamente.

Um dia após uma encantadora festa de batizado, em que Francelina fora a rainha de quantas jovens dos arredores se haviam reunidos ali porque a tinham escolhido para levar à pia batismal a criancinha festejada, Antônio concebeu um novo plano de vida. As lágrimas ocultamente vertidas nesse dia a parecer-lhe um século, passado no silêncio do quarto, e inteiramente privado de tomar parte nas alegrias que iam lá fora, vieram poderosamente como um braço de ferro, arredá-los dos doces sonhos do amor, para fazê-lo pensar seriamente na vida positiva, dando-lhe uma resolução pronta e decisiva.

Deliberou deixar aqueles lugares, abandonar aquela região onde encontrara a felicidade do coração, porém onde não achava espaço para os largos voos que a força do trabalho podia dar-lhe em um meio de mais futuro. Reunida a pouca roupa e objetos que lhe pertenciam, comunicou à moça a sua definitiva partida, sendo impotentes todas as lágrimas e pedidos com que ela o cercou para fazê-lo ficar.

Com a alma despedaçada, louco de dor, montou a cavalo e saiu estrada fora, na ideia de só voltar ali, quando pudesse reunir o seu destino ao de Francelina, a quem adorava e por quem acabava de praticar um sacrifício que importava talvez um martírio.

Ainda desta vez o coração venceu a razão, e passados poucos dias, Antônio achava-se de novo no povoado. A tortura da saudade fizera-o voltar.

O pensamento, porém, de ganhar futuro, de fazer-se homem, não o deixava um instante. Até que uma noite, ao voltar de umas carreiras onde uma

disputa com gratuitos desafetos quase dera-lhe a morte, de novo sugeriu-lhe a ideia de partir. Passou em casa de Francelina, para dizer-lhe o adeus de despedida, porém não a encontrou; seguiu caminho da cidade mais próxima, viajando a noite inteira para chegar aí. O que foi para ele esta noite; o que se passou em seu coração e em sua imaginação, compreendam-no aqueles que já um dia amaram.

Tomado de uma força de vontade nobre e rara, Antônio lutou muito porém venceu. Adquiriu uma posição independente, teve o apreço da sociedade, porque os seus bons e generosos sentimentos deram lugar a isso, mas, quando um dia quis completar a sua felicidade, recompensando a sua alma das amarguras que fizeram-na esgotar o cálix do desespero, Francelina dormia à sombra de uma cruz, na solidão dos túmulos, sepultada com o seu amor e a saudade de nunca mais ter visto Antônio. Também ele, jamais – apesar de decorridos anos e virem mais tarde os afetos da família querida dar-lhe dias de paz – pode esquecer de todo o seu primeiro amor. Custara-lhe esse sentimento tantas lágrimas, que muitas vezes escondera aos companheiros nas horas do trabalho, que impossível fora desenraizá-lo do peito.

Sabia que aquele grande afeto, devia a posição de que gozava então, pois a sua força de vontade, nascera de tão profundo amor.

Hoje, cheio de conforto, no lar onde dos grandes amores o prendiam, só mesmo uma recordação de seu tempo juvenil, podia passar-lhe uma ou outra vez, como nuvem em pleno céu azul.

Narrativa de um cravo branco

À Candida Fortes Brandão

Nasci por uma tarde de primavera, cheia de claridades suaves, inundada de perfumes, beijada pelos últimos alentos de um sol púrpura afogado em palhetas de ouro.

Pela janela aberta de um mirante próximo chegaram até mim os suaves sons de um piano soluçando as notas de um trecho do *Trovador*.

Em canteiro perfeitamente artístico, trabalhado em conchas e búzios, todo alinhado com a nobre e apreciada classe a que pertenço – a dos craveiros

finos, de estimação, descerrei eu as primeiras pétalas, vendo em volta de mim belíssimos irmãos.

Magnífico país o meu, onde o império das rosas era imenso, as violetas em suas grandes alfombras uniam-se as centenas, e dois majestosos pés de magnólia, carregados dessa inebriante joia dos jardins, como que de atalaia àquela mansão florida, tornavam o espaço prenhe de ativo e delicioso aroma.

Passei a primeira noite de minha existência encantado no seio de tantos perfumes, beijado por um luar de prata e embalado docemente pela mais leve e cadenciada aragem.

Ao dia seguinte, pela manhã, o jardineiro colheu-me, juntou as outras flores e levou-me à sala de jantar, a uma senhorita que era o mimo dos pais e que amava o belo como todas as almas repletas de ilusões.

Ela colocou as flores em uma cestinha de *becarat* junto ao espelho de sua *toilette* e escolheu-me para levar de presente a uma amiga, que tinha a imaginação cheia de poesia e o coração pleno de ternuras. Fui então cercado de gentilezas, elogiado, poetizado e finalmente posto de suas carinhosas mãos às de um moço elegante, bonito, de olhar ardente e sorrisos francos.

Lembro-me bem, foi isso por uma tarde formosa, em frente ao mar cortado por um sem número de brancas velas e levemente achamalotado por uma fresca aragem marinha.

O moço guardou-me junto ao peito e ao chegar à casa deitou-me em delicada jarriinha de cristal, sobre a carteira onde via-se preso aos seus labores de pena.

Ali passei dias e noites ouvindo-lhe os suspiros, compreendendo-o em suas horas de fadiga ou de tristeza, e ouvindo-o também nas palestras cheias de expansão com os amigos ou conhecidos em meio de seus cálculos de escritório comercial.

Assim fiquei velho, assim perdi a alvura da mocidade, o perfume, o viço.

Estava destinado, pensava eu, a ser entregue à poeira das ruas, a ser atirado fora como as coisas imprestáveis.

Porém, um dia o moço tomou-me entre as mãos, olhou-me como que compadecido da grande transformação porque passara a minha incontestável beleza, lembrou a minha segunda dona e deliberou dar-me sepultura.

Abafou-me entre um acervo de cartas e papeis, junto à carteira, e ali fiquei mirado, esquecido do mundo e dos gozos da terra, silencioso, apenas

com as recordações do passado, mas ainda feliz porque servira de talismã de amor, e morrera na propriedade de um dono gentil, um tipo de romance, desses que sabem falar ao coração da mulher.

O paralítico

À Julia Lopes de Almeida

Todas as manhãs quando o sol vinha petulantemente depois de haver dourado os telhados das habitações vizinhas, espreitar à janela ampla, rasgada da alcova de Gastão – o paralítico já o encontrava em seu belo leito, dentre os alvos e arrendados cortinados que desciam em largas pregas, presas às rosetas azuis da elegante cúpula.

Que adorável aquele aposento de rapaz solteiro, onde conhecia-se logo ao primeiro lance de vista, que o delicado gosto, o capricho, os cuidados de uma mulher deviam de andar ali envoltos com um grande amor.

Aqui, um móvel de luxo, mais além, um objeto de arte, acolá, um conforto para o doente, mais um mimo, mais um atrativo e estava assim reunido tudo que pudesse ser cômodo a Gastão, e encantador a seus olhos de artista.

Sim, Gastão era artista, revelara cedo um talento de eleição para a pintura, indo aperfeiçoar-se na Itália, onde ficara depois de completar os estudos, dois anos ainda, a percorrer Livorno, Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Milão, etc. Assim é, que, guardava da decantada pátria da Arte, da grande Itália, as mais saudosas e vivas recordações.

Trouxera dali o amor ao belo, idolatrava a pintura e amava a música.

Voltando à Pátria, onde o esperava o extremoso amor de uma mãe para quem ele importava toda a felicidade sobre a terra, achou-se repentinamente a braços com uma paralisia cruel, que há quatro longos anos o retinha no leito ou em sua grande cadeira de rodas.

A mãe de Gastão, viúva abastada extremosíssima, procurava infatigavelmente amenizar-lhe a existência, tão torturada em plena mocidade.

Enquanto a terrível paralisia não lhe havia tomado os braços, o pincel e o seu sonoro “liuto”, melancólico instrumento que trouxera da Itália, compensavam-no das amarguras curtidas na mudez daquela alcova.

Porém, agora, que acabava de sentir que de todo estava privado do movimento dos braços, compreendia que a avalanche do desespero a esmagar-lhe o coração, cedo, muito cedo, cortava-lhe o tênue fio da vida, restando-lhe apenas o estremecido aconchego de sua velha e veneranda mãe, para descansar a fronte do moribundo.

Era por isso que aquela manhã o sol a espreitar na vidraça, não vira abertos os cortinados, nem escutara as monodias do choroso “liuto”.

O moço, imóvel no luxuoso leito, acabava de sentir toda a verdade de sua desgraça, e fitando o pincel e a palheta, como que a dizer-lhes o derradeiro adeus, sentia descender lentas pelas suas encovadas faces, duas grossas lágrimas de desespero.

Página de um livro íntimo

À Rosália Sandoval

Ele contara-lhe a história do seu amor com tanto sentimento, com tanto ardor, com tanta alma, que a impressionara vivamente.

Fora assim: uma tarde, ao cair das sombras crepusculares, quando, nos paramos do infinito, como que paira um manto denso e brumoso, quando a natureza inteira reveste-se de uma tristeza, de uma melancolia intraduzível, quando o mar, o céu, as florestas e a fantasia do homem, enfim, veem-se dominadas pelo mistério do lusco-fusco, no expirar do dia e no desdobrar das sombrias asas da noite, ele e ela na sala, perto da janela por onde penetrava uma leve aragem, fazendo palpitar a rendada cortina, falaram do amor que vai além do túmulo.

Ela, que sentira-se docemente atraída para ele desde a primeira vez que lhe falara, ouvia-se, pois, em religioso silêncio; o coração pulsava-lhe com violência e sentia-se tão emocionada que, de momento a momento, como que uma onda subia-lhe ao cérebro, tingindo-lhe as faces de um vivo colorido. Ele falava apressado, com o olhar brilhante, mas por vezes trêmulo, hesitante, ao evocar esse passado querido, que o estoicismo da morte, com o seu guante de ferro, sepultara para sempre!

Na sala, vagava um perfume de violeta, um não sei de que solene, de mistério, através das sombras que pareciam agrupar-se aqui, ali, dando ao recinto em que se achavam uns tons de acerba tristeza.

Sobre um dos dunkerques, em uma jarra de bacaral, duas rosas, como testemunhas mudas daquela cena de dor, incensavam o altar ideal daquele amor tão grande, tão extraordinário, como seu delicado aroma. Porém, no momento em que a narração do moço chegou ao auge do desespero, quando ele, possuído de todo esse transe de amargura, de toda essa tortura de Prometeu, descreveu a morte da noiva, uma das rosas, a mais bela, começou a deixar cair as pétalas, uma a uma, sobre o tapete, à semelhança de um fio de lágrimas.

Ele, um outro Romeu, Eurico, Petrarca, identificado à epopeia daquele amor, ao poema de uma sensibilidade rara em coração de homem, chegava, na grandeza do seu afeto, a supor-se sempre acompanhado pelo espírito da mulher amada, como se fora o seu anjo da guarda a sustar-lhe a prática de qualquer ação menos digna que porventura viesse-lhe à mente.

Ele então, olhava-o, cheia de impressão, fitava-o, envolvendo-o em um manto de incomparável poesia e pensava, que aquele homem tão longe de vulgaridade dos homens, merecia ser amado por uma mulher capaz de compreender toda a imensidade de sua alma, embora na triste certeza de que seu coração estava profundamente adormecido para as paixões terrenas, guiando-o na vida o culto imáculo de uma recordação sagrada, que constituía o seu passado e o seu presente.

O retrato

À Anna Aurora

Rosa fora criada na roça. Filha de pais rústicos, criaturas nascidas no trabalho e vivendo unicamente para o labor material, não conhecia as etiquetas da cidade e muito menos a convivência daqueles que cultivavam-nos o espírito e dão-nos a conhecer os encantos da boa sociedade.

A pobre rapariga nem sabia ler. Nunca saíra da vila, aquela vila que lhe dera o berço e dar-lhe-ia a tumba, dizia ela.

Em compensação, Rosa era de uma natureza totalmente poética. Uma flor delicadíssima, frágil, retraída e mimosa, dessas que desatam-se no recanto de uma brenha, onde o sol, enfarado sultão, desdenha de mandar um só de seus filões diamantinos. Uma flor descorada, mas muito bela.

Naturalmente, a inculta rapariga seria incapaz de uma narração, onde houvesse em tons eloquentes a cristalina face da poesia que delicia e enleva, mas a sua alma vestia os sedosos arminhos do sentimentalismo, e os grandes olhos de Rosa, divinamente pensativos, buscavam de preferência as telas da natureza, tocadas pelos reflexos violáceos.

Compreendia a majestade sublime do mar, ficando tardes inteiras a encarar-lhe as brumosas alterações.

Isolava-se pelos matagais procurando com um empenho de naturalista toda a borboleta, toda a flor, toda a planta exótica.

Os mais guapos rapazes da vila apresentavam-se à conquista do coração de Rosa, e ela indiferente a essas cortesias, passava pensativa como é quase sempre a mulher no período em que tem o espírito preso à lembrança desse alguém que é o seu mundo e o seu paraíso.

O amor de rosa era como que um amor ideal, vivia de um retrato que colocara à cabeceira de seu leito.

Acabara de completar os seus quatorze anos, quando pernoitou em casa de seus pais um viajante que vinha da guerra e destinava-se à Capital, em honrosa comissão militar. Por essa ocasião, fracassara na baía do Rio de Janeiro a importante revolta de Seis de Setembro, que tantos rasgos de heroísmo alcançou da intemerata marinha brasileira.

O nosso viajante, sabendo em caminho desse fatal acontecimento, mais precipitara a sua jornada, e na pressa com que deitara seus papeis na mala de viagem, esquecera um retrato sobre o leito.

Rosa como encarregada do serviço do mestiço, enquanto seus pais trabalhavam na roça, deu logo com o retrato esquecido, e, cheia de encanto por ele, levou-o para sua alcova, impressionadíssima com aquele tipo de homem tão correto, tão expressivo como nunca vira na vila. Achava-lhe um não sei que de adorável que não sabia dizer, porém, que a prendia largas horas em muda contemplação.

Um olhar, que era a um tempo tudo que há de poesia e de bondade, guardando o segredo de avassalar, de ostentar um império, que a fazia estremecer e abaixar as pálpebras. Conjunto harmonioso de beleza rara, sob as linhas másculas de uma verdadeira altivez. Havia um nome nessa fotografia, porém Rosa não sabia ler, e mesmo isso pouco lhe importava.

Amando aquele desconhecido com a grandeza de uma alma virgem de afetos íntimos, consagrava-lhe todos os momentos puramente seus.

As flores colhidas em seus passeios campestres, vinham adorná-lo, formando curiosa moldura de musgos e flores secas.

Quando alguma amiga de Rosa entrava-lhe na alcova, ela apressadamente cobria o retrato.

Temia imenso que o vissem, crendo fácil um roubo.

E assim viveu desse amor, até o dia em que apenas com dezessete anos, baixou ao túmulo, no cemitério da vila, vitimada por cruel febre.

Alguém entrando então em sua alcova, viu o retrato, e sem que soubesse a história de amor que ele guardava, leu-lhe na base o nome do imortal brasileiro – SALDANHA DA GAMA.

SEGUNDA PARTE – CINTILAS

Aos idolatrados irmãos e amigos de sempre, Julieta e Romeu,
tributo do coração da Revocata

Aos corações que amam

Aos queridos Julieta e Romeu

Dizem que o amor é velho tema, pois seja, embora a mais debatida das questões e o mais explorado dos assuntos, enquanto houver mundo e mais ainda, enquanto houver corações, há de o amor ocupar o pensamento e encher as almas; há de acompanhar a humanidade e resolver a sorte do homem.

O amor não pode ter fim. Ele vive e viverá sempre, mais para o martírio que para a felicidade da criatura humana.

Amar!... haverá, acaso, no mundo alguém que não tenha amado?...

Não, não pode ser!

Esses mesmos infelizes a quem a sociedade olha com rancor e desprezo, porque têm a esmagar-lhes a reputação e a retalhar-lhes a honra, o peso dos crimes e a lepra do vício, esses mesmos desgraçados foram muitas vezes levados ao fundo de uma enxovia ou às barras de um tribunal, pela caprichosa e rósea mão do amor.

Percorrei as estatísticas criminais, aprofundai, resolvi o âmago dos processos, dos depoimentos, rasgai bruscamente a estamena, que, as mais das vezes, cerra-nos a verdadeira causa, e lá encontréis o amor, escondendo o punhal homicida dentre o manto de rosas em que se envolve!

Na história dos apavorados seres que, inconscientes, povoam de gritos lancinantes e tétricas gargalhadas o sombrio seio dos hospícios, cabe também ao amor uma parte integrante, quase sempre ignorada pelo mundo e pela sociedade.

Os suicídios, esses rasgos de desesperos tão condenados por alguns, tão verberados pela religião, raramente deixam de esconder a sua origem nas borrascosas trevas de um amor infeliz.

Verdade amarga, no entanto: ai do coração que não tenha a sua história de amor! Esse coração não vive, vegeta.

Embora a dor, o sofrimento achem-se vinculados ao amor, todos nós queremos senti-lo, apraz-nos essa carícia que fere, esse sorriso que pode transformar-se em tortura.

Quem ama tem sempre a alma aberta para o belo.

Raramente o olhar de quem ama deixará de contemplar a natureza num êxtase indefinível.

Ora divagando no campo, parando à sombra de uma árvore frondosa, escutando o arruído da aragem, fitando a passarada na adorável confecção dos ninhos, apanhando uma florinha na relva, embebendo o olhar largo tempo nesse mistério sem limites que se chama o céu, mas sempre com o pensamento em alguém que faz do nosso coração um sacrário de sacrifícios, de adoração, quer esse ente amado esteja junto de nós, quer viva centenas de léguas distante.

Quem ama compreende e admira todas as manifestações da arte.

Qual será o coração pleno de amor que deixará de cantar no templo imáculo dos seus pensamentos íntimos, o *Te-Deum das subidas* emoções, ante à grandeza da música, da poesia ou da pintura?!

Quando virdes alguém, pensativamente, fitando o mar, horas inteiras como que esquecido do mundo, de tudo o que o rodeia, medindo com o olhar, essas extensões de água que se perdem em páramos sem fim, dizei, sem medo de errar: este alguém está com o coração a transbordar de amor!

Sim, Deus inventou o mar para quem ama.

Como é doce, grato, suavemente impressionável, ao lado de uns olhos que encerram paraísos, meditarmos na poesia, no mistério, na grandeza do mar!

Se o coração está torturado com a saudade, se tem a sangrar a ferida aberta pela dura ingratidão, é ainda o mar um refúgio ao olhar e a alma.

Os fundos abismos das vagas encapeladas, os seus listrões de espumas, o encrespado esmeraldino das ondinhas, as ardências, os avolumados jorrões de água, quer nos cambiantes do sol, quer argentados pelo luar, mostram um panorama de majestoso encanto.

A vela que corta os mares, à semelhança de uma grande asa de ave aquática, e vai, e segue, e alveja até o extremo do horizonte, parece que arrebatava consigo o nosso olhar, o nosso pensamento, o nosso coração.

O canto da marinhagem à proa do navio que parte ou as cantilenas dos pescadores recolhendo as redes pelas serenas madrugadas de janeiro, tudo importa um poema de tristeza acariciadora ao coração que ama.

Seja embora o amor um sofrimento, quem ama vive, sonha, pensa, deleita-se nos braços de uma quimera, e a idear, a erguer castelos pode bem resvalar no túmulo, crendo numa eternidade de venturas.

O coração precisa amar!

O tempo não consegue apagar nomes nem fisionomias que docemente se gravam em nosso coração; tem, porém um grande poder – estanca as lágrimas e derrama o suave bálsamo da resignação sobre as mais fundas feridas da alma.

A amizade

À amiga Mariquinhas Chula

Apregoa-se muito a amizade, não há quem não se inculque verdadeiro amigo, quem não tenha a narrar um sem número de sacrifícios, de valiosos serviços imolados à causa sacrossanta da amizade, porém, os fatos que atestem a real existência desse sentimento que tanto nobilita a criatura, são muito raros, muito raros.

Não é que a alma humana se negue ao cultivo acurado da delicada planta, porém, está compreendido que este sentimento puríssimo e elevado não foi ainda definido por todos os homens, em sua genuína grandeza. Parece-nos a nós saber perfeitamente distinguir as amabilidades, as delicadezas dispensadas por simples exigência de educação àqueles que a oportunidade nos apresenta, no convívio social, dos entes, que por uma simpatia particular ou pela imperiosa força da gratidão, enraizam em nosso coração o nobre e sublime sentimento da amizade.

Mas, há muita confusão, muito erro no conhecimento exato do que é amizade com sacrifícios, com dedicação, no esquecimento da nossa tranquilidade em benefício de outrem.

Montaigne disse: “Na leal amizade, as almas se misturam e confundem uma com a outra de modo tão completo, que apagam e não encontram mais a costura que as ligou”. Santo Agostinho, escrevendo sobre a morte de um amigo, exprimiu-se assim: “Meus olhos procuravam-no por toda a parte e não o encontravam; sentia o ódio por tudo, porque nada podia restituir a ele e dizer: – Ei-lo, não tarda aí. Eu mesmo me tornava um problema insolúvel e perguntava a minha alma: – Por que estás triste? Por que tanto te perturbas? E ela não sabia responder-me. Só minhas lágrimas eram suaves e haviam sucedido ao meu amigo nas delícias do meu coração”.

A amizade em sua fina cristalização é o refletor de uma dedicação sem limites. Não tem a banalidade de um trato puramente social, encerra uma poesia íntima, que embora não mostre os deslumbramentos e as delícias do amor, guarda no entanto infinitas ilusões e melhor resiste à ação dos anos.

A amizade tal como deve ligar as existências que se aproximam por intraduzível força de circunstâncias, desconhece sexos, idades e classes, fala mais alto que todas as nossas conveniências e interesses.

É a união de duas almas nas horas de dor e de amargura, é a identificação das mesmas alegrias e felicidades. A amizade é uma guarda segura à honra, à prosperidade e até a vida alheia.

Na ausência dos amigos, velamos pelos seus interesses antes dos nossos, mostramos sempre o peito descoberto às armas suspeitas, à inveja, à calúnia, à intriga, que possam acaso tentar feri-los à traição.

Pelos amigos devemos ser uma barreira firme, antepondo-nos a toda e qualquer dano a sua moral, a sua probidade.

Ter na terra um verdadeiro amigo é poder dizer na desgraça: Não estou só, há um coração que sofre com o meu.

É carregar a cruz da vida que todos nós temos mais ou menos pesada, na certeza de que nas horas da desalentadora fadiga, alguém virá suavizar-nos o peso doloroso.

Compreender, enfim, o sublime sacerdócio da amizade, é mostrar-se um espírito fora da órbita do egoísmo, infelizmente assaz generalizado, é ter a alma moldada para as ações grandes e nobres.

A dor constitui um dos elos da cadeia da vida.

O coração da mulher

À amiga Amélia Lisboa

Aparte as mulheres que nos aparecem nas estatísticas criminais, mostrando um coração de fera, e aquelas que a sociedade repele, porque não têm coração, ou se o têm é de pedra, tal é a dureza e a insensibilidade com que se mostram ante aos impressionáveis cenários da vida humana, as mulheres em sua maioria possuem um coração todo afeto, todo ternura, todo magnanimidade.

A mulher sabe amar com maior veemência que o homem, contam-se dela verdadeiros rasgos de heroísmo, assombros de coragem, para salvar a honra ou vida de homem amado.

O coração da mulher tudo vê, tudo presente.

O homem perdoa, porém, não esquece, a mulher perdoa sempre e rara vez guarda ressentimentos.

Quantas vezes as paredes do lar encobrem tragédias, onde mulher é uma vítima hoje, e amanhã a própria salvadora daquele que representa seu algoz.

O coração da mulher é um ninho de afetos, um sacrário onde guardam-se tesouros de virtude, que o homem nem sempre sabe avaliar.

A mulher que ama tem a um tempo para o escolhido de sua alma os extremos de mãe, os carinhos de esposa, os afagos de filha e as ternuras de irmã. Junto a seu leito de enfermo é mais piedosa, mais infatigável que a mais delicada das enfermeiras; não come, não dorme, não fala, não pensa, a não ser nesse alguém que está sob a sua amorosa guarda.

O coração da mulher encerra o símbolo da fé e da caridade.

A mulher é compadecida por índole e por natureza.

Quantas ocasiões as suas faces encontrarão ainda os vestígios das lágrimas derramadas pela afronta do homem amado, e os seus lábios terão um sorriso em face da sociedade para encobrir a falta que faria dele um repudiado, um ser sem alma.

Ah! Os homens falam muito das mulheres, porque não sabem compreendê-las.

Eles deveriam dizer: temos por sagrado dever render todos os cultos, todas as vassalagens de afeto a esses corações que pulsam por nós desde o começar do dia, até as horas mortas da noite; a esses corações que lutam, que afadigam-se, que labutam pela nossa felicidade; que são a nossa mais segura guarda, que choram se choramos e riem se estamos jubilosos.

Os homens têm ainda muito que estudar o coração da mulher.

Ele é tão deliciado, tão sensível, tão bom, compõe-se de elementos tão cheios de poesia, de suavidade, de ternura, tem mistérios tão sutis, lendas tão encantadas, que só um apurado, um contínuo estudo, chegará ao conhecimento de toda a sua grandeza.

O coração da mulher vela sempre.

Onde há desgraças, onde há misérias, onde sofre-se, ele aí está, solícito, empenhado e consolador.

Eu creio mesmo que há mulheres, cujo coração não morre nunca; tombada a matéria, o corpo, o coração fica como que a divagar entre os entes

adorados, para cuidá-los, para afastá-los dos perigos, para dar-lhes conforto nas tempestades da vida.

Feliz do homem que souber a fundo conhecer o coração, porque de uma ventura rara, cercado de uma tranquilidade invejável.

Para que não seja desmedido o valor do coração da mulher, basta pensarmos que os maiores exemplos de sacrifícios e de abnegações, têm sido dados pela mulher, desde os tempos primitivos.

Uma das felicidades da mulher é ver brilhar nos olhos do homem a quem deu o coração, uma lágrima de sentimento pelos infortúnios.

A sala de jantar

À amiga D. Lauducena de Mello Silveira

Francamente falando, o nosso paraíso é o nosso lar, quando entre os membros da família existe a boa educação e o verdadeiro afeto que une aquelas existências que ali habitam, no mesmo elo de cordialidade e respeito.

Há, porém, em casa, um aposento que é mais que todos os outros, o ponto principal das reuniões de família. É a sala de jantar.

É aí que, todos os dias quase que as mesmas horas, reúnem-se pais e filhos, na mais deliciosa das convivências, na mais franca e empolgante das palestras.

Ao almoço, ao jantar, e à noite, ao chá, de costume a família em volta da mesa, acompanha as refeições, fazendo um apanhado das ocorrências do dia, dos fatos que constituem o assunto da atualidade, dos mais palpitantes interesses de cada um em particular e de todos em geral.

Assim é que fala-se um pouco de finanças, de higiene, de política, de modas etc.

Às vezes, quando o espírito dos membros da família mais entrados em anos, está propenso à tristeza, taciturno, melancólico, desdobram-se as telas do passado e a sociedade de família, é transportada a essa época que nos

ficou perdida na passagem do tempo, mas que tanto nos apraz recordar, muito principalmente junto de alguém que partilha conosco dessas saudosas impressões.

Ah! Como se vive, como se rejuvenesce, como sente-se o coração palpar célere, lembrando uma estação de ventura!

É pois a sala de jantar, como que a um tempo o santuário da família e a assembleia dos íntimos; o conjunto enfim, dos parentes e das amizades do coração.

Aí, nas longas e nevoentas noites de inverno – noites que parecem feitas para termos junto de nós as criaturas que mais amamos – que serões adoráveis, sob um teto confortável, num aconchego familiar, ao calor da luzes, entre a boa chávena de chá e a conversação cheia de verve, cruzada de olhares eloquentes; serões que fazem a epopeia do lar e que não devem trocar pela mais ruidosa e deslumbrante das festas.

Sublime, a poesia da família!

É por isso que devemos alindar o mais possível a nossa sala de jantar, sem que lhe tiremos o verdadeiro caráter de aposento onde andam de mãos dadas a franqueza e a comodidade.

A sala de jantar deve ter quadros, um dos mais atraentes adornos de uma vivenda de bom gosto, e se forem paisagens, aquarelas representando frutas ou pássaros, mais de harmonia ficarão flores também, flores sobre os aparadores ou bufê e no centro da mesa de jantar então são elas indispensáveis. As jarras ou garrafas de água, os copos sobre os étagères, devem cintilar cristalinos, límpidos. As fruteiras ostentarem as deliciosas pirâmides de maduros frutos. No verão, as vidraças a deixarem-nos ver ampla claridade e os vivificadores espaços azuis.

À noite, bem iluminada, afim de dar um tom alegre que se comunique aos espíritos ali reunidos. Os móveis, mesmo que não sejam novos, dispõem-se de forma a parecê-lo. Dá-lhes lustro com um pouco de óleo de linhaça, adornando-os com tapeçarias, panos de étamine, de linho, bordados, hoje tão em voga.

Não esqueçamos também dar à sala de jantar, as plantas de estufa, tão belas, tão atraentes em sua variada folhagem e caprichosas palmas.

Incontestavelmente assim teremos uma bela sala de jantar.

O ateísmo, roubando-nos essa doce crença que serve-nos de consolo as desesperações da vida, materializa o espírito e torna a alma vazia de luz.

A oração

À amiga Marietta R. de Carvalho

A oração é um bálsamo para a alma dos crentes.

Qual será a mãe aflita, a irmã desolada, a filha ou a esposa ferida pela dor moral, que não tenha nos lábios a oração, que não açoite seus sofrimentos sobre a fé, que não busque nas horas cruciantes, os doces e protetores braços da religião?

A oração, que indiscutivelmente faz parte das sublimes lições docemente ministradas desde os nossos primeiros anos, pela santa e carinhosa mãe, jamais deixa de pairar em nossos lábios, ou de falar-nos mentalmente, quando os embates da vida arroja-nos à fúria dos temporais do desespero.

Parece que a oração exerce um poder inexcedível sobre o coração mais supliciado, quando ardorosamente buscamos como nesga de terra salvadora, após as agruras do naufrágio da ventura e da tranquilidade do lar.

A oração é um raio dessa luz benéfica emanada do olhar de Cristo sobre a humanidade sofredora, e que há XIX séculos ampara-nos nas mais dolorosas lutas.

Depois da oração as nossas ideias, os nossos pensamentos, os nossos projetos, os mais desordenados e exaltados, acalmam-se modificam-se e só nos mostram o bem, a virtude e a resignação.

O próprio criminoso repudiado pela sociedade, e sob o peso do remorso – o mais horrível dos suplicios, encontra lenitivo, como que regenera-se, acordando a alma para o amor de Deus, se a oração o prostra contrito.

O marinheiro, o homem rude que solta imprecações, que blasfema, que afronta as vicissitudes da vida embalado na vaga alterosa, com a fronte enrugada ante aos uivos da tormenta, como o leão audaz que não recua ao combate com o mais encarniçado antagonista, também conhece o poder da prece.

É grandioso, é emocionante vê-lo curvar o joelho no convés do seu navio, prestes a desaparecer nas cavernas do oceano, para levantar uma oração aos céus, para identificar-se com as coisas divinas.

Rara, muito rara será a criatura, que ao aproximar do termo da existência, nos supremos momentos, quando a renhida luta da matéria e do espírito anuncia o desconhecido, o mistério insondável da eternidade, deixe de buscar a oração como intermediária consoladora entre a lembrança do que deixamos e a esperança de uma paz então anelada. A oração é tudo quanto há de meigo, doce e suavizador.

O condenado que a recebe ao aproximar da execução deixa transparecer no calmo olhar, na placidez da fisionomia, toda a resignação que lhe invade a alma, toda a coragem que o ampara no solene momento.

Felizes dos povos em cujo seio a religião existe, cercada das verdades da palavra de Cristo, porque é de tão abençoada fonte que se levanta a fé.

A educação livre, sem distinção de classe, fora de todos esses preconceitos prejudiciais às nações cultas, atesta firmemente o adiantamento moral e social dos povos.

A avó

À Cândida Abreu

No aconchego da família, nessa deliciosa intimidade do lar, que é no mundo tudo que há de mais puro, de mais grandioso e santo, existe indiscutivelmente um vulto venerando, que impõe-se a todos os respeitos e a todas as bênçãos, depois das adoradas imagens de nossos idolatrados pais. Essa criatura, que representa na família a paz, o carinho e a ventura, é a avó.

Aquele vulto simpático que ali está a atestar pelo alquebrado de suas forças, pelo amortecido do seu olhar perscrutador pela coroa de neve que circunda-lhe a curvada fronte, um exemplo de lutas da vida, um marco já consumido pelos anos e interposto entre o passado e o presente da família,

importa a felicidade dos netos e é como que a voz precursora de todos os acontecimentos do lar, já pela sua acurada experiência de largos anos, já pela sua desvelada dedicação à mocidade e à infância que a rodeiam, que a interrogam, como se ela fora a Sybilla daquele templo de inquebrantável amor.

Quanto é belo e impressionável vê-la nos serões, nas longas noites de inverno, rodeada dos netinhos, a contar-lhes histórias de fadas ou de pobrezinhos, a formar-lhes o coração para as edificantes peregrinações do bem e da virtude.

Outras vezes, à mesa do chá, recordar com a sua voz pausada e grave, os feitos dos seus antepassados, despertar uma nota de dor ou de entusiasmo, na alma dos filhos e dos netos que a ouvem atentos, e deixar também resvalar uma lágrima de saudade de seus olhos mórbidos, por aqueles que a morte bruscamente arrancou-lhe dos braços.

A avó é sempre o refúgio dos netos, o regaço que os acolhe com sorrisos e carinhos, o pronto perdão para as suas mais repetidas faltas.

A avó é a paciência evangélica do lar, é a conselheira austera e complacente no seio da família.

A avó simboliza a religião e a moral porque o seu vulto respeitável, aponta-nos sempre com a palavra doce e cheia de convicção, os benefícios desses dogmas sagrados.

Mais vale a convivência do indivíduo que patentear abertamente seu ignóbil caráter, que a do hipócrita iludindo-nos na nossa boa fé.

Do primeiro, o golpe não nos pode ferir à traição, do segundo porém, todo o mal chega-nos de surpresa.

O egoísta

Ao meu primo Manoel dos Passos Figueiroa

Do egoísmo origina-se muitas vezes a ruína da sociedade e do lar.

O egoísta não pode ser útil à família, não pode laborar na grande obra da perfectibilidade humana, não pode cumprir os deveres de bom cidadão.

O egoísta pensa apenas no seu eu, esquece os sofrimentos do próximo, é surdo a todas as dores e lamentos, para pensar exclusivamente em seu bem estar, para fazer-se rodear de todas as regalias e apresentar incontestavelmente um ser abjeto, um corpo sem alma, uma organização aleijada.

Os sublimes sacrifícios, os rasgos de heroísmo, os grandes atos de humanidade que nobilitam o homem e fazem-no merecedor das bênçãos da sociedade e da gratidão de seus semelhantes, são plantas desconhecidas no coração do egoísta, onde só tem guardada a inveja e as ambições torpes.

Ser egoísta é olvidar os sagrados deveres de filho, de esposo e pai.

É viver de si e para si.

É mostrar-se alheio a toda a felicidade que não venha refletir na sua pessoa.

Ser egoísta é desconhecer a amizade com o seu belo cortejo de dedicações, é ser incapaz de estender a mão ao infeliz desprotegido da fortuna, ou à vítima do erro e da desgraça do erro e da desgraça, para amenizar-lhes a dura existência.

Não será de certo ao egoísta que as sábias doutrinas do filósofo Nazareno apontarão os caminhos do bem e da virtude.

A igualdade e a fraternidade que foram os princípios grandiosos das mais eloquentes práticas do poderoso Mestre que revolucionou a Judeia em peso, com a sua palavra eletrizante e convincente, importam para o egoísta um pesadelo, uma tortura mesmo.

Ele forma uma mundo, uma família, um conjunto de afetos, dessa individualidade que resume-se no seu eu.

Gozar, buscar para si toda a ventura que na acanhada órbita de seu enfezado raciocinar, compreende existir, eis as aspirações do egoísta.

Aqui, ali ou além, logo que lhe seja fácil realizar o seu programa de indiferença pelo próximo e extremo interesse pela sua pessoa, vive otimamente.

Não há amor da pátria em seu empedrado coração.

Muitas vezes concebe planos terríveis, executa miseráveis tramas, olvida a honra e o dever, visando trazer a si toda a felicidade que por partilha do destino devia caber a outrem que depara em seu caminho.

O egoísmo é pois um dos mais encarniçados inimigos da sociedade e da tranquilidade da família.

Pela primeira das ciências, isto é, a ciência da moral, deve o homem guiar-se para cumprir o evangélico dever de ser bom e útil ao próximo.

O luxo

À amiga Amelie Calcagno Cardia

A sociedade tem os seus inimigos encarniçados, algozes que trabalham infatigáveis para a sua ruína, e nesse número predominam a calúnia, a intriga e o luxo, como trindade diabólica e fatal.

É preciso, porém, que vejamos que, sendo a calúnia atroz em seu contato do ferro em brasa, e a intriga, traiçoeira e venenosa como a repelente cascavel, não são mais perigosas, mais nefandas em sua faina de cavilosos ardis, que a perniciosa paixão do luxo.

Quanta miséria, quanto lar em ruína, quanto caráter mareado para sempre, quanta virtude inopinadamente arrastada aos abismos da degradação, pela feérica ambição do luxo.

Os ouropéis do luxo atraem, deslumbram e cegam os espíritos fracos, levando-os inconscientes aos escabrosos caminhos do erro.

O luxo, em suas prismáticas rutilações, aparenta tantos encantos, que é preciso ser forte possuir a mais completa educação moral para resistir-lhe às seduições.

Todos os dias em qualquer recanto do mundo conhecemos o eco das manifestações do luxo, assinalando crimes, delitos e torpezas.

Há criaturas que sacrificariam toda a ventura do seu modesto lar, todo o seu viver simples, porém tranquilo no aconchego da família, pela mais tumultuosa e arriscada das existências, logo que assim pudessem suplantar o próximo com as grandezas do luxo.

A sociedade está constantemente a sofrer escândalos, vexames, explorações, porque a horda dos turibulários do luxo recresce, mostrando-se uma nova hidra de Lerna.

A ambição do ouro raramente predominará na maioria do gênero humano, visando a uma obra de caridade, um benefício alheio, um bem comum, mas sempre falando do luxo, sem dar tempo a pensar em futuras consequências.

O cortejo dos adoradores do luxo é imenso e conta com membros em todas as camadas sociais.

Poucas vezes veremos sacrificar um dever, um interesse, a própria saúde em proveito de um infeliz ignorado, de uma vítima da miséria, mas para ser útil àquele que cerca-se de ostentação tudo será envidado, até mesmo a quebra da honra e da dignidade. O luxo tem a sua força magnética nesse aspecto deslumbrador que subjuga.

E há no entanto no mundo alguém que, convenientemente preparado para a sublime e grandiosa missão que lhe está confiada, cumpre, formando os corações e os caracteres dos seres que tem sob a sua guarda, trabalhar para diminuir o número dos sectários do luxo.

E esse alguém é a Mulher mãe. Para que não tenhamos membros perniciosos à sociedade, torna-se preciso educar a criança sem princípios de grandeza e de vaidade. Continuamente asseguramos a uma criança que nos é cara, a sua beleza, a sua inteligência, a superioridade de seu traje ao de seus companheiros de brincos infantis, incutindo-lhes a ideia e a criança de que é mais bonita e mais rica que seus camaradas.

Que as boas e zelosas mães estejam em guarda à virtude de seus filhos, afastando-os de tão tortuosos caminhos.

A vaidade é terrível conselheira, e jamais deixa de inspirar a fatal paixão do luxo.

A natureza fala-nos ao coração com mais eloquência que todas as manifestações da arte.

O outono

À amiga d. Janoca Garnier

Estamos em plena poesia de outono, há pelos céus umas nuances suavíssimas, uma transparência ideal, por onde se advinha toda a grandeza desse mistério que o olhar não vara, porém que a alma que sonha, enlaça num êxtase indizível. Pelo seio da natureza passam os acordes da harpa das virações, deixando de ramo em ramo, de moita em moita, a sensacional balada que fala-nos dos últimos ardores do verão e dos próximos palores hibernais.

A folhagem principia a amanhecer e a amarelecer e a desprender-se da seiva mater, levando ainda uns tons esmeraldinos a lembrar os primitivos esmaltes. Através de uma temperatura suave, onde os nossos pulmões sentem-se bem, libertados dos cálidos vapores da enlanguecedora estação veranical, e resguardados das atmosferas úmidas, das gélidas e bruscas nortadas do inverno, desenha-se a calma encantadora das tardes de outono, os esplêndidos luares de abril e maio, e a magnificência da natureza desnudada pelas primeiras claridades matinais, em completa quietude.

Como é belo o outono com as suas clamas e os seus núncios de tristeza!

O mar parece que não acorda, dorme silencioso em merencório remanso, espelhando a larga diáfana abóboda celestial.

Sublime essa vastidão que se perde no infinito das águas, arrastando como o nosso olhar, o nosso pensamento, a esquadrinhar, a pairar, a revolver o passado e a trazer-nos com ele o soluçante fantasma de nossas primeiras crenças e afeições.

O mar é sempre um panorama de impressões, quer a alma sorria nos braços da felicidade, quer o coração se despedace nas ânsias da saudade, ou nas torturas de um mal que os profanos não compreendem.

E, quando, à tarde, as leves e delicadas tintas de outono caem por sobre o glauco achamalotado das águas, esmaecendo-lhe os tons sombrios, parece que a orla do horizonte ensombrada de lilás e rosa, reflete na face da terra toda a solenidade, toda a grandeza desta estação de enlevos, onde aparecem as luxuriantes prodigalidades da primavera e do estio, de par com uma nesga de melancolia hiberna.

Invocar o passado é estar em agri-doce contato com a saudade.

Os estranhos

A J. Guelfreire

A propósito de uma opinião sustentada em nossa presença deixamos cair da pena as seguintes obscuras considerações:

Essas criaturas que não nos pertencem pelos laços de sangue, porém, que aparecem em nossa existência tomando parte em nossas páginas de dor, com extremos e dedicação, como se constituíssem número na família, não devem merecer de nossos lábios o qualificativo de estranhos.

De fato, não são estranhos, aqueles que partilham espontaneamente das nossas mágoas e sofrimentos; não são estranhos os que choram conosco, os que deixam o bem-estar de seu lar, as comodidades, o descanso que os cerca, para estarem a nosso lado nos transe da doença.

Não são estranhos os que nos procuram assiduamente pelas horas de desolação e desespero, esquecendo passeios, distrações, festas, para partilhar das nossas tristezas, para trazerem-nos o santo bálsamo da amizade – esse sentimento nobre, grande e delicado, que tanto dignifica a quem o sabe compreender.

Que importa não nos sejam ligados por parentesco ou elo de família, se em nosso coração sabem esses verdadeiros amigos enraizar um sentimento de amizade e gratidão que o tempo jamais destrói.

Se é no peito, nesse escrínio dos alevantados afetos, que a natureza abriga o nome de quem serviu-nos de doce companhia nas situações aflitivas, com solicitude fraternal.

Se no mesmo livro da alma, em que temos o calendário querido das datas de família, forçosamente vimos ligados a elas, fatos da vida, que lembram-nos constantemente esses estranhos, como julgá-los assim?!

Não, não são estranhos os que não vacilam em afadigar-se, em comprometer muitas vezes a sua vida, a sua liberdade, a sua saúde, em prol de uma causa que nos é afeta, que em dados momentos é tudo para nós.

Estranho?! Aquele que sabe desempenhar junto de nós o nobilitante papel de amigo, que sabe ter para conosco carinho, e rasgos de afetuoso interesse?!

Não, a palavra estranho significa desconhecido, e quem possui um coração que geme pelas nossas desventuras não pode de forma alguma ser assim classificado por nós.

Para esses, manda, ordena, o imperioso dever da gratidão reservar-lhe sempre um lugar nas íntimas reuniões da família; nos dias consagrados ao lar, nos concílios dos nossos, chamá-los também a partilhar desse doce convívio, que não permitimos aos profanos, aos simples conhecidos, ou mesmo àqueles que alardeiam, apregoam um sentimento nunca compreendido, porque, à primeira nuvem negra que divisam em nosso lar, fogem, espavoridos.

A palavra estranho não foi composta para ser aplicada àquele que não nos pertencendo pelos laços de família confraterniza-se porém, como o nosso lar; chamar a esses estranhos, é um sacrilégio.

O trabalho não transpõe o vestibulo das desgraças e privações da miséria, desassombrado percorre imensas áleas, sempre em confraternização com o dever, a justiça e a honestidade.

A lei do trabalho

À Belém de Sárraga

O trabalho não tem pátria, não tem hierarquias, não tem posições, abre a sua ampla tenda branca, imaculada como a sua bandeira de paz e de bonança, aqui, ali, além, sem destino, sem rota, sem itinerário.

Disse com inteira verdade a sublime pena de um escritor contemporâneo:

“Tudo segue a inevitável lei do trabalho e por isso trabalha a terra, o mar, o sol, a lua, as aves, as feras, os insetos, trabalham o dia e a noite, a claridade e a sombra. E é assim que se arquiteta o edifício maravilhoso da natureza.

Na vida prática do homem tem o trabalho as mais imperiosas exigências materiais porque trabalha o pobre por necessidade e o rico por dignidade.

O trabalho é um dos primeiros títulos de nobreza.

E a nobreza não está nos títulos, nos pergaminhos, nos nascimentos fidalgos, a nobreza está também nas mãos calosas e endurecidas pelo trabalho.

Perante a filosofia do século e o credo moderno do progresso, a maior e mais respeitável nobreza é a que se firma no labor e nas ações honradas e de produtiva atividade do homem.

A honra é o brasão supremo, o trabalho a nobreza por excelência. Atesta ainda o grande talento de Guilherme Dias. “Os pobres honrados e os honrados trabalhadores são reis pela honradez, são nobres pela atividade, são fidalgos pelo trabalho”. É verdade que a pena, a tinta, o pincel, a tela, o bisturi etc. são instrumentos de trabalho que não endurecem as mãos e que não deixam por isso de elevar e dignificar aqueles que sabem fazer deles um uso profícuo e útil à humanidade; porém, a bigorna, o arado, a enxada, o alvião, a picareta, o martelo e tantos outros auxiliares do artista e do operário, fazem sem contradição, as indústrias desenvolvem as artes, sustentam as fábricas e oficinas, abrem as entranhas da terra e tiram de lá os produtos, os minerais que constituem a riqueza do homem e a vida das nações. É por isso que as sociedades modernas, à luz do novo século, não podem deixar de bem dizer essas vigorosas fileiras de homens que fazem do trabalho honrado a mais ardente inspiração da vida, de homens que nobilitam-se pelo labor, e que unificam-se a toda a humanidade num mesmo pensamento, em uma mesma tarefa, de luta progressiva.

O que é preciso para que eles completem o ideal do século, é que a instrução popular seja alargada, seja mesmo obrigatória, já Diderot o disse:

“A instrução para o povo é tudo, ele prepara o caráter, aponta os deveres, dá ao homem todas as noções do bem, aclara-lhe a estrada da própria vida prática”.

É que um povo ignorante não poderá, embora positivamente laborioso, atingir a esse grão de luz e progresso, reclamando pela sociedade moderna.

O ideal da humanidade, o foco de onde se levantam os clarões do progresso e da civilização – o trabalho, exige a confraternização do homem, mas do homem esclarecido, cômico dos seus direitos e dos seus deveres na vida íntima como na vida prática. Embora, de fato, o artista, o operário, o homem propriamente de labor, constituam a garantia de todo o tentâmen, de todo o invento, de toda a iniciativa, que através dos tempos possa trazer-nos um

sem número de benefícios morais e materiais, será de dupla vantagem a luz intelectual no próprio ser que executa.

A legenda do trabalho é positivamente aquela que conduz o homem ao marco santo de todas as aspirações nobres e grandes, e um espírito de trevas, poderá talvez abraçá-la, porém nunca compreendê-la em seu exato diâmetro.

A lei do trabalho é a mais simples, mas também é a mais ampla:

Victor Hugo disse:

“A questão única nesse momento é o trabalho, a questão política acha-se resolvida, resta a questão social, ela é terrível mas é clara, é a questão daqueles que têm e daqueles que não têm, é preciso que o segundo destes dois termos, desapareça.

Para isso basta o trabalho bem compreendido. Refleti.

Pelo trabalho o homem será o senhor da terra. Haverá acima de tudo uma grande esperança, todo o céu.”

Pensemos que a época é de transições e digamos como o fecundo e consciencioso autor das *Vozes da História*:

“Levantemos sobre o altar dos nossos corações as imagens sagradas da verdade da justiça, e chamemos ao banquete da vida todos os deserdados da civilização, porque é preciso iluminar os cérebros, levantar as almas, dar a todos a educação, a dignidade e o trabalho, para que não seja uma utopia a perfectibilidade humana”.

Nada vimos de mais edificante que a batalha da vida sustentada pelas cerradas fileiras dos homens de mãos calosas, que já têm por evangelho o dever e a honra, mas que precisam trazer também por divisa a luz de espírito.

Inveja e calúnia são venenos fatais, mas sempre vencidos pela ciência da verdade.

O mar

À Francisca Isidora

O grande espírito de Alves Mendes, esse adorador incomparável da natureza, disse com todas as grandezas de seu estilo artisticamente lapidado e com todos os tesouros de sua imaginação soberanamente criadora que: “o mar é na vida da natureza o que melhor define e mais se ajusta a vida do espírito; e pelo poder das suas energias e pela força de seus contrastes, o que melhor caracteriza e mais se apropria aos aspectos da imaginação, ao relevo do sentimento, as profundezas da ideia, aos estos do desejo, aos apertos da dor, aos repelões da desgraça, é a poesia, é a ciência, é a saudade, é a esperança do homem”.

Haverá por ventura entre todos os pedaços majestosos dessa tela imensa que se distende a nossa observação sob o título de natureza, algum mais belo, mais empolgante, mais imponente, de mais várias impressões à imaginação e à alma que aquele que nos apresenta o mar?!

Vejamos o céu com a sua vastidão intérmina em esmalte turquesa as campinas verdes, verdes de esmeralda, as montanhas, os alcantis, as rochas, as serras a bordarem os fundos sombrios do espaço longínquo, a solenidade encantadora das florestas gigantes, a grandiosidade das cascatas espanando cristais em turbilhões, e digamos, se não sobrepuja a todas essas belezas a beleza do mar?!

Todas as criações da mater natureza tem história e história própria, mas nenhuma possui um tão rico acervo de tragédias, de dramas, de lances espantosos e lancinantes como esse elemento poderoso que em todas as suas várias mutações fala até mesmo às almas banais!

Mar, mar sublime e invencível, que tantas vezes em tuas calmas sedutoras nos empolgas o olhar, nos arrastas o pensamento, descerras as reminiscências, segredas ao coração, levando-nos aos mais recônditos, aos mais íntimos, aos mais velados dos sonhos do passado, no esquecimento total desse mundo profano que nos cerca!

Mar tormentoso, mar que rosna, gemes, soluças, uivas ameaçador, blasfemas, ruges numa apavorante convulsão de atroadas iras, escancarando horrendas, mas incomparáveis em sua grandeza dominante!

Mar de abismos, mar de mistérios, mar de auroras rubras, serenas, pontilhadas de opalas, arrendadas de luz, mar de tardes estivais, formosas, mar de crepúsculos enlutados e de noites procelosas, sacudidas pela fúria dos vendavais e pela hecatombe das tempestades!

A ti um hinário de sensações, um poema de sentimento, uma epopeia colossal, vibrada pelo bronze das tormentas, a ecoar pela nave em fora dos espaços interminos!

Disse alguém: “o mar é o irmão generoso da música; e sobre as ondas os instrumentos por mais mal modulados que sejam, fazem lembrar as harpas eólicas.”

A música do mar, é tudo que há de mais sensacional, de mais doce, de mais encantador, fala ao pensamento numa poesia elevadora, vai ao coração, arranca de lá todos os segredos do amor, desvenda todas as imagens queridas que a saudade envolve em suas cores violáceas e a recordação circunda de imaculadas flores.

Oh! A música no mar!

Mas, o mar enluarado, o mar no silêncio meditativo da noite, quebrado apenas por um canto longínquo da marujada, o mar glauco, levemente achamalhado em filigranas de espuma, o mar olhado em toda a sua real grandeza diamantinamente brilhante, o mar longo, longo, imenso, sem fim, é a tela mais sublime, mais ideal que criou a natureza!

Do aperfeiçoamento da educação da mulher, depende a moralidade dos povos.

A educação da família

Aos distintos irmãos D. Laudocena Silveira e Sr. Alfredo Mello

Na família, o amor é precisamente o principal fundamento da educação, motivo porque, a educação na família cabe muito principalmente à mulher, que, no seio do lar, deve representar o carinho, o sacrifício, a paz, a economia

e a religião. Sem que lutemos por estes princípios, sem que façamos de nosso lar um santuário de sentimentos exemplificadores, nada poderemos conseguir das gerações novas, dos espíritos ainda sem orientação, daqueles que vacilam nos primeiros passos da vida, impulsionados apenas pela natureza. É verdade que na família, o pai, o chefe, é positivamente o que assevera esta eloquente frase de Alves Mendes: “É a razão que manda, o pensamento que ensina, a sabedoria que dirige, a energia que trabalha, a previdência que calcula, a força que protege, a experiência que precata, o centro que uniformiza, o nome, enfim, que exhibe toda a família”. Porém, a mãe é a primeira educadora, o primeiro guia, a responsável segura pelo bom ou não desenvolvimento dessas almas, dessas vidas, que desde os primeiros vagidos estão sob a sua guarda, que deve ser desvelada até o sacrifício. Logo, a educação na família, impõe-se aos nossos mais sagrados deveres como lei irrevogável e positiva.

E nesta questão tão melindrosa, tão difícil mesmo, onde os erros de educação podem levar-nos a um naufrágio certo, ocupa o principal plano, ergue-se como estrela precursora dos mais salutareos resultados, o exemplo, a manifestação da virtude pela ação clara, compreensível aos espíritos que desabrocham e que não têm ainda consciência própria. O exemplo é muito mais convincente que todos os conselhos e lições. A boa mãe de família precisa, pois, através de todo o esforço, manter em seu lar a moral, a economia e a ordem.

É improfícuo o bradarmos às crianças, aos espíritos novos, inexperientes, que o caminho do bem é o mais belo, que só ele poderá assegurar a felicidade aos que praticam desta ou determinada forma, e aos seus olhos procedermos justamente ao inverso, apregoarmos, por exemplo, a caridade, mandarmos repartir com os pobres o pão de cada dia, e sermos sempre surdos aos lamentos dos que padecem, dos que mendigam para matar a fome, nunca roubando aos nossos cômodos, ao nosso bem estar, alguns instantes, para consolar os tristes, os enfermos, os infelizes.

Fazer sentir aos filhos ou alunos, em questão, àqueles que estão sob a nossa tutela, todos os horrores da mentira, da calúnia, da vaidade, etc., etc., e a todo o momento em face desses mesmos seres, fazermos uso dessas apontadas armas da discórdia e de aviltamento moral, certamente importa em doutrinar sem raciocínio e sem consciência.

O exemplo do trabalho no lar, assegura também uma das integrantes partes da educação da família.

A lei do trabalho é sublime e profícua em todo o percurso, porque, como disse alguém: “trabalha o pobre por necessidade e o rico por dignidade”.

No lar, o trabalho cumpre ser dividido, conforme a idade, classe, posição, haveres, etc.

Esse agente dos bens materiais do homem requer no centro da família, tanta ordem e tanta atividade, como no seio de qualquer fábrica, de qualquer oficina, de qualquer estabelecimento, enfim, onde trabalham centenas de homens em suas diferentes classes e compartimentos.

Habitue-mos, pois, os nossos educandos a amar o trabalho, olhando a religião do dever, como aquela a que toda a criatura humana tem de submeter-se forçosamente.

Aliemos também a verdadeira educação da família, a religião de Cristo, mas, entendamos bem a religião tal como a pregou o grande Jesus.

A religião sem violências, sem absurdos, sem imposições à alma e ao pensamento. A religião que concretiza a fé, esse poder sublime que nos ampara nas horas de dor, que nos suaviza os lances da desgraça.

A educação na família tem ainda muitos outros pontos a que devemos um particular estudo.

A verdadeira virtude (Fragmento)

A meu primo Júlio Mello

A sua luz pura, sã, imaculada, faz dizer convictos aos próprios céticos como Lord Byron: “Nesse mundo condenado só a virtude é boa”.

É ela tão somente que forma os justos, os mártires, os verdadeiros missionários do bem comum. Mas, de ordinário a sociedade erra, divisando a primeira das auréolas da virtude, nos que mais aparecem demonstrando seus serviços à humanidade.

Pensemos bem que não existe virtude em sermos carinhosos e bons para com essas criaturas que nos pertencem pelos laços do sangue e do amor, quando a própria natureza impõe-nos tão sagrado dever. Socorremo-nos de

forças para fazê-lo, será caridade, generosidade, virtude, não. Toda a vez que para o cumprimento dessa missão não tenhamos que sacrificar um bem que faça parte de nossa felicidade, não existe virtude em tal proceder, embora digno de louvor.

Mesmo porque na prática do bem colhemos a satisfação íntima que nasce de todos os nossos atos bons e que é indiscutivelmente uma recompensa enviada por Deus.

Agir com o fim de merecermos gratidão, com a ideia de ver nosso nome levado de boca em boca, entre os aplausos sinceros e o elogio bajulatório dos pobres de espírito, é infelizmente uma das fraquezas do gênero humano e eis porque a virtude é tão rara e tão mal compreendida.

Não somos pessimistas, não vimos o mundo por um prisma negro, nem pensamos que não haja aqui, além, em toda a parte, verdadeiras almas de anjo, caracteres sem jaca, ímpolutos, vasados em moldes exemplificadores.

Pensamos, porém, é que a virtude não deve ser confundida assim com qualquer predicado banal, quando aqueles que de fato a possuem, passam muitas vezes pela vida inteiramente obscuros, ignorados.

A virtude é a luta com a natureza, e, como disse o notabilíssimo autor de Filosofia da Felicidade:

“A natureza nos convida a viver e a virtude, nos impele a afrontar a morte; a natureza nos convida a amar os nossos semelhantes e a desejar a sua felicidade; a virtude consiste muitas vezes em imolar a felicidade dos nossos às leis da probidade; a natureza gosta de atuar, de exercer as suas faculdades, de preencher funções úteis; a virtude nos manda renunciar as honras no interesse da honra”.

E haverá mesmo maior heroísmo, mais belo e poderoso exemplo de dignidade, de honra, de energia, que sacrificarmos a felicidade que nos sorri, que se antepõe em nosso caminho desdobrando-nos um painel de venturas, de gozos, de glórias, à voz da razão que, fria, estoica, nos apresenta a virtude, lançando-nos de momento em uma tempestade de dor, de desespero, nas torturas do coração que tateia sem encontrar uma luz, uma esperança, um desafio enfim?!

Ante a grande solenidade da morte, apagam-se todos os ódios, esquecem-se todas as ofertas, desaparecem todas as máculas.

Visita ao cemitério em dia de Finados

A saudosa memória de um amigo

Estudar o sentir humano é realmente difícil, quem há que possa precisamente dizer o que é a alma e o coração?!

Fazemos a nós mesmos esta interrogação, pensando na forma diversa por que é compreendida a veneração aos mortos. Vulgarmente cuida-se que o dia de sentir, de visitar, de levar uma lágrima e uma flor aos túmulos daqueles entes queridos que desapareceram para sempre dos nossos lares amados, é o dia 2 de novembro.

Esse é o dia de lembrar, o dia de procurá-los, o dia de procurar com azáfama flores e comprá-las mesmo pelos mais altos preços para mostrar àqueles que vão indiferentemente passar um olhar retrospectivo pelo campo santo, confrontar os adornos das sepulturas, que o túmulo que mais luxo ostenta, é o que guarda os restos dos nossos finados.

Acerba verdade esta e lamentável fraqueza da vaidade do homem. Comprar flores sim, embora por elevados preços – quem pode fazê-lo – cobrir se possível for de pérolas, de preciosidades, as campas que encerram, para nós, santas relíquias, nos restos daqueles corpos, que importam uma parte de nossa alma, que valem muitas vezes as mais belas e saudosas páginas do nosso passado, compreendemos perfeitamente, porém, é preciso que esse culto, essa homenagem sagrada de amor e de respeito seja feita muitas e muitas vezes, em outros dias do ano, em que o cemitério está deserto, em que adornamos as tumbas amadas, só para os nossos olhos, quando lá fora o mundo ri e folga, quando não há testemunhos para os transbordamentos das nossas mágoas.

A dor, a saudade atroz que não tem a mitigá-la um vislumbre de esperança, procura a solidão consorciada com a poesia solene e impressionável do silêncio.

Quando a alma desata-se em amarguras, quando ajoelhamos junto de um túmulo adorado para o livro das recordações íntimas, que aquela doce criatura, que ali dorme o sono eterno, povoou de encantos, de carinhos e afetos, só a natureza, com a sua intraduzível eloquência muda, pode acompanhar-nos. O poema das lágrimas, o desespero dos corações aflitos, foge do convívio dos profanos.

O que significa o sentimento, a saudade que leva-nos a coroar de flores o túmulo de um pai, de uma mãe idolatrada, de um irmão, de um esposo, de um filho nunca esquecido, quando, mais tarde, daí a poucas horas, voltamos fazendo parte desses grupos que percorrem todas as veredas da plangente cidade dos mortos, rindo, conversando, tratando de vários assuntos, analisando aqui, criticando ali, inteiramente afastados do que vai de solene naquele lutuoso recinto?

Francamente, não compreendemos a dor manifestada assim. É como que um dever que nos é imposto pela data consagrada aos finados; cumprido esse dever, seguimos na onda dos consolados, na romaria dos felizes, que penetram nos cemitérios na mesma disposição do espírito com que transpõem um salão de festa.

Raramente vê-se dentre a multidão que invade o cemitério a 2 de novembro, alguém que, embora sem contar ali um túmulo que lhe seja afeto, saiba de cabeça descoberta e semblante velado pela tristeza, percorrer as estreitas ruas do asilo dos mortos, em religioso e completo silêncio.

E, no entanto, todos que lá vão, cuidam que sabem sentir, que não há quem os exceda no amor e quem mais saudosas lágrimas haja derramado. Mistérios do coração humano, mutações fáceis da lágrima para o riso! Positivamente, não compreendo a dor assim.

O tempo é igual para todos os homens, estes é que o ocupam de forma inteiramente diversa. Não admira, pois, que os frutos colhidos apresentem tão extraordinárias antíteses.

Carta a uma amiga

Deves estar lembrada ainda de nossa última palestra em teu mirante, enquanto na janela que deita para o mar olhávamos a imponência das águas, avolumando-se em grossos rojões de espuma, beirando as vagas tocadas de um adorável verde-musgo, que comparaste a cor de uns olhos que são a esperança de tuas doces cismas de moça.

Perguntaste-me, então, o que mais distinguia no homem, se o talento, a ilustração ou a delicadeza, e eu prometi responder-te.

Aí vai hoje o que penso sobre o importante tema com que abriste margem para a presente missiva.

Em primeiro lugar devo lembrar-te que nós, as mulheres, possuímos uma forma de sentir bem diversa daquela que predomina no homem. A fragilidade do nosso organismo, o retraimento a que somos votadas desde a meninice, o escrúpulo de educação que de dever as mães de família empregam para com as filhas, a par de muitos carinhos e de infinitos mimos, tornam-nos imensamente delicadas de corpo e alma, levando-nos a procurar tudo que encerra afinidade, com doçura do nosso pensar, com amenidade do nosso coração. A mulher nasceu antes para ser adorada, que conquistada. Embora a História aponte sublimes tipos de heroínas, fortes em meio das agitações, dos tumultos, mais votadas à luta de mão armada que as tempestades do amor, forçosamente temos que compreender que a piedade, a tristeza, o sentimentalismo, predominam, influenciam, sobre a mulher, por forma indiscutível e assaz manifesta.

É por isso que o belo, amadornado pela suavidade, fala ao espírito da mulher. É por isso que todas nós amamos as flores, a música, a poesia dos ninhos, num pipilar de avezitas; as sensações do perfume e o incomparável recolhimento da prece impulsionada pela dulcíssima fé. Já vês, pois, que sendo cativadas pela ternura, pela docilidade, sentindo-nos presas a tudo que confabula com o coração, na maciez imácula dos arminhos, alvos na grandeza das intenções puras, não podemos deixar de distinguir o homem delicado de todos os mais, embora saibamos que ao virtuoso compete o primeiro plano, ao homem de talento o invejável dom de atrair pela pena e pela palavra, e ao ilustrado o império do saber, levando a luz aos cérebros acanhados, vencendo o desconhecido, abatendo o impossível.

A natural delicadeza de sentir, de que somos dotadas, repele toda a convivência que não esteja de harmonia com esse mesmo sentir, e é positivamente compreensível que o homem delicado, na verdadeira acepção da palavra, é o que melhor pode traduzir as exigências do coração feminino.

Aquele que não zomba da nossa sensibilidade, que estuda o caráter da mulher, os seus gestos, a sua natureza, que sabe – usando de uma frase vulgar – distinguir o joio do trigo, compreender o amor com todos os seus sacrifícios e heroísmos sem confundi-los jamais, com essa impressão banal que se chama namoro, ou com os sentimentos de cálculo puramente materiais, dados à mulher indigna de pertencer a um sexo onde predominam os afetos bons e nobres.

O homem delicado, de sentimentos e de trato, não pode deixar de levantar um culto em nosso coração.

Aquele que pede-nos perdão a cada instante, pelo mais leve e natural descuido, que entre senhoras é sempre um servo submisso, uma guarda delicada a qualquer circunstância que as possa ferir, que, pela sua natural delicadeza mostra-se orgulhoso em satisfazer qualquer desses caprichos tão vulgares à mulher, como a aquisição de uma flor, de um fruto, de um ninho, de um pássaro.

Sabendo respeitar as nossas crenças, acompanhando-nos, embora por cavalheirismo, contritamente, a uma missão piedosa que satisfaça a fraqueza de nossa doentia sensibilidade.

O homem, que na sociedade, em família, entre os íntimos ou publicamente, empenha-se por agradar-nos, usando de todos esses requintes de gentileza que fazem um encanto em família e dão às sociedades a sua nota de elegância e bom tom. Ora, auxiliando-nos a pôr a capa ou chalé, tomando-nos da mão o mais pequeno volume que tenhamos a conduzir, oferecendo-nos o braço, dando-nos a dextra a qualquer passagem mais ou menos incomoda, enfim, cercando-nos de um sem número de atenções e jamais usando de um não, a um rogo ou solicitação nossa.

Eis aí, cara amiga, o homem que me parece, não deve deixar de merecer-nos muito.

Podes estudá-lo nos íntimos e na sociedade, e compreenderás que aquele que aliar à delicadeza de maneiras a adorável delicadeza de sentimentos, não

poderá deixar de saber traduzir a grandeza de afeto que a nossa alma sabe guardar e dedicar.

As grandes catástrofes são um vínculo potente a confraternizar os homens, no interesse de uma causa comum, onde desaparecem ódios e distinções, raças e preconceitos.

O médico

O médico é por excelência um missionário do bem. A tarefa do homem a quem nos entregamos na hora do sofrimento físico, confiando-lhe muitas vezes também as agruras da ferida moral, tem muito de sublime, de sacrossanto, de dignificador.

O médico que compreende que ao lado do enfermo deve, além dos recursos da ciência mitigar-lhes as angústias da dor com a palavra carinhosa, com o interesse – embora estudado – que é um bálsamo consolador ao doente, sabe perfeitamente compenetrar-se do seu nobre papel do benfeitor da humanidade.

O médico verdadeiro, o apóstolo querido da ciência, o homem que faz jus a toda a veneração da sociedade, sendo coberto pelas bênçãos do povo, é aquele que não encontra distinções em sua passagem pelos hospitais, pelas enxergas, pelos tugúrios, pelos palácios, pelas câmaras dos nobres e dos milionários.

O médico, apesar de estar habituado em sua tumultuosa e pesada vida de protetor dos que se sentem desanimados em caminho do túmulo, a ouvir continuamente uma soturna surdina de ais, de lamentos, de queixas e de soluços, não deve deixar o coração empedrar enfrentando frio e duro com o olhar súplice, daqueles que na angústia suprema julga ter a sua sentença de vida, pendente de seus cuidados e proficiência.

O médico tem o grande dever de saber uma linguagem toda de coragem, de paciência e resignação, para ensinar a seus enfermos, para ajudá-los a

carregar a pesada cruz da doença, com todo o seu longo séquito de aflições, de desânimos, de martírios, de impaciências.

Ele precisa estudar o olhar da criancinha, dar ânimo ao alquebrado ancião, e mostrar ao moço toda a sua robustez para combater o perigo, dando-lhe – embora só dos lábios para fora, a certeza de uma longa vida.

O bom e grande médico não sabe quando é noite ou dia para estar junto daqueles que reclamam a sua consoladora presença, afronta todas as tempestades do mal, toda a fúria dos elementos, todo o perigo, todo o horror, de que os outros homens fogem, logo que um desgraçado cuja vida vacila, o queira junto a si.

O médico esquece a família, a pátria, o seu bem-estar, os seus mais caros desejos, para acudir ao homem que pede-lhe a sua ciência e a sua doce dedicação.

E é ele nestas condições, um anjo do bem, um pai da humanidade.

Apregoa-se muito a sabedoria do povo, porém, antes que ele mostre o seu poderio, suporta as maiores humilhações, parecendo em vez de senhor, escravo. É uma soberania sem pompas, e sem títulos.

Os hóspedes

Eu entendo que uma das calamidades que nos pode surpreender na bem aventurança e serena paz do lar doméstico, é a da chegada de um hóspede.

Os nossos hábitos, os nossos gostos, e as nossas comodidades, são sempre alterados. Em casa, passa tudo a sofrer mudança.

As horas de refeição têm também irregularidade toda a vez que a educação e o bom senso do hóspede deixem de fazê-lo compreender que é seu dever sujeitar-se ao regime e costumes daqueles sob cujo teto está abrigado.

Toda a boa dona de casa, que encara as leis de hospitalidade como um dever que os próprios selvagens sabem guardar, reserva a mais confortável alcova para seu hóspede, cerca-o de todas as atenções, de todas as regalias permitidas às suas posses pecuniárias, chegando mesmo a fazer ver a seu

esposo que é forçoso, a despeito de um ou outro sacrifício, dispensar o bem estar aos hóspedes, porque isso faz parte dos créditos que dignificam a família.

Quando há hóspedes, logo pela manhã a mãe de família diligente e caprichosa faz levantarem-se em casa, a fim de que esteja tudo em boa ordem, asseado, sacudido, brilhante; as crianças preparadas para o colégio a tempos e a horas, deixando assim de dar lugar a que o marido possa notar uma falta no cumprimento de seus deveres domésticos.

Depois, mais uma ordem, mais um auxílio à copeira e muitas vezes à própria cozinheira, tendo de a um tempo, fazer as honras da sala e fiscalizar todo o interior da casa. Digam-me, pois, se a presença de um hóspede não equivale a uma luta pesada do corpo e do espírito, no tranquilo seio do lar.

Verdade é que há três categorias de hóspedes: os de inteira cerimônia pela sua alta posição social, os medíocres, de ligeiro conhecimento, e os amigos, os queridos da alma, resultando daí que temos também algumas variantes quanto à faina de hospedagem.

Mas, em todo o caso, criaturas novas em casa, alheias aos nossos usos e costumes, hóspedes enfim, e está dito tudo!

Agora abro aqui uma exceção: eu tenho conhecido hóspedes com quem podíamos ter uma convivência eterna ou pelo menos como disse o poeta: “gozarmos dias de cem horas, hóspedes que valem uma epopeia, podendo mesmo deixar-nos uma saudade imorredoura”.

Há rancores que são uma virtude, nobilitam o homem em vez de desagradá-lo.

O ciúme

À Exma. Sra. D. Dolores Ramos Otero

De todos os sentimentos que ferem o coração humano, nenhum tem de certo uma história mais cheia de sangue, de desesperos e crimes, que o ciúme.

Desde as cenas domésticas na vida real, até as tragédias no palco, o ciúme aparece-nos sempre a desempenhar um papel de sensação. Sentimento arrebatado e cruel, infelizmente bem ao conhecimento do coração, estamos convicta, opera no entanto, segundo o temperamento do indivíduo, e até mesmo pela sua educação mais ou menos cuidada, sustando ou não a sua impetuosa torrente, quando na vertigem do desespero lança-se em frente derrubando tudo como um gênio de destruição.

Pode o ódio quando inveterado, revestido de secreto rancor, cavar a ruína de sua vítima, porém, o ciúme que é muitas vezes filho de um grande amor – ainda que para alguns espíritos, venha a sua origem de um mal entendido amor próprio, domina certas índoles, tomando proporções assustadoras e transformando em uma hora, no mais infernal tormento uma existência inteira, de paz, de venturas!

Segundo Paulo Janet, em suas criteriosas observações sobre as paixões a que está sujeito o homem, dando-lhe instintos leoninos, o ciúme ocupa lugar saliente.

A história fala-nos de um sem número de personagens infelicitados por este terrível tentador, e as cadeias e casas de correção estão a regurgitar de homens e mulheres que buscaram a arma homicida dominados pela alucinação do ciúme.

Fatos estes em completa contradição com a maioria de opiniões dos professores no estudo da psicologia, dando o ciúme como derivado do verdadeiro amor, sendo La Bruyere um dos que afirma o contrário dizendo: “Nem sempre o ciúme significa uma grande paixão, antes mostra um amor sem delicadeza”.

Este parecer está de harmonia com o fato de ser alucinação do ciúme muito mais frequente no homem de instintos baixos e por conseguinte leigo em matéria de delicadeza de sentir, de alimentar no coração esse grande e sublime sentimento que tem o doce nome de amor, esse soberano que tem vassallos nas almas nobres a compreenderem o sacrifício e a dedicação nos seus mais alevantados extremos.

Como quer que seja enfim, acreditamos que o ciúme exerce poderes diversos em relação à natureza do indivíduo, sendo, porém, fora de dúvida, que todos o sentem, e que no silêncio de nossa altivez ofendida, esgotamos o amargo das fezes não poucas vezes. Não havendo quem tenha deixado de

derramar a sua lágrima de ciúme, num desespero mudo.

Em amor todos têm puerilidades, até os velhos.

A enfermeira

À Presciliana D. de Almeida

A enfermeira que sabe verdadeiramente compenetrar-se desse árduo, porém piedoso dever de velar pelo enfermo, é uma consolação em meio dos martírios da moléstia; sós, na alcova, naquela tristeza monótona a que somos votados pela doença, sofrendo as dores do corpo e tendo o espírito povoado pelas mais pesadas impressões, com o coração ralado de saudades pelo bulício da vida ativa, invejando o movimento, a liberdade daqueles que se cruzam lá fora, na rua, rindo, conversando, embora muitas vezes levando abafada no peito a dor moral, a mais acerba de todas as dores.

Quando olhamos do leito, através dos vidros da janela, o azulado do céu, cetinoso e belo, o sol a inundar a terra com as fulgurações das suas palhetas de ouro, enfim, a natureza em festa e temos como que uma mão de ferro a apertar-nos a garganta, sentindo que as lágrimas anuviam-nos os olhos, só mesmo uma enfermeira terna, paciente, boa, é então capaz de despedaçar essa nuvem de dúvidas e incertezas, que parece pairar sempre em torno do leito dos pobres enfermos.

Quando sofremos uma dor, quer física, quer moral, uma voz amiga, um coração pleno de extremos, é o mais pronto dos bálsamos.

O encargo de cuidar de doentes deve ser sempre confiado à mulher, porque está mais de harmonia com a sua natureza moldada a um sentimentalismo pouco vulgar no homem e depois é esta uma missão de caridade, e a caridade veio direta de Deus ao coração da mulher.

Ah! Triste daquele que em melindrosa situação de enfermidade, não teve uma enfermeira que de momento a momento se acercasse de si, passasse-lhe a mão pela fronte, o olhasse ansiosa, interrogando de seu estado, de suas

vontades e procurando com uma tática que só as mulheres sabem, afastá-lo das apreensões amargas que em alguns momentos assaltam os doentes.

Quem melhor que a enfermeira carinhosa saberá penetrar em nossa alcova de doente, sempre na pontinha dos pés, descerrar uma porta com mais cautela, mais sutileza, com um cuidado extremo consultar o relógio para que não sejam alteradas as horas de medicamentos; infatigável, comendo pouco, não sentando-se nunca, procurando a forma de melhor acomodar-nos a cabeça na almofada, daqui a pouco afastando a luz do nosso olhar enfraquecido pela moléstia, dando-nos sempre esperança de completo restabelecimento, encorajando-nos mesmo nos mais desesperadores momentos e fazendo um estudo particular de tudo que nos pode ser agradável, nessa reclusão em que falta-nos o mais precioso dos bens, – a saúde.

Quanto nos deve merecer quem solícita e delicada, com a mais evangélica das paciências, suporta os nossos caprichos de doente, os nossos aborrecimentos, impertinências, contradições, quase intoleráveis, filhas de uma irritabilidade de nervos que torna-nos incivis e até grosseiros.

As boas palavras, a calma com que a doce enfermeira sem agastar-se, sem dirigir-nos doestos, ouve-nos nessas terríveis ocasiões da moléstia, incontestavelmente, só o mais puro dos sentimentos do coração poderá pagar.

Bem hajas tu, boa enfermeira, resignada e amorosa.

Uma alma boa, generosa, nobre, é um valioso tesouro do mundo.

SEGUNDO LIVRO

O “Segundo Livro” de *Berilos*¹ é da autoria de Julieta de Melo Monteiro. No verso da primeira folha de rosto apareciam as obras publicadas pela autora: *Prelúdios* (versos), *Oscilantes* (sonetos), *Alma e coração* (prosa, livro do passado) e *Coração de mãe* (drama em três atos, em colaboração com a irmã Revocata Heloísa de Melo). Também eram divulgados os livros “a publicar”, com os títulos *O segredo de Marcial* (drama em três atos), *Tabernáculo* (versos) e *O noivado no céu* (cena dramática em verso). Na segunda folha de rosto, Julieta dedicava o livro ao seu falecido marido, escrevendo “À memória de F. G. Pinto Monteiro – Preito de saudade eterna de sua esposa”.

Tal qual no segmento escrito por Revocata, este “Segundo Livro” divide-se em duas partes, identificadas apenas como “Primeira Parte” e “Segunda Parte”, sem um título específico. O “Segundo Livro” é composto por dezoito textos, divididos entre a “Primeira parte”, com quatorze, e a “Segunda Parte”, com quatro. A parte inicial deste “Livro” é formada por contos, enquanto a final se compõe de textos mais assemelhados a crônicas.

Nesse sentido, a “Primeira parte” é composta dos títulos “Regeneração”, “Pepita”, “Festas de Natal”, “O proscrito”, “Coincidência”, “O violonista”, “Manhã de primavera”, “Silvio”, “Alma de mulher”, “Um drama no mar”, “Estrelas obumbradas”, “O milagre da virgem”, “Os gêmeos” e “A suicida”. A “Segunda parte” é formada por “Uma decepção”, “As aparências iludem”, “O juramento de Maricota” e “Duas desilusões”. Os

¹ MONTEIRO, Julieta de Melo. Segundo livro. In: MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s.n.], 1911. p. 227-364.

contos e as crônicas publicados por Julieta Monteiro trazem algumas reflexões e vivências da autora, embora não apresentem determinadas unidades temáticas entre si.

Nos contos que compõem a “Primeira parte”, a exemplo de Revocata e como foi característica de muitos dos escritos da lavra das irmãs, Julieta de Melo Monteiro fez uma série de dedicatórias na abertura de cada um de seus quatorze contos, algumas coincidentes com as da irmã. Nessa linha são homenageadas as escritoras Ana Aurora do Amaral, Andradina de Oliveira, Inês Sabino, Ibrantina Cardona, Cândida Fortes Brandão, bem como o escritor Alfredo L. Melo. Aparecem como amigas da autora Lauducena de Melo Silveira, Mariquinhas Chula, Marieta Carvalho, Amélia Lisboa. Também há textos dedicados aos irmãos Romeu e Revocata, assim como recebem homenagens Cândida Abreu Pereira e Manfredo M. Fernandes. As quatro crônicas da “Segunda Parte” não trazem dedicatórias.

No primeiro conto apresentado por Julieta, intitulado “Regeneração”, a autora trazia suas preocupações com as chagas sociais, notadamente quanto à pobreza e aos malefícios do uso excessivo do álcool. O protagonista era um homem, em princípio conhecido apenas como um “ébrio”, que se entregava aos prazeres da bebida na taberna, abandonando a esposa e o filho à própria sorte. A sua companheira, cujo nome não era revelado, aparecia como a encarnação da mãe e da mulher que se submetia a todos os sacrifícios em nome do lar. Ela cuidava desmesuradamente do filho e do marido que a maltratava, sendo também a mantenedora da casa, sustentando a família com seus poucos ganhos. A virada da estória se dava exatamente com a morte da esposa, descrita como “pobre mártir”, de modo que a partir do funeral, o marido viria a se regenerar, abandonando o vício, procurando emprego e dedicando-se ao filho. Só depois da “regeneração” de que fala o título, foi que o protagonista passou a ser identificado por um nome – Acrísio, como se apenas a partir de então, merecesse voltar a integrar a vida em sociedade. Além disso, tal nome trazia uma alusão à cultura helênica clássica, referindo-se a um personagem cuja grande

preocupação era a manutenção de sua linhagem, através de um filho varão. Apesar da redenção, como se fosse uma herança dos tempos de desmandos, o homem não mais conseguiu contar com a felicidade, tendo de conviver com o imbatível “fantasma do remorso”.

Sob o título “Pepita”, era apresentada a estória da espanhola do título que vivia feliz em meio a vários pretendentes, servindo inclusive de inspiração para um artista reconhecido apenas como “jovem pintor”, o qual se enamorara da moça, mormente por causa de seus olhos “negros e belos”. Ainda que a princípio a narrativa tivesse uma conotação, mais alegre, em seguida ocorreria a virada, com a morte da mãe de Pepita, a qual se entregaria a tristeza. O olhar faceiro da espanhola se perdeu e passou a expressar uma profunda tristeza, e até mesmo o pintor, que se encantara com aqueles olhos negros, vendo-os tristes, deixou de amá-la e esqueceu-a. Ao final, o texto trazia uma moral, lembrando que os olhos “cismadores, tristes e pensativos” eram preferíveis ao alegres, uma vez que nunca mudavam. Tal conto já fora publicado no periódico *Corimbo*, na edição de 9 de maio de 1897, sob o título “Olhos belos”, constituindo praticamente uma transcrição, pois era mantida a narrativa na íntegra, apenas com algumas poucas revisões.

As preocupações de Julieta Monteiro com as mazelas sociais apareciam novamente no conto “Festa de Natal” que mantinha a inspiração recorrente da tristeza e da presença da morte. Mais uma vez era a pobreza o mote orientador da estória de uma protagonista sem nome que tinha também o papel de narradora. Era uma criança órfã, criada pelos avós, em meio a muitas necessidades, limitações e infelicidades. Um dos poucos lenitivos ocorreria exatamente sob a inspiração natalina, quando a menina recebera de presente uma cabra que passaria a ser sua grande companheira. A estória prosseguia e, apenas com onze anos, a protagonista se via em um momento de inflexão em sua vida. Com a avó doente e padecendo com o frio, a menina se vê na necessidade de vender o animalzinho para comprar alimento e cobertas. Apesar da tenra idade, ela teve de amadurecer a fôrceps, pois as

necessidades falavam mais alto. Mesmo diante de todo o esforço e desprendimento da menina, o destino continuava mostrando o caminho da tristeza, pois seu sacrifício mostrara-se em vão, com a morte de sua avó. As circunstâncias levaram a criança a tornar-se adulta, abandonando sonhos e ilusões e vendo suas “festas de Natal” irem embora. A despeito da “nobreza” de um “coração cheio de bondade e de virtudes”, a menina não conseguiu atingir seu intento, acabando só, desamparada, triste e desesperançada.

Uma triste estória de amor marcava “O proscrito”, na qual o protagonista não tinha o nome revelado, ficando conhecido apenas pela alcunha que dava título ao conto. A moeda corrente era mais uma vez a tristeza. O “proscrito” fechara-se para o mundo, sendo julgado como um “monstro” pelos demais e, em princípio era apresentado como uma pessoa insensível e sem qualquer traquejo social. A única a compreendê-lo era a sua velha mãe, a qual sabia a verdadeira razão do caráter antissocial do filho. Ele era vítima de um “amor-impossível”, uma recusa que lhe marcara a vida, transformando-o em um exilado, ou ainda, quase um pária, em meio à sociedade que o cercava. A culminância das infelicidades que atormentavam o rapaz se dava com a morte de sua progenitora, repisando um tema tão recorrente à obra de Julieta. Sem a mãe, sua válvula de escape em meio ao ostracismo social, o “proscrito” perderia de vez o sentido da existência, não havendo mais notícias dele que, tudo indicava, continuaria sua sina de fugir do “fantasma do impossível”.

“Coincidência” narrava o amor de juventude entre Catulo e Jenny, mas a estória que poderia ser feliz, em seguida descambava para a tristeza da separação, quando ele se mudou do lugarejo onde viviam. Catulo encantou-se com os atrativos da cidade grande e, em seguida, esquecia a moça que ficara a esperá-lo. Por outro lado, Jenny era a figura da desesperança, pois, à medida que o tempo passava e o amado não retornava, só restava a infelicidade. O rapaz viria a constituir família e, por uma “coincidência” do destino, teve de voltar à sua terra natal, tendo em vista problemas de saúde da filha e, nessa

ocasião acabaria por presenciar o funeral de Jenny, sendo informando de que ela jamais se conformara com a sua ausência. Julieta Monteiro retomava um tema comum voltado à perspectiva da morte causada pelo amor. Além disso, a autora tomava partido diante daquele cenário sentimental, apontando para o caráter volúvel dos homens em relação às mulheres. Nesse sentido, ela destacava que Catulo, ao partir, prometera amor eterno à namorada, “parodiando todas as pessoas de seu sexo, em idênticos momentos”. Em outro momento da narrativa, Julieta apontava que Catulo nunca pensara no sofrimento de Jenny, de maneira que “esse homem não desmentiu o seu sexo: pensou em si”. No mesmo sentido, a escritora enfatizava que a Catulo, mesmo presenciando o fêretro de Jenny, não ocorrera a ideia de que a noiva sofrera e morrera por ele. Assim, levando em conta a “coincidência”, sem a qual provavelmente Catulo teria esquecido totalmente a existência de Jenny, a contista reforçava no início, no meio e ao final do texto de que os felizes não tinham tempo para pensar, lembrar ou chorar as dores alheias.

A tristeza do amor não correspondido ficava expressa em “O violonista” que contava a estória de Amadeu, um músico que vivia apartado do mundo, absolutamente imerso na prática de seu violino e Jaci, jovem que mantinha um sentimento secreto e arrebatador pelo artista. O sonho de Amadeu era tocar, passando “pelo mundo sem o ver” e, o de Jaci era viver “dele e para ele”. Como era recorrente nos escritos da autora, o desencontro sentimental redundava em tragédia, de modo que Jaci tornava-se mais uma vítima que morria por amor. Diante do ocorrido, Amadeu continuaria absorto em sua arte, não dedicando à “moça sonhadora” nenhum “sentimento sequer de gratidão”. “O violonista” já havia sido editado na publicação literária rio-grandina *Corimbo*, em 29 de agosto de 1897, ocorrendo brevíssimas alterações voltadas à revisão do texto, além da mudança no nome do protagonista.

Em “Manhã de primavera”, Julieta narrava as lamentações de uma mãe, nas quais aparecia o contraste entre a tristeza e as belezas da

estação primaveril. Toda estória se centrava em uma travessia feita de barco, na qual uma mãe operária se dirigia a um batismo, acompanhada pelo seu filho que pereceria ao cair nas águas. A criança de cinco anos, único personagem identificado por um nome, Carlinhos, era comparada a um anjo e a sua perda trouxera uma dor inexorável à mãe, fazendo com que os dias de primavera fossem de terrível lembrança para ela. As preocupações de cunho social de Julieta Monteiro se faziam presentes nesse texto, uma vez que a mãe sofredora era uma representante do operariado que virá naquela festa de batizado, uma das poucas oportunidades que serviriam de lenitivo para sua difícil existência. A autora lembrava que os “pobres operários” não dispunham “durante a semana de um instante sequer para o repouso”, mas, ao mesmo tempo fazia referência à solidariedade entre os trabalhadores, ao indicar que “as raparigas da fábrica, boas companheiras” da mãe inconsolável, tinham agido em apoio à desvalida colega. A escritora refletia em seu conto um momento histórico no qual as nascentes fábricas traziam um incremento ao proletariado, desassistido e sem qualquer legislação que resguardasse seus direitos.

“Silvio” contava a estória de personagem nascido em berço de ouro e que, apesar da orfandade paterna, contara com a mãe para continuar vivendo na opulência. A mãe, apesar de extremosa em cuidados, cuidou do filho com condescendência plena, de modo que crescera um jovem mimado, com tudo o que queria sempre à disposição. Já homem, Silvio calcou seu comportamento na soberba e suas relações sociais embasavam-se em sua condição endinheirada. Como era comum nos textos de Julieta Monteiro, uma morte seria o momento de inflexão do conto, com o falecimento da mãe de Silvio. Apesar da dor inicial, ele continuou sua caminhada de abastado, cometendo exageros até o ponto de sua fortuna acabar, vendo-se sem meios para subsistir. Diante das poucas alternativas, Silvio optaria pela solução extrema e a estória também é finalizada com a presença da morte, através do suicídio do protagonista. A autora trazia no texto uma visão crítica em relação à sociedade, notadamente os ricos improdutivos que só vi-

viam das rendas amealhadas por seus progenitores. Era um reflexo da própria sociedade, na qual muitos empreendimentos prósperos sucumbiam, diante da inabilidade dos herdeiros. Além disso, ficava latente a visão acerca de parte expressiva da elite brasileira e sua verdadeira ojeriza para com o trabalho, pois Silvio preferira a morte a ter de encontrar uma forma de sustentar-se.

A imagem de uma figura feminina abnegada e devotada à família era a essência de “Alma de mulher”. O enredo trazia mais uma vez as dificuldades de ordem socioeconômica, que obrigavam um homem a deixar a esposa e os filhos para buscar melhores condições de vida. O afastamento que deveria ser temporário vai ficando cada vez mais duradouro, de modo que a mulher teve de enfrentar, além da dor da ausência do consorte, todos os obstáculos da sustentação da prole. Arrostando a saudade e encontrando forças para trabalhar cada vez mais, a esposa chegou a conseguir formar um pecúlio, mas ao custo muito alto da fragilização de sua saúde, ficando próxima da morte. Nesse momento de proximidade do fim da existência se dava o retorno do marido que, antes de entrar em contato com a família, preferiu pedir o apoio do clérigo que cuidava dos assuntos espirituais da comunidade. Ele se dizia arrependido, mas que fora muito ingrato, temendo não contar com o perdão da esposa, pois recebera uma herança inesperada e dilapidara o dinheiro com esbanjamentos. Acompanhado pelo padre, o marido retornou à sua casa a tempo de ver a esposa falecer, sendo consolado pelo religioso, afirmando que a “alma” dela permaneceria a velar por eles. A autora estabelecia um paralelo entre os dois elementos constitutivos do casal. Enaltecia a ação da mulher na defesa de seus filhos, na manutenção da esperança no retorno do consorte e na execução de um trabalho honrado que sustentara a família. Por outro lado, apresentava um olhar crítico para com o esposo, por abandonar esposa e filhos e, egoisticamente, perder a oportunidade de trazer recursos para a família, de modo que, em síntese, a escritora conceituava o homem como “marido infiel”.

O conto “Um drama no mar” trazia uma narrativa distribuída em três tempos alternativos. No primeiro, aparecia uma narradora que simplesmente anunciava o conteúdo de um manuscrito que encontrara à beira da praia. A estória apresentada pela narradora, representando um segundo tempo, era composta pelo diálogo entre duas pessoas, um homem e uma mulher, que, após certa resistência, mas diante da insistência dela, ele passava a contar um acontecimento de seu passado. Era a ocorrência do terceiro tempo, no qual ele, em um navio, cometera um crime, matando sua amada e um companheiro de profissão, imaginando que ambos tivessem traído sua confiança. Seu crime acabaria sendo acobertado por meio de uma terrível tempestade que eliminou os vestígios do assassinato e levou-o como um náufrago até a costa onde teve sua vida salva pela mulher com quem conversava. Era o retorno para o segundo espaço temporal, no qual ele revelava a ela que descobrira que sua amada e seu amigo não o haviam traído, de modo que decide suicidar-se para tristeza daquela que fora sua salvadora. Finalmente, o texto retornava ao tempo original, no qual a narradora dizia que findava assim o manuscrito que ela garantia estava marcado por lágrimas. Apesar desta certa complexidade temporal, “Um drama no mar” não deixava de abordar a temática das paixões associadas à morte.

Em “Estrelas obumbradas”, Julieta Monteiro narrava a estória de uma pessoa que se dizia não muito fanática por crianças, mas que se encantara com três que encontrara durante um retiro. A narrativa tratava de um tema comum à época, quando as pessoas adoentadas se afastavam das cidades para respirar um ar mais saudável no campo e recuperar-se de suas moléstias. Foi nessa oportunidade que a protagonista/narradora encontrou-se com as duas meninas e um menino com os quais estabeleceu estreitos laços. Após retornar à cidade, a protagonista se viu na necessidade de mais uma vez viajar naquela direção e aproveitou a oportunidade para fazer uma visita aos seus jovens amigos. Lá chegando, encontrou na casa deles apenas o pai entregue à tristeza e mãe que enlouquecera, tendo em vista que as

três crianças tinham sido ceifadas pela varíola. Ao final do texto prevalecia o pensamento do pesar diante da ação das pestes que tanto ameaçavam o Brasil, ainda mais nas localidades portuárias, como era o caso do Rio Grande, a cidade da autora, tantas vezes assolada por epidemias. O conteúdo do conto mais uma vez trazia a perspectiva do amor, nesse caso o paternal, mas igualmente esfacelado por ocasião da morte. A expressão do título – “obumbrada” – bem demarcava o espírito geral do escrito, ou seja, equivalia a cobrir com sombras, tornar ou ficar sombrio, ou ainda escurecer, obscurecer, toldar, como era característico dos efeitos da morte; bem como trazia o sentido de perturbar ou obcecar a mente, conforme ocorrera com os pais.

A morte também esteve presente no conteúdo do conto “O milagre da virgem”, mas, diferenciando-se da maioria dos demais textos do “Segundo Livro” de *Berilos*, desta vez ela não sairia vencedora, havendo, para os padrões gerais daquele segmento, um *sui generis* final feliz. A estória se passava em uma embarcação na qual servia Jacques, um experiente marinheiro que levava seu filho primogênito, pretenso seguidor de seus passos em termos profissionais, para sua viagem inaugural. Após um início calcado na tranquilidade das rotinas da navegação, a narrativa dava uma virada tendo em vista o enfrentamento de uma terrível tempestade. Jacques teve de salvar seu filho do afogamento e o brigue esteve perto da destruição, diante do que os marinheiros apelaram para uma santa, visando à salvação de suas vidas. Obtido o “milagre da virgem”, os tripulantes assistiram à missa em homenagem à sua salvadora. A morte avizinhara, mas – como a exceção que justificava a regra, em termos do âmbito geral dos escritos de Julieta naquele livro – acabara sobrepujada.

O conto “Os gêmeos” trazia em si toda uma linguagem figurada, de modo que os personagens assumiam características normalmente atribuídas aos sentimentos. Nesse sentido, um triste Coração e uma alegre Esperança, eram irmãos que viviam em harmônica simbiose, com ela amainando as decepções dele. O rumo da estória mudaria com o aparecimento do terceiro personagem, o Amor, que em seguida

passava a ser indelével influência sobre o Coração, para desespero da Esperança, ficando quebrados os laços que uniam os irmãos. Diante da aproximação cada vez mais intensa entre o Coração e o Amor, a Esperança passou a sentir-se só e começou a definhar, até que a sua vida cessou. O Coração ficou inconsolável, mas permaneceu subjugado aos martírios do “tirânico” Amor. Nas estórias escritas por Julieta Monteiro a morte assolava até mesmo os sentimentos e as sensações humanas, contradizendo inclusive o axioma popular, segundo o qual “a esperança é a última que morre”. Esse texto fora publicado originalmente nas páginas do periódico literário *Corimbo*, na edição de 19 de abril de 1896.

O último conto da “Primeira Parte” do “Segundo Livro” de *Berilos* tinha por título “A suicida” e dava o sublime fechamento ao tema preferencial abordado pela autora nos demais escritos, vinculado ao final da existência. No texto a morte perpassava desde o título e atravessava todo o seu conteúdo, descrevendo minuciosamente o ato em si. A morte autoinfligida tinha por razões o amor não correspondido, mantendo a imagem do “mal de amor” ou do “morrer de amor”, que tanto marcou a expressão escrita da autora. O texto começava com a personagem já no post-mortem, partindo daí para explicar sua chegada até aquela condição para, após, retornar à cena inicial. Próximo do esquife onde se encontrava o corpo havia uma imagem de Cristo que parecia perdoar aquele pecado, vindo, portanto, de encontro aos próprios princípios religiosos da escritora. “A suicida” foi outro conto originalmente publicado no número de 2 de março de 1897 do *Corimbo*.

A “Segunda parte” do segmento de *Berilos* redigido por Julieta Monteiro apresenta textos bem mais suaves, em relação aos soturnos contos da parte inicial. Na abertura dessa parte, a autora que ficou bem mais reconhecida por seus textos em versos, apresentava o único poema presente nas páginas do livro. Nele, havia a dedicatória “à mocidade alegre e descuidosa”, que teria “crenças, sorriso, ilusões” e para a qual a escritora endereçava aqueles “contos de modesta prosa”, que traduziriam “cruéis decepções”. Apesar de denominá-los de “contos”, eles

pareciam bem mais com breves crônicas que traziam em si narrativas de situação, carregadas de um certo caráter irônico e/ou jocoso. Já as “cruéis decepções” eram efetivamente o fim condutor das estórias que falavam sobre ilusões perdidas, desapontamentos e desilusões ligadas aos sentimentos e às relações entre homem e mulher.

O primeiro texto, bem de acordo com a proposta, se denominava “Uma decepção”, narrando as peripécias de Ivanoska, moça que vai visitar uma amiga para conhecer o noivo dela. Durante o trajeto, no bonde, ela se enamorava de um rapaz que parecia cortejá-la, até chegar ao desapontamento de descerem na mesma estação e chegarem a idêntico destino, pois o mancebo em questão era o próprio noivo da amiga. O segundo tinha um título próximo ao chavão popular, chamando-se “As aparências iludem”, contando a estória de Olnácia que parecia apaixonada por um desconhecido, vindo a criar toda uma série de ideias quanto à sua personalidade, imaginando que se tratava de um intelectual, até que finalmente ambos tiveram a oportunidade de se encontrar e a primeira frase proferida pelo rapaz foi de uma enorme pobreza de espírito, desfazendo as expectativas da moça que, desapontada, desistia do flerte.

Já “O juramento de Maricota” tratava de uma esperteza da moça que dava título ao texto. Carlinhos era apaixonado pela prima Maricota, mas teve de afastar-se da cidade onde moravam, obtendo a promessa da moça que não iria se casar enquanto ele não retornasse. Ao final a moça, que escolhera outro par, utilizava-se de um ardil para cumprir seu juramento sem deixar de casar com o outro, pois esperou até o momento em que Carlinhos descia da embarcação para então efetivar seu matrimônio. Ao primo restou receber um bilhete no qual Maricota garantia não ter rompido com o prometido. Dessa vez a decepção ficou para o lado masculino da relação. Finalmente, “Duas desilusões” narrava as tentativas de Ernesto em encontrar uma companhia que não se interessasse por ele em razão da fortuna que possuía. Para tanto, fingiu-se de pobre até encontrar Ceci, moça de família humilde que parecia realmente interessada nele e não em seu

dinheiro. Mas a decepção viria no momento em que ele descobriu que sua quase consorte sabia de seus bens e parecia só estar neles interessada. Ernesto partiu e deixou para Ceci apenas um bilhete, desfazendo a proposta de casamento, restando daí as “duas decepções” do título.

Assim, o “Segundo Livro” de *Berilos*, da lavra de Julieta Monteiro, tem duas partes bem distintas. A primeira trazia uma série de contos taciturnos, carregados de profunda tristeza e com a inexorável marca da morte. Os textos são predominantemente lúgubres e sombrios. Na maior parte deles, há uma espécie de embate entre a tristeza e a felicidade, a desesperança e o amor e, enfim, entre a morte e a vida, com larga vantagem para os elementos constitutivos de cunho negativo. Outro elemento constitutivo presente em vários dos contos é a pobreza, revelando as preocupações da autora com as mazelas de natureza social. Já a parte final apresentava textos que se aproximavam das crônicas de costumes que as irmãs Julieta e Revocata apresentavam nas sessões de correspondências dos jornais que editaram, mormente, a *Violeta*. São estória mais leves, calcadas em um tom mais chistoso, tratando as decepções amorosas com uma ponta de pilhéria. Na maioria das crônicas – que a autora chamava de contos – aparentava também uma espécie de presença de Julieta no papel de narradora, tanto que, no último texto, a condutora da narrativa era uma escritora. Com as duas partes bem estabelecidas – contos trágicos e soturnos ao lado de crônicas bem-humoradas – Julieta de Melo Monteiro intentava voltar sua criatividade a leitores de diferenciados gostos que pudessem se interessar pelo livro.

#####

SEGUNDO LIVRO

À memória de F. G. Pinto Monteiro
Preito de saudade eterna de sua esposa
Julieta de Melo Monteiro

PRIMEIRA PARTE

Regeneração

À Exma. Amiga D. Lauducena de Melo Silveira

Ele estava na taberna, como sempre, completamente ébrio, quando vieram dizer-lhe que a mulher acabava de morrer, que o pequeno João chorava com fome, e que era necessário ir à casa dar as providências necessárias.

Ergueu-se do banco em que estava sentado havia mais de duas horas, sem poder levantar-se, tal era o estado em que tinha a cabeça, e ficou por alguns instantes a olhar parvamente, sem expressão, com a boca entreaberta e os braços pendidos ao longo do corpo, para o vizinho que lhe trouxera a inesperada nova.

Aquele olhar, aquele ar de pasmo, traduzia-se assim: – “Pois é crível que ela morresse? Pois é certo o que sofria há muito como me repetia constantemente?! Pois não será tudo um sonho? Aqui por diante não encontrarei mais em casa o jantar pronto quando regressar da taberna, e à noite o café quente esperando-me? Terei de dar de comer ao Joãozinho, para que não morra de fome; terei de lavá-lo, vesti-lo?... Não, não, isto não pode ser; sinto a cabeça pesada, estou a sonhar”.

Uma pancada no ombro, dada por mão pesada e grosseira, despertou-o bruscamente.

– Então, vamos ou não vamos? Olha que o caso mudou agora de figura; já não é a pobre mártir que te está esperando no lar onde só entravas para comer, dormir ou maltratar a companheira de teus dias; agora o que lá está é um cadáver que precisa ser enterrado, e uma criança órfã a chamar em vão pelo único ente que a animava e lhe matava a fome!...

Como se essas palavras tivessem o poder de um choque elétrico, o ébrio estremeceu todo; depois, cobrando uma coragem, uma força, uma energia única em tal estado, deitou a correr, a correr, como um doido, em direção ao seu pobre albergue.

Os companheiros da sua desregrada vida olharam-se admirados. O que iria ele fazer?

O vizinho que viera chamá-lo apressou-se a segui-lo. “– Seria o infame capaz de insultar o cadáver da desgraçada esposa? Teria coração para bater no infeliz filhinho?”

Chegaram. A morta estava sobre o pobre leito, na mesma posição em que ficara ao exalar o último suspiro: ninguém lhe tocara.

Apenas haviam chamado o armador que tomara medida ao corpo e aguardava o dono da casa para saber dele a qualidade da fazenda que devia empregar no caixão.

O ébrio entrou. Recuperara como por encanto os sentidos perturbados pela bebida.

Olhou silenciosamente o cadáver, deu as instruções precisas para o enterro e tratou depois de afastar de casa os vizinhos e curiosos que ofereciam os seus serviços.

Fechou-se com a morta e o filhinho.

A criança, a princípio assustada, não compreendendo nada do que via, e temendo o pai que a não poupava nunca, fugira para um canto do quarto; depois, tímida e receosa, acudiu ao chamado daquele que a beijou tristemente.

Procurou pão no armário tosco, mas muito asseado e encontrou restos ainda do que a mísera comprara na véspera, com o fruto do seu último trabalho. Deu-os ao pequeno e sentou-se depois sobre o leito em que a mãe dormia o derradeiro sono.

Ajoelhou então àquele corpo que já não podia sentir nem conhecer o profundo arrependimento que nascera de súbito naquela alma e pediu-lhe baixinho, muito baixinho, que o perdoasse de todas as suas grandes culpas e rogasse a Deus que o guiasse pela estrada da honra e do dever.

Como se ela sempre tão boa, tão santa, tão resignada, ainda continuasse na vida de além túmulo a fazer-lhe as vontades e cumprisse imediatamente o seu desejo, rogando a Deus por ele, uma metamorfose quase instantânea operou-se naquele coração até então fechado ao bem, à ternura, ao dever!

Horas depois, quando o armador voltou com os aprestos para a derradeira viagem, encontrou a defunta já preparada sobre uma mesa no meio do aposento.

Vestia o vestido preto com que casara e que guardava como lembrança de um dos poucos dias de felicidade que gozara junto ao marido.

Os vizinhos encarregaram-se dos convites para o enterro que se realizou na manhã seguinte, sem nenhuma pompa é certo, mas revestido de muita tristeza e respeito, porque a morta era querida por todos.

De volta do cemitério, encontraram todos a casa do ébrio, como lhe chamavam, completamente fechada.

Soube-se depois que Acrísio, tal era o seu nome, fora falar ao mestre da fábrica onde outrora fora operário e de onde ausentara-se havia muito, para levar uma vida miserável, sustentando-se do pouco que ganhava a infeliz mãe de seu filho, trabalhando dia e noite para não morrerem os três de miséria!

Duas horas estiveram juntos os dois homens, e quando se separaram nos olhos de ambos havia vestígios de ardentes lágrimas.

Acrísio voltou ao trabalho para onde o acompanhava o pequeno, que era vestido, lavado e penteado pelo pai que prometera ao cadáver da esposa ser daí por diante, para o filhinho, o que ela havia sido até então – pai e mãe ao mesmo tempo.

Agora todos o respeitam, todos o consideram.

Ninguém ousa falar-lhe do passado para não aumentar a profunda mágoa que há sempre impressa em seu semblante, hoje cruelmente abatido!

Não vai mais à taberna; passa mesmo por ela sem nem sequer olhá-la; mas o fantasma do remorso não lhe permite gozar a felicidade que o seu viver presente proporciona-lhe, não obstante o confessor de sua vítima muitas vezes lhe ter assegurado que Deus e ela já o perdoaram há muito.

Pepita

À Exma. Amiga D. Mariquinhas Chula

A amada do jovem pintor tinha os olhos negros. Negros e belos como o artista jamais vira em parte alguma.

Vivos, alegres, buliçosos, não paravam um instante sequer.

Dir-se-ia que voavam, riam, cantavam os endemoninhados olhos de Pepita.

O pintor fizera deles o modelo para os seus anjos e para o Amor, formosa tela que concebera depois que vira e amara Pepita, a graciosa espanhola.

Grandes, brilhantes, feiticeiros, aqueles olhos já haviam sido a tentação de muitos corações!

Mas a espanhola não os volvia demoradamente para pessoa alguma.

Sempre travessos, inquietos, eram dois colibris negros, voando de flor em flor.

Pepita era feliz.

O moço artista amava-a com entusiasmo e Pepita que também o amava tinha ainda outro amor que a preocupava mais, muito mais que o do seu amado; era o de sua velha mãe.

Viviam as duas, sós, porém, satisfeitas, ainda que um tanto saudosas da sua formosa Andaluzia. Dois corações que se compreendem e podem viver unidos, não necessitam de muito mais venturas.

Poucas lhes bastam. . .

Veio, porém, a fatalidade e uma noite, por sinal uma formosa noite de luar, branco, branco como os cabelos da terna companheira da moça dos olhos buliçosos, Pepita viu-se repentinamente órfã do santo amor de sua mãe!

Uma apoplexia fulminara a meiga criatura!

Impossível, impossível traduzir o desespero da mísera espanhola!

Fugiu a todas as consolações, esqueceu todos os prazeres do mundo e segregou-se da sociedade.

Meses depois, o pintor que não esquecera aqueles olhos sedutores, teve permissão para visitar algumas vezes a inditosa andaluza.

Voou a vê-la; mas, quanta mudança oh Deus!

Os olhos de Pepita, aqueles olhos negros como a noite, belos como o sol e traquinas como Cupido, para o qual haviam servido de modelo, estavam encovados, languídos, pensativos, profundamente pensativos!

O émulo de Miguel Ângelo fitou-os e empalideceu.

Não eram os mesmos olhos, não!

E o pintor não amava os olhos tristes...

Esqueceu Pepita!

É por isso que eu quero ardentemente os olhos cismadores, poeticamente tristes e romanescamente pensativos.

É porque eles não mudam nunca.

Os alegres podem entristecer; porém os tristes, os cismarentos, esses nunca mudam.

Festa de Natal

À Amiga Marieta Carvalho

Ouvi contar esta singela história a uma pálida criança, formosa como o céu e triste como uma saudade sem esperança.

Era pelo Natal, dizia ela, eu vivia com a minha avó, uma boa velhinha que nunca poderei esquecer.

Órfã de pai e mãe no começo da existência, foi de suas enrugadas mãos que recebi os únicos carinhos que tenho conhecido. Ela era pobre, muito pobre mesmo, mas trabalhava sempre e ensinava-me a não invejar a riqueza, principalmente dos que não repartem a sua fortuna com os necessitados.

Junto à nossa casa morava um senhor muito rico de quem meu avô fora jardineiro. Não era ele como a maior parte dos ricos, pois tinha muita pena da pobreza e protegia-a sempre que se oferecia ocasião.

Não se esquecia de nós; Deus sabe quantas vezes ficaríamos sem café pela manhã se não nos acudisse a sua generosa alma.

Uma vez, estávamos em dia de Natal, como dizia eu, sentada junto de minha avó, à porta de nossa casa, víamos passar o grande rebanho de cabras

que possuía o nosso vizinho. Iam entre elas duas nascidas apenas há três dias. eram brancas, malhadas de negro. Saltavam alegremente diante da mãe. Achei tanta, tanta graça naqueles animaizinhos, que instintivamente ergui-me procurando segurar algum deles para amimá-lo. O dono viu e perguntou-me sorrindo se queria uma cabrinha para mim. Envergonhada não respondi e abaixei a cabeça. Ele então tomou-me pela mão e entrando comigo em sua casa, disse-me: – Vamos, escolhe uma cabrinha; são as tuas festas de Natal. Não leves as pequenas para não separá-las da mãe, coitadinhas, mas leva outra qualquer que te agrade.

Vacilei muito, temendo escolher alguma que fosse predileta do dono. Ele sorria: – Escolhe, escolhe minha filha, não te acanhes. Decidi-me então por uma toda branca. Que linda que ela era!

Agradei-lhe cheia de contentamento e corri à casa com o meu presente, as minhas festas de Natal. Durante anos foi a cabrinha o meu enlevo. Ia vê-la logo pela manhã e à tarde, depois dos meus trabalhos era ela a minha única companheira de folguedos. Minha avó também lhe queria muito.

Tinha eu feito onze anos havia pouco, quando inesperadamente minha pobre avó adoeceu.

Corria o mês de agosto, fazia um frio desesperador e faltava em casa com que agasalhar a enferma. O nosso bom vizinho mudara de terra e eu não tinha a quem recorrer, porque as pessoas que nos cercavam eram quase tão pobres como nós.

Punha em cima da velhinha toda a roupa que tínhamos, porém, ela era tão pouca, que eu bem conhecia que a minha pobre avó continuava a tremer de frio. Desesperada passei quase uma noite inteira a meditar na forma porque arranjaria algum dinheiro, e pela manhã pouco havia adiantado. Como para aumentar a minha aflição, o médico que veio vê-la disse-me que só lhe desse caldos de galinha, pois outro qualquer alimento poder-lhe-ia fazer mal.

Logo que ele saiu fui para os fundos da casa pra que a doente não visse o meu desespero, e chorando pedia a Deus que me inspirasse um meio de atender a tantas necessidades. Caminhando ao acaso, cheguei até a porta do quintal e subitamente tive uma ideia. A vista da minha cabrinha é que me trouxera.

Havia em uma rua próxima uma criança que morria de amores pela minha cabrinha e a mãe por mais de uma vez me falara em comprar o animalzinho para o filho. Era uma separação cruel, muito cruel para mim, mas eu bem via que Deus é que me mandara aquela inspiração; decidi-me a vendê-la, custasse-me o que custasse.

Fui pé ante pé vigiar a minha querida doente e encontrei-a dormindo. Não meditei mais, podia, se consultasse ainda uma vez o coração, não ter ânimo de separar-me do pobre animalzinho. Saí, e a companheira dos meus folguedos como de costume acompanhou-me.

Meia hora depois estava feito o negócio e eu voltava só para casa!

Verdadeiramente eu não voltava só, pois trazia comigo além de uma saudade funda, a imagem da minha amiguinha, bem junto ao coração. Pelo caminho comprei duas galinhas e um pequeno cobertor para a minha avó. Antes de entrar no quarto tive o cuidado de limpar bem os olhos para que eles não tivessem vestígios de lágrimas. Estendi a coberta na cama e corri para a cozinha a preparar o caldo. Minha avó estranhou aquelas compras e interrogou-me cuidadosamente. Assegurei-lhe que tudo lhe contaria mais tarde e que tivesse certeza de que nada teria a ralhar-me. Bem o sei, bem o sei, disse-me ela, creio bem na nobreza do teu coração cheio de bondade e de virtudes: e beijou-me muito.

E foi assim que as minhas festas de Natal se foram embora. . .

Mas, ah! o que eu mais lamento é que o seu produto não conseguisse salvar da morte a minha saudosa avó!

Quinze dias depois desses acontecimentos, ela exalava o último suspiro e eu via-me no mundo inteiramente desamparada.

Só! Inteiramente só!

E a pálida criança formosa como o céu e triste, como uma saudade sem esperança, limpava as lágrimas que lhe beijavam as faces!

O proscrito

À Amiga Amélia Lisboa

Todos fugiam porque o julgavam um monstro. Todos olhavam-no com indiferença porque ele era insensível às dores alheias, às amarguras do próximo.

Assistir a um noivado ou ver desfilar um enterro, ouvir um gemido doloroso, um soluço angustiado ou uma risada estridente, um canto a traduzir gozo e prazer, era para ele a mesma coisa.

Passava como se fora cego, pela multidão que o olhava com aborrecimento.

Só um ente no mundo o despertava da profunda modorra em que vivia; era a mãe.

A mãe, pobre sexagenária que sofria vendo o tédio com que o mundo encarava o filho, o infeliz filho a quem ela idolatrava.

À noite, quando tudo era silêncio, ela ia de mansinho escutar à porta da alcova do inditoso e ouvia, com a alma dilacerada, os soluços que ele procurava abafar amordaçando-se com os lençóis do leito.

Só ela conhecia o segredo daquele desterrado dos prazeres mundanos.

Amara e amara com a loucura de quem não podendo na doçura desse afeto beber a vida, quer, aspira sofregamente a morte, o descanso final.

Voltaire disse: “O amor é de todas as paixões a mais forte, porque ataca ao mesmo tempo a cabeça, o coração e o corpo”.

E o desgraçado amara.

Como escreveu Mlle. de l'Espinasse: “Amar é fazer um pacto com a dor”, ele fizera um crudelíssimo pacto.

Entre o seu coração e o da mulher amada, erguia-se uma muralha forte como a desgraça, imensa como o mar, invencível como a morte! Essa muralha era o impossível!

Sepultou o amor no abismo de seu peito e odiou o mundo.

Desgraçado, a sociedade julgou-o um réprobo!

No silêncio da noite desabafava as suas amarguras que só a pobre velhinha que lhe embalara o berço conhecia.

O impossível era o fantasma aterrador que o perseguia sem cessar.

Nunca pensara no suicídio, por amor àquela que lhe dera o ser.

Por uma manhã de outubro, bela como o olhar do ente amado e triste como um afeto não compreendido, a velhinha morreu.

Morreu quase sem agonia, suave, serenamente, como devem morrer os justos.

O que se passou então naquele lar ermo de ventura?!

Um drama de angústias.

Com o olhar desvairado, os cabelos em desordem, as faces cobertas de viva palidez, o desventurado proscrito – como o chamavam – encarava a mãe, o único ente que o compreendia e amava!

À tarde, depois do enterro, alguém, compadecido daquela grande dor muda, procurou-o para saber o que pretendia fazer.

Embalde, o lar era deserto!

E nunca, nunca mais houve notícias do proscrito, que vaga talvez ainda, fugindo do fantasma do impossível.

Coincidência

À Ana Aurora

Não têm geralmente os felizes, tempo para pensar nas dores alheias, e por esse motivo Catulo esquecera completamente que em um lugarejo de sua longínqua província, deixara a chorar perdidamente por ele uma gentil criança a quem amara em sua juventude.

Circunstâncias imperiosas haviam-no obrigado a abandonar a loura Jenny, violeta nascida e criada à sombra de verdejantes arbustos, distante das vaidades do mundo, distante das mentiras dos salões.

A despedida fora um poema de lágrimas, a mimosa florinha dos campos, em ingênuas frases parodiara, sem que o soubesse a encantadora poetisa das *Nebulosas*, dizendo a Catulo: – *Quando voltares já serei sem vida*, e ele, parodiando todas as pessoas de seu sexo, em idênticos momentos, jurara-lhe constância eterna, amor de além túmulo!

Pobre Jenny! Cinco anos passaram sem que tivesse notícias do ídolo do seu coração.

Cinco anos! Como é fácil de pronunciar e difícil de ver correr!

Catulo fora habitar um centro populoso.

Os bailes, os espetáculos, os concertos, as corridas no prado, os clubes, as visitas, tudo, tudo enfim a que ele não estava habituado, lhe ocupou inteiramente o tempo e encantou-o.

Jenny com facilidade desapareceu de sua mente, como já havia desaparecido do seu coração.

Ela ao contrário, no isolamento do seu lar, agora mais do que nunca solitário, porque a orfandade viera cobrir de luto a pobre criança, pensava dia e noite no escolhido de sua alma, no prometido esposo que tardava tanto em chegar!

A fonte junto da qual ao sol posto sentavam-se a fazer castelos doirados para o futuro, as flores que regavam juntos, os pássaros que faziam seus ninhos à beira do telhado das duas habitações unidas, oh! como lhe recordavam o companheiro de seus primeiros sonhos, de suas primeiras e mais doces aspirações de moça!

Porém, Catulo não voltava.

Dias, meses e anos decorreram nesse intérmino esperar.

O laranjal cobrira-se de flores muitas vezes e outras tantas as andorinhas haviam partido e regressado àquelas paragens sem que voltasse o Paulo daquela infeliz Virgínia; ele esquecera o caminho hoje coberto de saudades e lágrimas e outrora povoado de rosas e sorrisos de dois corações amantes.

É que um novo afeto nascera, crescera e florira no jardim da existência de Catulo, e nesse afeto onde ele bebera a largos sorvos a felicidade, encontrara total esquecimento à imagem já esmaecida de Jenny.

Catulo casara e um ano depois era pai.

Aos felizes não sobra tempo para lembrar as dores alheias, e Catulo nunca pensou se Jenny teria sofrido com aquela separação, se o choraria ainda ou se também o esquecera.

Esse homem não desmentiu o seu sexo: pensou em si.

Tempos depois, a criança, enlevo daquele venturoso casal, adoeceu.

Uma anemia profunda lhe minava a existência e ameaçava arrebatá-la a vida.

Os médicos aconselharam a saída sem demora para o campo.

O ar puro, o leite, alguns tônicos, e a criança estaria salva.

A família partiu sem perda de tempo e foi abrigar-se nas vizinhanças do berço de Catulo.

Pela manhã cedo ele percorria vagarosamente com a pequena Mimi os arredores do seu torrão natal, onde começou a deparar antigos conhecidos.

A criança não tardou a sentir-se reviver; as cores do rosto reapareceram e as forças voltaram.

Ele e ela seguiam alegremente estrada à fora, por uma belíssima manhã de novembro.

Parando aqui para apanhar uma flor, acolá para escutar um passarinho, ou deter uma borboleta que a pequena desejara, Catulo não se apercebeu de uma multidão de raparigas e rapazes que se aproximava.

As raparigas vestiam branco, traziam flores e conduziam o esquife de uma donzela.

Inesperadamente Catulo voltou-se e deparou com o lúgubre espetáculo.

Aproximou-se e perguntou a alguns conhecidos que faziam parte do préstito, quem era a morta.

– Jenny, não se recorda de Jenny, da sua antiga noiva? Pobre menina, sofreu muito, a morte foi-lhe até um benefício.

Catulo estremeceu. O préstito parara para descansar e Catulo descobrindo o rosto da defunta pode ver ainda os restos de uma beleza desbotada em plena mocidade.

Mimi perguntou ingenuamente:

– Morreu, papai?

– Morreu minha filha, respondeu ele, tomando nos braços a criança e fazendo-a beijar a lívida fronte de Jenny.

Pouco depois o enterro seguia e Catulo triste e vagaroso encaminhava-se para casa.

Contou à esposa a coincidência do encontro e durante o dia lembrou-se do passado, sem que, no entanto, um instante sequer lhe ocorresse a ideia de que a sua noiva sofrera e morreria quiçá por ele!

Voltaram mais tarde à cidade.

Mimi completamente restabelecida, tornou a ser o anjo bom daquele lar que ela enchia com o eco das suas risadas argentinas.

Catulo revia-se na pequena e esquecia tudo e todos por ela.

A solenidade daquela manhã de novembro desapareceu de seu espírito e ele só pensou na sua ventura, porque aos felizes não sobra tempo para chorar as dores alheias.

O violonista

Amadeu era um elegante rapaz, apaixonado pela música, que cultivava com ardor e reconhecido aproveitamento.

Teria de 26 a 28 anos. Esguio, pálido, tristonho, consolava as suas grandes e misteriosas mágoas arrancando ao violino as dulcíssimas harmonias que só o arrebatador instrumento sabe traduzir.

Havia o quer que fosse de lutuoso em sua existência, que o violinista procurava ocultar e que lhe atormentava dia a dia o viver.

As dores sepultadas no recôndito do coração, que não transpiram, que se não comunicam pessoa alguma, sangram, martirizam, matam, lentamente.

Amadeu sofria muito, e o seu grande padecer não lhe permitia reparar em Jaci, pobre criatura que o amava perdidamente e que se sentia morrer por ele.

Impressionável, idealista, criadora de utopias, a moça visionária via Amadeu em todos os seus sonhos de acordada, em todas as fantasias de seu cérebro ardente e doentio.

Quantas vezes levantou-se às desoras de uma formosa noite de estio para escutar à janela os gemidos do violino ou a voz romanescamente saudosa do simpático violinista, cantando amorosa canção!

Quantas, quantas!

“Amor sem esperança é céu sem astros”.

Um enfermidade de coração consumia-lhe a vida.

Ela, ou não conhecia o seu estado ou era-lhe indiferente a morte, porque ninguém a via preocupada com a moléstia.

As dores morais em certos organismos atuam mais poderosamente que as físicas; e Jaci tinha a desgraça de estar verdadeiramente apaixonada pelo moço artista que a fitava indiferentemente, razão porque a morte aparecia-lhe como um bálsamo consolador.

Amadeu passava horas inteiras na solidão do seu poético mirante, confiando ao violino, os sentimentos que o avassalavam; e o violino, esse instrumento do céu, pagava-lhe em etéreas harmonias as suas dolorosas confissões.

Dir-se-ia que passava pelo mundo sem o ver.

Jaci, porém, vendo-o ou sonhando-o, vivia dele e para ele.

Amadeu nem sequer suspeitava o culto que merecia à moça idealista.



Correram dias, meses mesmo, e a inditosa violeta que se ocultava na sombra de onde a essência peregrina de sua paixão evolava-se com mais intensidade, morreu.

Morreu ao cair do crepúsculo de uma tarde de outubro, quando as rosas entreabriam os brancos e rosados botões e as madressilvas entornavam pelo ambiente o seu perfume indefinível.

Morreu amando; e Amadeu vendo por entre os vidros da sua janela passar o enterro da moça sonhadora, não teve para ela um sentimento sequer de gratidão, apenas como a sua alma de artista fosse emocionada pelo comovente espetáculo, tocou essa noite mais inspirado, mais triste, mais encantador, no seu querido violino!

Manhã de primavera

À Inês Sabino

E porque te faz chorar uma manhã de primavera? Perguntei à pobre mulher que me fitava melancolicamente, enxugando os olhos úmidos e tristes.

Ah! respondeu-me ela, contendo os soluços, é que foi por uma manhã assim límpida e bela, em que o céu parecia uma grande pedra azul como essa que brilha no seu anel e refletia-se no mar tão calmo que fazia lembrar um espelho imenso colocado sobre as águas para o céu poder mirar-se à sua vontade, que a minha desgraça começou!

Como me lembro! Os passarinhos cortavam de instante a instante o espaço e os seus cantos melódiosos formavam uma orquestra tão linda, tão

linda, que me parecia estar na igreja, ouvindo harpas e violinos, acompanhando as vozes das senhoras que cantam aos domingos na missa.

Que dia, que dia aquele!

Vinha rompendo a manhã, manhã quente, formosa, convidando a deixar o leito pra gozá-la.

Era domingo. Nós, pobres operários que não dispomos durante a semana de um instante sequer para o repouso, combináramos de véspera ir passar o dia à ilha fronteira, onde já nos aguardavam velhos amigos com uma festa de batizado, já preparada.

Partiríamos cedo para não perdermos tempo e divertirmo-nos à vontade. Deus do céu! Como tudo mudou-se em um rápido instante!

*

Nessa época eu tinha um pequenito, uma loura criança de cinco anos, tagarela e travessa, mas encantadoramente branca e rosada como os anjos que lá estão no altar a rodear a virgem da Conceição.

Durante a véspera do passeio o meu querido filhinho não cessava de falar no que faria no dia seguinte.

Primeiro, iria no barco, coisa que ele há muito desejava, sem que eu lhe permitisse; depois, em chegando à ilha treparia nas árvores, comeria frutas, montaria a cavalo, iria ver o batizado do nenê, enfim tantas, tantas coisas que era mesmo um nunca acabar de projetos.

Pobre criança, pobre criança, repetia ela soluçando!

*

Pela manhã chegaram os companheiros e nos pusemos a caminho sem demora.

Até à beira da praia, o meu querido filhinho, em companhia de mais três pequenos, seguiu alegremente a combinarem os quatro as travessuras que fariam.

Embarcamos. O bote era grande, mas os passageiros eram muitos; contudo os remadores afiançaram-nos que não havia perigo; era preciso apenas que tivéssemos cuidado com as crianças.

Prendi o meu Carlinhos junto a mim, a despeito de todo o seu empenho em trepar à borda, para com uma varinha imitar os remadores.

Sossegue pequeno, sossegue, dizia-lhe um velho marujo, se cai ao mar morre mesmo; isto aqui é muito fundo.

E, ele a rir, não morro não, é mentira do senhor. Os meninos da vizinha às vezes entram no rio e não morrem; quer me enganar.

E todos riam. De repente, estávamos mesmo em meio do caminho, um bando enorme de aves aquáticas veio passar perto do bote, chegando algumas delas a roçá-lo com as asas.

O pequeno levantou a vara para tocá-las e a vara desprendeceu-se das mãozinhas e caiu na água.

Rápido, com uma presteza única, incomparável, ele trepou à borda do bote e debruçou-se para segurar a vara que lhe era arrebatada pela corrente.

Imediatamente ouviu-se o baque do seu corpinho caindo ao mar!

Instante horrível! Horrível e incomparável, Virgem Santíssima! Soltei um grito de desespero e quis precipitar-me no lugar em que desaparecera o meu infeliz Carlinhos.

Detiveram-me braços possantes, ao mesmo tempo em que um dos marinhos, bom nadador, atirava-se à água valentemente.

Que luta! Que confusão! Que angústia cruel!

Oh! o destino não revoga as suas sentenças.

Três vezes o corpinho delicado veio à flor das águas e três vezes desapareceu, quando estava prestes a ser tocado pelo marujo.

A consternação era geral, principalmente quando as águas repentinamente encrespadas pelo vento que começara a reinar, fizeram desanimar os marujos.

*

A negra mão da fatalidade só entregou o corpo de meu filho quando este já era cadáver!

Não há palavras que possam traduzir o que se passou em mim diante daquele doloroso quadro!

Morto, morto oh Deus, o meu caro, o meu amado, o meu único filhinho!

Ele ainda a instantes tão alegre, tão travesso, tão cheio de vida!

Oh! Deus do céu! Que dor tamanha a minha!

A embarcação tornada agora esquife, voltou à cidade acompanhada de uma orquestra de ais e de soluços.

Que contraste da partida!

Velou-se durante a noite que deveria passar-se em festa, o meu infeliz anjinho.

Pela manhã saiu o enterro.

As raparigas da fábrica, as minhas boas companheiras, haviam coberto tanto, tanto de flores o meu querido Carlinhos, que os meus lábios procurando sofregamente as faces de meu filho para beijar, apenas encontravam rosas, rosas e jasmims brancos e cheirosos. . .

*

Eis porque as manhã de primavera fazem-me tristeza. . .

Eis porque o céu azul, o mar a retratá-lo, as aves em festa, despertam em meu coração um mundo de amarguras! . .

Silvio

À Cândida Abreu Pereira

Criado em meio da opulência, não lhe faltando conforto de espécie alguma, rodeado de mimos, carícias, Silvio nunca pensou na possibilidade de ver-se um dia desamparado no mundo, onde poucas simpatias merecia, porque não procurava adquiri-las, fugindo até dos que o buscavam, pois julgava-se superior a todos.

Perdendo o pai logo no começo da existência, tornou-se alvo de todos os afetos de uma mãe extremosíssima, porém, que não sabia medir o alcance de uma educação perigosa, como a que dava ao filho.

Habitado a ser obedecido, mal pronunciava uma palavra que traduzisse um desejo, não conhecendo obstáculos aos seus caprichos, supunha o mundo um paraíso perene, onde existia um soberano único – ele!

A mãe que o idolatrava, sentia-se feliz podendo proporcionar-lhe todos os gozos, todos os prazeres; revia-se na ventura do filho.

Silvio cresceu, fez-se homem, e penetrando nos salões procurou ofuscar com os fulgores do seu luxo, os homens que o invejavam e uma parte das mulheres – a parte vulgar – que pensava no triunfo de o conquistar.

Orgulhoso, ele passava fingindo-se indiferente e sorrindo com desdém ao encontrar algum olhar fito em sua pessoa.

Não conhecia amor além do de sua mãe; as outras mulheres pareciam-lhe todas escravas, que se deviam julgar ditosas merecendo-lhe uma palavra.

Pobre fátuo!

A fatalidade veio em breve mudar-lhe o cenário da vida.

Vitimada por uma febre violenta que a acometera ao voltar de uma festa a que assistira já um tanto enferma, e apenas para satisfazer os desejos de Silvio, sua mãe sucumbiu, levando a grande mágoa de o deixar no mundo sem os seus cuidados.

A dor do órfão foi grande.

No primeiro momento pareceu-lhe mesmo impossível vencê-la; o tempo, no entanto, com o seu incomparável poder, conseguiu trazer-lhe o bálsamo da resignação.

Voltou a ocupar-se de si.

Ignorando inteiramente a ciência da economia, gastava largamente sem preocupar-se com o dia de amanhã.

Dois anos viveu entregue a toda sorte de distrações, no que conseguiu esbanjar a sua avultada fortuna.

Um dia, cheio de pasmo, conheceu que estava inteiramente arruinado!

Não lhe restava nem mesmo o necessário para empreender qualquer negócio, se para isso tivesse habilitações.

Silvio não conhecia o trabalho, aprendera simplesmente a gastar, sem deter-se um instante a pensar na fonte que lhe proporcionava tão doce veio.

Vendo-se só no mundo e inteiramente baldo de recursos, horrorizou-se.

Como viver? Quem lhe abonaria os meios precisos?

Amigos, não os tinha! Trabalho, não conhecia nem desejava conhecer.

Preferia de bom grado deixar-se morrer, a humilhar-se diante daqueles a quem até então humilhara.

A pensar no presente e no futuro, consumiu dois dias e duas noites; duas longas noites de inverno.

Foi ao findar dessa segunda noite tormentosa, que Silvio tomou a resolução extrema de acabar com a vida, essa vida passada até então entre risos e festas agora mudada em amarga taça de fel!

Vestiu-se pela manhã e foi ao cemitério visitar o túmulo daquela que lhe dera o ser.

Amava-a sempre e apesar dos seus inúmeros defeitos, Silvio não pertencia ao número dos filhos que culpam os pais quando cometem faltas devidas à educação que receberam.

Voltando da mansão dos mortos, despediu o fâmulos que ainda lhe restava e com uma coragem de que poucos o julgariam capaz, fechou-se no seu luxuoso gabinete e desfechou um tiro de revólver no coração!

Alma de mulher

A Manfredo M. Fernandes

Depois de muitas noites passadas em vigília, numa luta cruel entre o coração e o dever, ficou assentado que ele partiria na próxima semana; ele o jovem e amante esposo, abandonando o querido casal de filhinhos e a estremecida consorte, para ir em busca de trabalho, porque o pão começava a faltar em casa, e na vila havia muita gente desocupada por não haver em que ganhar a vida.

De quanto tempo seria a ausência é que não era possível ter certeza.

Podia ser curta, podia ser de meses e de anos até; dependia da felicidade, coisa em que a pobre esposa pouco acreditava.

No último domingo que passaram juntos foram à igreja assistir à missa e pedir à Senhora do Amparo que os protegesse naquele transe tão amargo.

Segunda-feira ao romper do dia, um belíssimo dia de primavera, ergueu-se a família e fizeram-se os preparativos para a jornada.

Cantavam os passarinhos, murmurava docemente o regato, o ar estava saturado do suave perfume das madressilvas e alegres bandos de borboletas multicores cortavam o espaço graciosamente.

A natureza sorria em contraste cruel à amargura daqueles corações despedaçados.

A esposa desolada e os adorados frutos do seu amor, acompanharam o viajante até ao fim da estrada, onde trocaram-se as mais ternas, as mais saudosas despedidas.

Depois... ele seguiu levando a alma lanceada pela saudade e pela dúvida sobre o futuro; e ela voltou chorosa e desanimada, procurando lobrigar ao longe a rosada flor da esperança, que seus olhos empanados pelas lágrimas não conseguiam avistar, apertava contra o peito os filhinhos que perguntavam sofregamente quando voltava papai.

Sobre o que partia e sobre os que ficavam, a dúvida abria as suas longas e tenebrosas asas!

Pelo correr do dia, o céu cobria-se de nuvens, o vento começou a soprar com veemência, as águas do regalo encrespavam-se e os passarinhos fugiram buscando os ninhos.

Então a saudade, a saudade a mais desesperadora coisa que se tem inventado no mundo, invadiu, tétrica, medonha, aquele lar até então povoado pela ventura!

Felizes os que não conhecem a saudade!

Felizes os que nunca viram o lutulento fantasma a persegui-los noite e dia!

Felizes os que passam pela existência sem sentirem os espinhos cruciantes da impiedosa saudade!

*
* *

Passaram-se meses.

Os pequenos, como geralmente acontece às crianças, consolaram-se depressa. O rapaz, principalmente, raras vezes falava no pai; acusava-o de ingrato, por não voltar.

A menina, mais amorosa, vinha para junto da mãe quando a via chorar e dizia-lhe que não chorasse que o papai viria em breve.

A pobre mulher trabalhava noite e dia para sustentar os filhos; e, coisa estranha, não se sentia cansada, ao contrário, parecia ganhar diariamente novas forças.

Economizava quanto lhe era possível, afagando o rosado sonho de juntar algum dinheiro para surpreender o marido quando este voltasse.

De tempos a tempos uma carta do querido ausente vinha servir de bálsamo à saudade sempre vicejante.

As notícias nem por isso eram muito animadoras; no entanto... ela esperava.

Ele dizia-lhe que os negócios estavam maus, que se gastava quanto se ganhava e que começava a desesperar do destino.

De repente um silêncio profundo.

Passaram-se meses e depois anos; primeiro, segundo e terceiro!

Pobre mulher.

Pobre porque amava muito ao marido, e não porque a miséria tivesse ousado penetrar na sua modesta vivenda.

Tinha conseguido um peculiozinho que abrigava perfeitamente a pequena família, das vicissitudes da pobreza.

Se soubesse do paradeiro do marido, tê-lo-ia mandado chamar.

As coisas corriam melhores na vila; havia bastante trabalho, o que se precisava era de braços, e se ele viesse é possível que a felicidade voltasse a dispensar-lhe as suas carícias.

Infelizmente, porém, não haviam quem soubesse notícias do ausente.

O desânimo começou a apoderar-se dela; em breve adoeceu.

Morta a esperança, a vida torna-se um pesado fardo.

Ah! se não fossem os filhos! Mas o que seria dos pobrezinhos sem amparo no mundo?!

Era preciso lutar com o desespero que lhe ia na alma.

Nas suas longas cismas, nunca uma ideia pouco lisonjeira ao eleito do seu coração passou-lhe pela mente.

Se não escrevia, se não voltava, é que a morte o roubara sem dúvida, ao seu extremoso seio.

Chorava muito então, pedindo a Deus que lhe poupasse a vida até que os filhos pudessem ter um destino certo.

Como, porém, nem sempre as nossas súplicas chegam até ao céu, a enfermidade progredia, e a mártir da saudade sentia a morte avizinhar-se.

*

* *

Por uma noite de outono, tão bela como melancólica, em que o luar estendia-se preguiçosamente pelo branco areal que cercava a pequena habi-

tação do padre da vida, um pobre velho rico de virtudes e bondades, ele que se preparava para sair, foi detido por um viajante que lhe veio bater à porta.

Vê-lo e abrir-lhe os braços foi obra de momento.

O sacerdote reconhecera imediatamente no recém-chegado o seu paroquiano a três anos ausente, o marido da pobre enferma que havia instantes o mandara chamar para ouvi-la em confissão.

O viajante estava pálido e abatido.

Procurara o padre para contar-lhe a sua história, pedir-lhe que o aconselhasse e que o acompanhasse até junto da esposa a quem não tinha coragem para confessar as suas culpas.

Fora ingrato, muito ingrato para com ela, e, embora arrependido, temia não conseguir o perdão almejado.

Seguindo a rota vulgar, ele desconhecia o coração das mulheres.

O padre ouviu-o pacientemente, e sabendo que ele em um ano dissipara uma pequena herança que inesperadamente recebera, e que só agora, vendo-se pobre, inteiramente sem recursos, mal visto pelos seus companheiros de trabalho e abandonado pelos que o haviam ajudado a esbanjar o que lhe legara seu pai, laborioso ancião, lembrara-se de vir ao encontro da esposa e filhos esquecidos há tanto, contou-lhe a tocante e honrada história da companheira de seus dias, velando dia e noite pela prole querida e trabalhando para surpreender um dia o marido idolatrado, com recursos imprevistos.

Ardentes lágrimas banharam o rosto do arrependido, que suplicou ao velho amigo da família para que o acompanhasse sem demora à sua antiga morada.

O padre disse-lhe então que a esposa agonizava, e esta desoladora nova arrancou fundos soluços ao marido infiel.

*

* *

Vai amanhecendo. Os primeiros albos da manhã entram de manso pelas frestas da janela. Os galos saúdam o dia batendo as asas e desprendendo o seu expressivo canto, saltam do poleiro.

A natureza está semiacordada.

Junto do leito de uma moribunda estão ajoelhadas duas crianças e um homem. As crianças pedem a Deus pela vida da mulher que é a sua mãe; o homem chora, tendo entre as suas a mão quase gelada da enferma.

Um padre reza aos pés da cama.

Pouco a pouco o véu da morte desce e se vai estendendo, até que afinal cobre aquele grande coração!

Um grito, um grito de dor, imenso e sincero, ecoa na modesta alcova.

Coragem murmura o sacerdote parando a oração.

Resigna-te! Ela perdoou-te!

Vela pelos teus filhos e com a importância que encontrarás naquele cofre, e que é fruto de um trabalho honrado, recomeça a tua vida que Deus se compadecerá de ti.

Tens no céu uma alma de mulher a guiar de ora avante os teus passos.

Coragem!

Um drama no mar

A Alfredo L. Melo

Rezava assim o manuscrito que encontrei uma tarde calma e silenciosa em que passeava distraidamente à beira-mar:

“A noite ia alta, o luar branco, muito branco, estendia-se pelo longo da praia, semelhante um lençol intérmino que mão ignota estendesse naquele sítio para aguardar as fadas da noite que ali quisessem repousar.

Silêncio profundo.

O mar calmo, sereno, servia de espelho ao firmamento, adornado de suas mais preciosas joias.

Nem mesmo o oceano tinha soluções ou queixas.

Terra, mar e espaço repousavam!

Aproximamo-nos da praia e olhamos em silêncio a grandeza e a vastidão do mar!

Depois... *ele* falou, contou-me a sua história, lúgubre tragédia desenrolada no alto mar, por uma noite como aquela, bela, serena, silenciosa e triste.

Caminhávamos lado a lado pelo cais, parando às vezes para escutar, se nos parecia ouvir ao longe algum rumor.

Ele dizia: – O amor não vê, não ouve, não sente, não acredita, não quer conselhos, não reflete, não atende a razões!

Ou antes: – Vê, ouve, sente, crê, escuta vozes aéreas, reflete a sua modo e atende a razões que só ele conhece, quando a desconfiança, fantasma implacável, vem roubar-lhe desapiedada o sossego!

Oh! o amor, o amor!

Eu era jovem, o sangue quente dos filhos do meu país corria febricitante em minhas veias, e eu amava, amava do único e verdadeiro amor, o amor que não mede sacrifícios!

Não sei se poderás compreender o que te digo, não sei se já amaste, se já tiveste zelos de alguém?!

Não respondi, mas o meu coração suspirou baixinho, tão baixinho que o meu infeliz companheiro não ouviu por certo.

Persistes, continuou, em querer ouvir o epílogo desse drama lutulento, dessa tragédia negra como o abismo, horrível como o crime?

Respondi meneando afirmativamente a cabeça.

Prossigui: – Todos dormiam a bordo; levantei-me sem fazer bulha, caminhei descalço e penetrei no camarote onde a minha amada dormia tranquilamente.

Aproximei-me e cravei sem hesitar o punhal que sempre me acompanhava, no coração daquela formosa mulher.

A minha amada entreabriu os olhos, soltou um suspiro e emudeceu para sempre!

Não tremi, não vacilei, não senti arrependimento; e eu amava-a tanto, tanto!...

Saí em pontas de pés, mas apressadamente e procurei o camarote do meu melhor amigo, porém, que eu então considerava meu rival.

A porta estava semicerrada, entrei, o beliche em que ele repousava ficava ao alcance de meu braço; estendi este, e quando ia prestes a tocar o alvo, a vítima acordou e olhou-me sobressaltada.

Que há? Perguntou, procurando sentar-se.

Não respondi. Mais moço, mais forte e horivelmente exaltado, não me foi difícil subjugar-lo e cravar-lhe o punhal ainda tinto do sangue da mulher

que decidira da sorte de nós ambos.

Fugi em seguida, sem mesmo saber ao certo se ficara morta a minha segunda vítima.

As minhas forças, a minha coragem estavam esgotadas.

Sentia horror de mim mesmo... mas... coisa extraordinária, não estava arrependido!

*

O narrador calou-se alguns momentos para enxugar o suor que lhe inundava a macilenta fronte.

Perguntei timidamente, encarando-o um tanto assustada:

– E depois?

Depois passou um drama providencial que eu estava longe de esperar.

A noite transformou-se rapidamente, um vento impetuoso começou a soprar, o céu cobriu-se de nuvens negras, e grossas bâtegas de água caíram em seguida.

A súbita tempestade despertou todos a bordo. Todos! Todos os que podiam despertar!

As minhas vítimas dormiam para sempre!

Momentos depois o mais horrível temporal ameaçava tragar o navio.

Gritos, blasfêmias, orações, preces, tudo misturava-se num concerto fantástico.

Ignoro se alguém em meio aquele pandemônio, lembrou-se de procurar os infelizes assassinados.

Naturalmente não.

Antes da madrugada as esperanças de salvação estavam perdidas, e os primeiros albos do dia o navio sepultava nos profundos mistérios do oceano o mais negro dos crimes!

O mais, bem sabes; dei acordo de mim muitas horas depois e vi-me estendido na praia rodeado de curiosos e de alma piedosas que procuravam chamar-me à vida.

Ajoelhada a meu lado, tinhas entre as tuas as minhas mãos, geladas.

O meu primeiro olhar de ressuscitado cruzou-se com o teu, angélica criatura a quem devo a pesada existência.

Quando mais tarde, no correr da noite, ouvi contar que foras a minha salvadora, pois que aos teus gritos na praia avistando o meu corpo que as vagas impetuosas teimavam em trazer para a terra, quando deviam sepultar para sempre, fora que um grupo de pescadores acudira e retirara-me das águas quase já sem vida, pensei que existiam anjos na terra; pensei e penso ainda.

Não tinha o direito de negar-te coisa alguma; quiseste saber a minha história e acabas de ouvi-la.

Há dois anos arrasto a vida pedindo a Deus a morte.

Ela teima em não vir.

Não queria procurá-la por minhas mãos para não cometer novo crime; mas ah! uma circunstância de todo imprevista, lançou hoje em minhas mãos a prova irrefutável da inocência da minha amada e do meu infeliz amigo.

Morreram sem culpa!

Amavam-me muito!

Como se uma força oculta, misteriosa, detivesse-nos o passo ao mesmo tempo, paramos e eu deixei escapar esta lancinante exclamação: – É horrível meu Deus! É horrível!

Diante de mim estava a figura daquele homem que há dois anos eu amava no mais profundo dos segredos, e esse homem era um criminoso de morte!

Durante um segundo pareceu-me ver como que lhe lampear na destra um punhal tinto de sangue. Era uma visão.

Cerrei os olhos para não ver aquele infeliz que eu amava, porém a visão desfez-se ao som do baque de um corpo caindo na água.

Abri os olhos espavorida; estava só!

Junto a mim o mar agitado pelo choque que acabava de receber, parecia gemer ofegante...

O céu estava sereno, a lua continuava a sua peregrinação e a natureza revestia-se dessa profunda mágoa que a horas mortas empresta-lhe o luar.

Ajoelhei soluçando e muito do fundo da alma pedi a Deus por aquela vítima do amor.”

Aqui findava o manuscrito, onde a autora destas linhas divisou claramente vestígios de lágrimas.

Estrelas obumbradas

À Ibrantina Cardona

Não pertenço ao número dos fanáticos por crianças, mas confesso que as há interessantíssimas.

As gentis inspiradoras deste singelo conto, faziam parte desses seres dotados pela natureza com o dom de encantar.

Conhecia-as na última primavera, quando por enfermidade passei algum tempo no campo.

Eram três, duas meninas e um rapazinho.

Muito brancas e rosadas, com os olhos escuros e cabelos que à lua do sol semelhavam fios de ouro, pareciam antes três anjos do senhor, que três criaturas da terra.

Logo pela manhã iam visitar-me; quase sempre descalças, mas muito asseadinhas, muito penteadas.

A mais velhinha teria oito anos, a outra seis e o menino quatro incompletos.

Deliciosa trindade: Luiz, Mariquinhas e Clarice.

Vivos, espertos e conversadores, sem serem dessas crianças travessas, buliçosas e importunas, que só podem ter encantos para os pais, os meus pequenos amigos captaram desde logo a minha simpatia.

A primavera e o estio passamos em intimidade; à entrada do outono deixei-os saudosamente, por uma tarde esplêndida que jamais esquecerei.

Trouxeram-me flores na despedida e abraçaram-me tão carinhosamente que não pude deixar de chorar.

Quem sabe quando os tornaria a ver!

Os pais, muito amorosos, prometeram-lhes que os trariam à cidade a visitar-me.

Alegraram-se com essa promessa, os pobrezinhos.

Vão, vão, disse-lhes eu, verão como pago estas flores com deliciosos doces.

Passou o outono e ia em meio a quadra hiberna, quando negócios de família obrigaram-me a uma pequena viagem em que tive de passar pelo ameno sítio onde gozara a primavera e onde deixara os meus pequenos camaradas.

Não foi sem um certo contentamento que horas depois da minha chegada, pensei em ir surpreender a boa e modesta família.

Saí só e dirigi-me à pequena habitação que não distava muito.

Acercando-me da casa, admirei não encontrar com algum dos meninos.

Que haveria?

A porta estava apenas encostada; empurrei-a e entrei.

A um canto da sala sentado junto a uma mesa e tendo a cabeça pendida nas mãos, estava o chefe da família, enquanto a mulher ia e vinha seguidamente do leito à mesa e desta para aquele, conduzindo uma das almofadas do mesmo, que colocava com cuidado sobre a mesa, para retirar logo após.

Ao som dos meus passos o homem ergueu a cabeça e conhecendo-me veio ao meu encontro.

Estava completamente desfigurado. Apertou-me a mão sem dizer palavra, porém, com os olhos rasos de lágrimas.

Pressenti alguma desgraça.

A mulher parecia não ter dado por mim.

Onde estão os pequenos, perguntei?

Ah! murmurou o pobre pai soluçando, a peste levou-os! . .

Estremeci de espanto e dor. Tamanha desgraça confrangia-me acerbamente.

Acompanhando o infeliz em sua justa mágoa, chorei sinceramente compungida, perguntando-lhe o que fazia a esposa.

Está louca, pois não vê? Fale-lhe.

Adiantei-me e tomei-lhe a mão.

Olhou-me como que assustada.

Trouxe o caixão? Disse interrogando-me.

Não respondi. Ela continuou: – Levem a Clarice e venham buscar o Luizinho.

Olhe, não vê como ele está em cima da mesa? E apontava para a almofada que ali colocara.

A Mariquinhas foi a primeira. Trouxe o caixão, trouxe?

E continuava a sua faina de carregar (segundo supunha) os pobres filhinhos, do leito para a mesa!

Dolorosíssimo espetáculo!

Sempre chorando, pedi ao desolado pai que me contasse aquela extraordinária desgraça.

O infeliz relatou-me então, que dois meses depois da minha partida a terrível epidemia de varíola assolara aquele sítio, fazendo inúmeras vítimas. Que seus filhinhos haviam sido atacados horivelmente, perecendo os três no espaço de dois dias!

Mal saía o enterro de um, ia outro para cima da mesa!

Finalmente, que sua esposa enlouquecera em seguida, e que ele rogava a Deus junto ao túmulo dos filhos, que o levasse quanto antes.

Parti no dia seguinte, não sem ir primeiro cobrir de singelas flores o túmulo de meus saudosos amiguinhos.

E, desde então, tenho muitas vezes diante dos olhos dois quadros bem diversos:

– Mariquinhas, Clarice e Luiz, cheios de vida e encantos e a pobre louca carregando nos braços com extremo carinho, os filhos imaginários!

Oh! contrastes da vida!

Oh! peste cruel, quantas centenas de almas te amaldiçoam!

O milagre da virgem

À Cândida Fortes Brandão

Conquanto o céu estivesse envolvido no seu cetinoso manto azul, o mar sereno e a natureza em galas, os marujos, esses homens habituados a conhecer o tempo, falavam entre si de próxima tormenta.

Jacques, o mais velho dos marinheiros do brigue *Veloz*, estava mesmo taciturno.

O pobre homem deixara a família em terra, a esposa que acabava de dar-lhe mais um filho, ainda no leito; e o seu primogênito que completava quinze anos e embarcara nesse dia, com o pai, para seguir a vida do mar, mostrava-se apreensivo e evitava os companheiros.

O coração como que lhe anunciava alguma coisa lúgubre.

Apesar, porém, de tudo isso, o navio seguia a sua rota sem novidade; o capitão lia tranquilamente um romance de Eschrich, reclinado na sua cômoda poltrona e a marinhagem tratava das costumadas ocupações diurnas.

Passou serenamente o dia, porém, quando a noite estendeu o seu pesado manto sobre a terra, ou antes, sobre o mar, somente água avistava-se então, o navio começou a jogar fortemente; o vento que até aí fora favorável, mudou de repente e o firmamento toldou-se de negras e pesadas nuvens.

Não tardou que uma chuva acompanhada de fortes descargas elétricas começasse a cair.

A marinagem estava toda em movimento; o piloto e o capitão desenvolviam a maior atividade a fim de prevenir qualquer incidente.

A tempestade, no entanto, recrudescia.

Pelas dez da noite a tempestade estava em todo o seu furor, e os marujos correndo de um para outro lado, escorregando aqui e segurando-se ali para não caírem ao mar, misturavam no seu atropelo preces à N. S. dos Navegantes e pragas a todos os demônios do inferno.

Jacques não obstante a sua avançada idade, pois estava a entrar nos sessenta, era sempre o primeiro a executar as ordens do capitão e a aparecer nos pontos mais arriscados. Porém, se a escuridão da noite não fosse tamanha, que o encarasse por mais de uma vez veria que os seus olhos estavam rasos de água.

É que o velho marujo lembrava da família, pensava na esposa a quem uma nova fatal poderia causar a morte, e pensava nos filhos que ficavam ao desamparo, órfãos de pai e mãe.

De repente, em meio aos trovões medonhos, aos uivos do vento, à sinistra claridade dos relâmpagos e à bulha incessante da chuva, ouviu-se um grito que ecoou lugubrememente em todos os peitos, homem ao mar!

E quase ao mesmo tempo: – É o pequeno filho de Jacques!

Um segundo grito soou, acompanhado do baque de um corpo na água.

Era o infeliz pai que se precipitara em socorro ao filho.

Valha-os a Senhora dos Aflitos, bradou o piloto que tinha em Jacques o seu melhor amigo.

E a Virgem ouviu-o.

Instantes depois, o velho lobo do mar, conhecidos por todos como invencível nadador, segurava o filho prestes a afogar-se, e graças aos prontos socorros que lhe era lançados de bordo conseguiu salvá-lo!

Mesmo em meio do horror da tormenta, houve uma exclamação ruidosa quando os dois homens chegaram acima.

– Salve-nos a Senhora da Bonança e mandaremos rezar-lhe uma missa no primeiro porto em que desembarcarmos.

Como se a Santa quisesse premiar aquele amoroso pai, a tempestade começou a serenar; o vento enfraqueceu, a trovoadas parou e a chuva torrencial que caía foi pouco a pouco diminuindo a intensidade.

Operava-se uma verdadeira transformação.

Quando rompeu a aurora, a natureza estava em completa paz.

Só os estragos do brigue *Veloz* não desmentiam a noite que acabava de findar.

Quinze dias depois, trajando os seus fatos domingueiros, assistiam os tripulantes de um brigue que estivera prestes a naufragar a uma missa em louvor a N. S. da Bonança.

Por uma coincidência, a missa tinha lugar na vila em que nascera Jacques, o herói da noite.

Os gêmeos

Ao caro Romeu

Ele chamava-se *Coração*, ela chamava-se *Esperança*.

Ele era soturno, meditativo, tristonho; ela era alegre, risonha, jovial.

Abraçados, unidos, satisfeitos percorriam o jardim, colhiam flores com que ela se enfeitava, e vagavam depois de horas esquecidas, à beira mar, para escutar o marulhar das ondas e o canto merencório dos pescadores.

Nas noites de lua, ele, esquecido de tudo quanto o cercava, até da querida e inseparável irmã, entregava-se às suas doridas cismas e suspirava. Suspirava pelo desconhecido.

Ela vinha então disfarçando o seu enfado por vê-lo assim, lhe afagar os sedosos cabelos e beijá-lo na fronte empalidecida.

Coração despertava então do profundo letargo em que se mergulhara, e lá se iam os dois unidos, abraçados adormecerem à feiticeira sombra dos jasmineiros floridos.

Um dia... o Amor chegou.

“O Amor” era um rapazito de olhos negros, buliçosos, que há tempos dava a perseguir o pobre *Coração*.

A *Esperança* amuou-se porque o irmão quis imediatamente abrir-lhe as portas do seu domicílio; mas o *Coração* não esteve para atendê-la, e o *Amor* entrou naquele lar até então venturoso, e começou a exercer ali o seu grandioso império.

Em breve era morta a tranquilidade daquela feliz vivenda. E o *Amor* ria, ria perdidamente, vendo o *Coração* sofrer e a *Esperança* definhar a olhos vistos.

Uma noite em que o *Coração* saíra sem a irmã, a passear com o malévolo *Amor*, ela, a pobrezinha, sentiu-se desfalecer, perdeu pouco a pouco as forças e, por fim, sucumbiu.

Desde essa noite o desventurado irmão soluça sem cessar!

Todos o lamentam, todos buscam consolá-lo, porém o infeliz não tem conforto.

E... quanto mais ele sofre, mais espinhos lhe crava o cruel *Amor*, que dia a dia apodera-se das poucas forças que restam ao seu desolado companheiro, a quem quanto mais subjuga, mais gotas de fel chega aos lábios, com um prazer satânico!

Oh! maldito seja esse tirano, – o *Amor*!

A suicida

À minha Revocata

Branca, muito branca, dessa palidez diáfana difícil de explicar, ela ali estava agora no caixão mortuário, dormindo o derradeiro sono.

Com os olhos cerrados; as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, esperava a infeliz o momento da partida.

Suicidara-se por amor.

Inteiramente descrente, dum ceticismo que parecia inquebrantável, olhando sem interesse quanto a rodeava, passando pelo mundo como os cegos, sem ver coisa alguma, sentindo-se um dia inopinadamente presa ao amor.

Amara o talento; para ela esse facho rutilante que ilumina os cérebros privilegiados, ofuscava qualquer atrativo físico; por isso não fez parte do número dos que se sentem presos apenas por um olhar.

Viu muitas vezes com indiferença o homem que mais tarde, se quisesse, se pudesse compreendê-la, poderia dar-lhe a almejada coroa da felicidade; e só amou-o quando descobriu em sua bela fronte a sacrossanta auréola que tanto a fascinava.

Mas então, amou-o louca e perdidamente!

Divisava-o em toda a parte embora a pesada mão da fatalidade o afastasse dela sem cessar.

Daria tudo pelo seu amor; tudo, até a própria vida.

Ele, porém, nada lhe pedia, nada parecia almejar daquele coração trucidado por um afeto único, sincero, imperecível.

E a vítima sucumbia aos poucos.

Que luta! Sufocar o coração que se debate ansioso parecendo-lhe em demasia pequeno o cárcere em que o prendem!

Dizer-lhe: cala-te, emudece, contem-te; e ele responder: impossível, amo, adoro, idolatro, quero repetir a todos os instantes o nome que me seduz, que me inebria!

Que luta, que luta insana!

Victor Hugo, disse: “Um pensamento fixo leva à loucura ou ao suicídio”. Ela não enlouquecera, tinha necessidade de suicidar-se.

Quando empalidece, desmaia, morre à míngua de seiva a última esperança, o que resta aos corações que transbordam desse sentimento sublime que se chama – Amor!? A morte, unicamente a morte, porque dizem que traz o descanso eterno!

Era mister pois buscá-la já que a impiedosa teimava em não aparecer a quem a chamava incessantemente.

Um dia, farta de sofrer em silêncio, onde o sofrimento é talvez mais do que duplicado, com uma coragem que ela mesma estava bem longe de supor possuir, encostou o cano de um revólver ao coração e disparou a arma abençoada.

A morte foi instantânea.

E agora, com os olhos cerrados, as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, ela aguardava o momento da partida.

Perto, sobre um altar forrado de negro, alumiado pela baça luz dos círios, um Cristo crucificado olhava-a serenamente, como a dizer-lhe: – eu te perdoo,

mártir. O amor redime todas as culpas.

A madrugada ainda não rompera, porém a noite estava prestes a despedir-se.

Longe gemia um violino.

Se ela pudesse ouvi-lo! Ela que amava tanto a música!...

SEGUNDA PARTE – CINTILAS

À mocidade alegre, descuidosa.
Que tem crenças, sorriso, ilusões,
Mando esses contos de modesta prosa
Traduzindo *cruéis* decepções.

Uma decepção

A minha amiga Ivanoska, que seja dito de passagem é uma gentilíssima rio-grandense, possuidora de um coração impressionável e apaixonado, contou-me um episódio que há dias dera-se com ela e que a sensibilizara bastante.

A minha amiga esqueceu-se talvez de pedir-me segredo e por esse motivo vou relatar aqui a decepção porque passou Ivanoska.

É possível que a lição aproveite às frequentadoras de bondes; sim, porque o caso passou-se em um bonde.

Pela tardinha, depois que o sol cansado de beijar as flores, aquecer os ninhos, inspirar os poetas e mirar-se nos lagos, começara a descambar suavemente, como que a procurar a rede dos sonhos em que devia engolfar-se por algumas horas, Ivanoska, segundo o hábito adquirido já há meses, por conselho médico, saiu a dar o seu passeio higiênico.

Entrou em um bonde resolvida a aproveitar a excelente tarde visitando uma amiga que na véspera mandara participar-lhe o seu contrato de casamento com um rapaz há pouco chegado ao lugar.

O bonde levava um número regular de passageiros, e Ivanoska embora afeita a andar acompanhada apenas pela sua gentil sobrinha, que não conta mais de quatro anos de idade, sentiu-se um tanto confundida e entrou no bonde sem reparar nos seus companheiros de viagem.

Pouco a pouco, porém, ora aqui, ora ali, foram descendo os passageiros, e Ivanoska reparou então que a seu lado, isto é, no mesmo banco em que ela estava, achava-se assentado um belo rapaz de olhar estranhamente expressivo, bigodes cuidadosamente penteados e mão deliciosamente aristocratas.

Ivanoska simpatizou com o vizinho; ele por sua vez pareceu preocupado com ela.

Ambos procuravam disfarçar, mas, involuntariamente de instante a instante os seus olhos encontravam-se.

O bonde avançava rapidamente, porém, o rapaz continuava no seu posto sem parecer ter tenções de apear-se.

Ivanoska pensava:

Não chegaria ele ao seu destino ou estará de propósito demorando a viagem?

A pequenita, inquieta como o geral das crianças, lembrou-se de apoderar-se da bengala que o moço pálido – porque o rapaz era pálido – trazia consigo e colocara entre os joelhos.

Ivanoska quis deter a criança, porém ele apressou-se a pô-la ao colo, sorrindo ligeiramente à moça que se sentia perturbada.

Entabulou-se logo animada palestra entre a menina e o seu obsequioso companheiro de viagem.

– Como se chama?

– Gosta de passear?

– Quer chegar depressa?

A esta última pergunta, a pequena como se fora sugestionada por Ivanoska, respondeu sem demora:

– Não; e o senhor?

Ele sorriu maliciosamente e voltado para a pequena, porém como falando a *alguém*, respondeu:

– Eu desejo que o bonde demore a viagem pelo menos duas horas!

Ivanoska sentiu vivo calor subir-lhe ao rosto e disfarçou a emoção olhando para o outro lado.

Feliz ou infelizmente o bonde voltou uma esquina e a casa da amiga de Ivanoska apareceu ao longe.

O moço dos olhos tristes olhou na direção que Ivanoska olhara, como se adivinhasse que ela ia apear-se ali.

Dez minutos depois o bonde chegava em frente à citada casa e ao mesmo tempo a moça e o rapaz davam sinal para que o veículo parasse.

Surpresa! Tinham o mesmo destino!

Desceram os três e entraram juntos no corredor pintado de verde, da casa onde Ivanoska devia receber a mais cruel decepção.

Imediatamente a porta abriu-se e a amiga querida apareceu sorridente.

– Oh! Já se conheciam?

E eles a um tempo: Não.

– Ivanoska, apresento-te o Sr. F., meu noivo.

– Sr. F. apresento-lhe Ivanoska, a prezada amiga de quem lhe tenho falado.

Desapontamento!!

Estes noivos, estes noivos!

Moralidade do fato:

Não é bom prestar atenção a moços desconhecidos que são encontrados em bondes.

As aparências iludem

Decididamente as minhas amigas pendem para o romance.

Ontem era Ivanoska quem contava-me o primeiro e último capítulo de uma aventura que passou veloz como o meteoro; e hoje, eis que surge-me logo pela manhã a minha cismadora Olnárcia, a relatar-me as negras penas que lhe vão pelo coração.

Por uma tarde calma, suave, deliciosa, em que a atmosfera poeticamente impregnada da inspiradora essência da magnólia, convidava a idealizar; em que o céu envolvido no seu régio manto cor do ciúme, revia-se majestoso nas quietas águas de um lago próximo; e um violino distante gemia dolorosamente ao lado de um piano que soluçava, sentindo correrem-lhe pelo teclado as acetinadas mãos de um digno discípulo do glorioso Artur Napoleão; por uma tarde assim, cheia de encantos e seduções, *elas* – falo de Olnárcia e do

romanesco Hamlet dos seus sonhos de mulher idealista – encontraram-se a só, pela primeira vez.

Havia já muitos meses que se conheciam e... amavam, mas, *por uma fatalidade* não tinham tido jamais ocasião de acharem-se separado ainda que por instantes, dos olhares profanos dos indiferentes.

Como esse momento devia ser almejado por ambos.

Quantas noites levava ela entregue a doiradas cismas, pensando naquela sombria figura que lhe aparecera pela primeira vez elegantemente envolta na sua custosa capa espanhola! Quantas, quantas!

Seria poeta? Far-lhe-ia a doce confissão do seu amor em um dulcíssimo soneto, estilo Luiz Guimarães? Tocaria violino, bandolim, guitarra? Amaria a música como Carlos Gomes ou seria apaixonado pela arte que imortalizou Rubens?

Quem sabe se a horas mortas da noite, enquanto ela dormia, não estaria ele ocupado em retratá-la, fechado em seu gabinete de artista? Quem sabe?

Olnárcia não indagava coisa alguma relativamente ao eleito de seu coração, porque não tem o hábito de divulgar o que lhe vai pelo íntimo.

Desejava saber muito, mas não interrogava quem quer que fosse para não levantar suspeitas. A minha jovem amiga detesta os indiscretos.

O tempo corria, ora parecendo-lhe lento ora célere, quando um dia o acaso, o destino, a fatalidade, o quer que fosse enfim, tomou a si a tarefa de escrever o epílogo daquele amor de sonhadora de utopias.

Foi na tarde que já descrevemos que o caso se passou.

Um acidente que não vale sequer o trabalho de o relatar, encarregou-se em uma festa de colocar em frente um do outro, inteiramente sós, os nossos enamorados personagens.

Olnárcia empalideceu. Um tremor nervoso lhe percorreu o corpo todo.

Não sabia o que desejar, tal era a sua confusão.

Queria ouvi-lo e tinha certeza que lhe faltariam as frases para responder-lhe.

Ah! mas como fugir de um tão sonhado momento!

Ele parecia também um pouco aturdido e conservava-se mudo.

Olnárcia conheceu que não podia nem devia prolongar aquela cena. Era mister que se separassem; ergueu-se.

Ele então com um olhar súplice, pareceu pedir-lhe que esperasse um instante.

Olnárcia pálida, ofegante, esperou uma palavra que valesse para ela um poema. O rapaz tirou o lenço do bolso e passou-o demoradamente pelo rosto, depois, depois tomando a atitude de quem vai pronunciar uma solene sentença, descerrou os lábios e deixou escapar estas memoráveis palavras:

– Faz muito calor! V. EX. não deseja tomar um sorvete?

A minha amiga sentiu uma nuvem de fogo subir-lhe ao rosto, depois um calafrio lhe percorrer o corpo.

Um aborrecimento, uma espécie de tédio apoderou-se dela.

Deu dois passos, olhou de alto a baixo o homem que tinha diante de si, e, sem ter tempo de pesar as palavras, pronunciou como resposta esta esmagadora frase: – *Não me aborreça!* E afastou-se rapidamente do tipo vulgar com quem gastara tão mal os seus sonhos de idealista.

“As aparências iludem”, disse eu ouvindo-a.

O juramento de Maricota

Carlitos tinha uma paixão ardente, ardentíssima mesmo, pela graciosa Maricota, filha mais moça da tia Felicidade.

Ah! a Maricota era o mais doirado sonho do rapaz. Mas... a endiabrada menina apesar de filha da *felicidade*, dava amarguradas horas ao amoroso primo.

Sim, ao amoroso primo, porque o Carlitos, sendo sobrinho da Felicidade, era por ordem natural das coisas primo irmão da gentil Maricota.

É verdade que às vezes ela dava-lhe ouvidos às queixas, concedia-lhe alguns olhares expressivos e até chegava a dizer entre dentes – entre dentes, é certo – porém sempre dizia: – Talvez, talvez...

*
* *

O Carlitos como todos os namorados, tinha horas de febre, de desespero, de desânimo, que eram após recompensadas por momentos de intraduzível júbilo.

Maricota além dos inúmeros encantos físicos, possuía muitas virtudes, valha a verdade, mas era um tanto volúvel; e depois, o coração não é escravo que obedeça e a Maricota conhecia um quartanista de Medicina que lhe falara à alma muito mais que o primo Carlitos.

Ora, pensava ela, santos de casa não fazem milagres.

O estudante escrevia versos e os versos em todos os tempos têm tido um poder quase invencível sobre as mulheres.

Por uma fatalidade dessas que descem de além, o pai de Carlitos adoeceu e reclamou a presença do filho, o único varão que possuía.

O rapaz amava o pai, a mãe, as irmãs e sem dúvida todo o resto da família, porém a Maricota, a Maricota, é que o preocupava em extremo.

E o maldito estudante que para mal dos pecados estava poeticamente enfermo, não devendo por esse motivo retirar-se tão cedo da cidade...

Ah! se os demônios o levassem para o inferno!

*
* *

Contra a força não há resistência e o pobre namorado teve que partir sem ao menos saber ao certo quando voltaria.

Chorou (isto aqui muito segredo), chorou, levando apenas para lhe suavizar a saudade, a certeza de que Maricota não casaria em sua ausência; porque Maricota fazia timbre em não mentir, e ela jurara-lhe que não casaria enquanto ele não chegasse.

As cartas, como era de supor, não se faziam esperar.

Era contar com elas por todos os vapores.

Invariavelmente concluíam assim:

“Maricota, não esqueça o seu juramento”.

A rapariga sorria ao lê-las; é que o namoro com o estudante, depois da partida de Carlitos, caminhava a olhos vistos, corria, voava.

Ele já frequentava a casa e dava indiretas de casamento.

De tempos a tempos, Maricota não podendo mais fugir aos pedidos do primo, escrevia-lhe duas linhas, sempre a mesma coisa: “Jurei, está dito, não casarei em sua ausência”.

*
* *

Repentinamente começou a espalhar-se na cidade que a filha da D. Felicidade casava com o futuro Dr.

A velha não gostou do caso, ela estimava o sobrinho; e as irmãs mais velhas de Maricota lembraram-lhe o juramento.

Façam o favor de se não ocuparem comigo, dizia ela. Sustentarei a minha promessa.

Como mais moça era em casa como se costuma dizer, o S. Benedito, isto apesar de ter cabelos louros e ser mais branca do que a neve; de forma que, quando o estudante um dia apareceu casacalmente vestido a pedir a mão de Maricota, a velha embora assaz contrariada, teve que responder:

– Se minha filha quer, desde já pode dizer que é ela sua noiva.

Tratou-se o casamento e começaram os preparativos, mas, sem dia fixado.

A mãe andava sorumbática, as irmãs conversavam envergonhadas do procedimento de Maricota.

Que dirá ela ao Carlitos que segundo escreve voltará dentro em três meses?

A noiva do estudante era a única tranquila.

Tudo arranjaréi, estejam todos descansados.

*
* *

Carlitos telegrafou: *Constou-me um crime, um perjúrio. Parto sem demora.*

Carlitos.

Maricota apressou o casamento.

A família não compreendia, mas resignava-se. O noivo ria, ria sem pena como geralmente riem os rivais preferidos.

Os jornais anunciavam a chegada de Carlos Amaral, que se dizia vinha casar.

O pai falecera e ele trazia avultada fortuna.

Os noivos continuavam a rir desapiedadamente.

*
* *

Despontou finalmente o dia em que, segundo o anúncio da agência, devia chegar o pacote onde tomara passagem o sobrinho da tia Felicidade.

O casamento de Maricota realizava-se nesse dia, ou antes, na noite desse dia.

Pela manhã, a noiva mandou à agência saber mais ou menos a hora em que o pacote devia entrar. A resposta foi: Às sete da tarde.

– Pois bem, casarei às oito, disse ela.

A família continuava a não compreender. Quererá ela que o primo assista ao casamento?

Mas isso seria inqualificável!

Pela tardinha, tiveram lugar os últimos preparativos. Chegaram as amigas, vieram depois as testemunhas do ato, mais tarde o noivo, e finalmente o celebrante.

Tudo estava pronto, porém, a noiva não aparecia, pedia uma pequena demora.

Notava-se nos circunstantes uma certa impaciência.

De repente ouvem-se passos apressados na escada, e a criadinha particular de Maricota entra na alcova como um raio e fala a meia voz com a noiva, que se levanta imediatamente e dirige-se à secretaria onde escreve rápido bilhete que entrega à rapariga. Esta parte sem demora.

Maricota, radiante de felicidade, dá entrada na sala, pelo braço do padrinho.

Um quarto de hora depois estava casada.

E o primo? Dirão os leitores.

Carlitos ao pisar em terra recebeu o seguinte bilhete:

Carlitos. Como sempre cumpridora da minha palavra, não quis casar em sua ausência. Só depois de sua chegada a esta cidade realizei o meu casamento.

Maricota.

Duas desilusões

Foi por uma noite fria e chuvosa, verdadeira noite de inverno, sem estrelas no céu, sem passeantes nas ruas, sem brisas ciciando pelas franças dos arvoredos, que o Ernesto procurou-me.

O Ernesto era um bom rapaz, a quem prendiam-me elos de verdadeira estima.

Conhecera-o em uma época bastante dolorosa para mim; cheia de sofrimentos físicos e morais que me obrigavam a não procurar distrações, levando por conseguinte uma vida enfadonha.

Ele vinha assiduamente oferecer-me os seus serviços, como se fora um bom irmão; depois conversávamos largamente, e assim passava-se o tempo.

Era uma afeição desinteressada, quando me restabeleci, ele deixou de vir diariamente. De tempos a tempos, porém, Ernesto aparecia-me para dar-me contas de sua vida, assim como se me considerasse sua irmã mais velha. Tinha alguns bens de fortuna e como não tinha família desejava casar-se para ter quem o cuidasse, dizia-me ele; porém, queria uma mulher que o amasse verdadeiramente, sem meditar um instante na sua fortuna.

Depois de alguns meses de indecisões, resolveu-se a oferecer a sua mão a uma simpática e modesta jovem em quem supunha ter encontrado o seu ideal.

Longe da sua terra, porque o bom Ernesto era português, vestindo modestamente e sendo um extremo retraído, pensava o pobre rapaz que ignoravam todos, os meios pecuniários de que dispunha.

Desse mistério contava ele tirar a certeza da sua felicidade.

A sua escolhida, apelidada em família Ceci, era pobre, porém pertencia a uma família honrada, muito trabalhadora e que cercava Ernesto de cuidados e carinhos.

Estavam as coisas no melhor pé e o casamento devia efetuar-se no fim daquele ano, porque a noiva só morosamente podia fazer o enxoval, visto os raros presentes do noivo, que continuava a guardar segredo sobre a sua fortuna.

O meu camarada deixou inteiramente de procurar-me, o que por forma alguma surpreendeu-me, pois já estou habituada a essas coisas.

Camarada meu que deixa de visitar-me, sem que tenhamos cortado as relações de amizade, é contar que arranjou casamento. Só aparece para

dar-me parte do próximo enlace.

Se está ausente e cessa de escrever repentinamente é o caso sabido, está para casar.

Acostumada portanto a esse curioso modo de proceder, não estranhei a ausência de Ernesto que, sem dúvida alguma, andava a sonhar pelo encantado país das ilusões, esse país onde há tão negros abismos!

*
* *

Foi por uma noite fria e chuvosa, como disse no princípio desta narrativa, que o meu desventurado amigo procurou-me.

Vinha triste e meditabundo. Com um rápido olhar conheci que alguma coisa grave se havia passado com ele e desde logo lamentei, porque indiscutivelmente eu tenho bom coração... além de que, queria bastante a Ernesto.

Depois de meia dúzia de suspiros, ele contou-me a sua desventura: – Necessitando ausentar-se por alguns dias a negócios do patrão, Ernesto resolvera deixar o seu retrato a Ceci, que antecipadamente chorava saudosa.

Nada lhe dissera, porém, a esse respeito. Ernesto tinha queda para o mistério. Retratou-se no melhor fotógrafo da cidade e depois de colocar em delicada caixinha a mencionada fotografia, para que Ceci logo à primeira vista não pudesse saber qual o presente que recebera, dirigiu-se para a casa da noiva.

Ceci estava à janela, esperando-o; ia caindo a noite.

Trocando afetuoso aperto de mão e após algumas palavras, o presente foi oferecido e aceito com viva satisfação. Avisado de que a futura sogra não estava, tendo saído a chamado urgente de uma amiga enferma, Ernesto foi obrigado a retirar-se pouco depois, prometendo vir mais cedo no dia seguinte.

Tristonho e saudoso seguia ele para casa, lembrando-se ternamente da sua amada quando reconheceu na calçada oposta a mãe de Ceci, que regressava.

Sem poder conter-se, pois imaginava quão fastidiosa lhe seria aquela noite, resolveu voltar ao lar querido da sua prometida.

Apressou o passo e poucos momentos após a chegada da dona da casa, entrava ele no corredor da modesta habitação.

Falava-se animadamente no interior da mesma.

Ernesto escutou: – É sem dúvida a surpresa do retrato. Quero ouvir o que diz Ceci sobre o meu físico.

Aproveitando a escuridão do corredor espreito pela fechadura da porta da sala, para onde acabavam de trazer luz.

A família rodeava a mesa do centro, junto da qual Ceci abria cuidadosamente a encantada caixinha. De repente houve um Oh! quase geral, e em seguida uma gargalhada da velha: – Podes limpar a mão à parede com o presente do teu noivo.

Os pequenos riam e batiam palmas: – Então isto é que é uma joia muito bonita?!

– Chi, que logro!

E Ceci o que dizia, perguntei ao desapontado rapaz; e sua noiva, então?

– Ah! ainda me parece um sonho.

Ceci atirou com o retrato desdenhosamente sobre a mesa, acompanhando a ação com estas memoráveis palavras: – Que cara de palerma, bem me dizia o primo Juca que este *galego* tinha o dinheiro aferrolhado. Terá tenções de o levar para a cova?! Cruzes, que noivo!...

– Meu pobre Ernesto, quanto sinto a sua desilusão.

E o que pretende fazer agora?

– Como sabe sou de resoluções prontas. Parto breve; e peço-lhe por despedida que escreva a minha história.

– Prometo-lhe, respondi, e intitulá-la-ei UMA DESILUSÃO.

– Perdão, DUAS DESILUSÕES.

– Como assim?

– É que amanhã remeto a Ceci este bilhete.

E Ernesto estendeu-me um papel que tirou do bolso.

Continha simplesmente estas palavras:

“Minha senhora

Restituo-lhe a sua palavra, o nosso contrato de casamento está desfeito.

Do *galego*

Ernesto”.

- A segunda DESILUSÃO será a de Ceci.

- Tem razão.

E Ernesto partiu há quase um ano. Não sei o que será feito dele...



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO: RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto «UID/ELT/00077/2013»**



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.